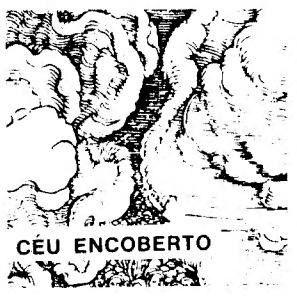
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUARTA-FEIRA, 16 DE MAIO DE 1973 — N.º 18101 — ANO 53.º — PREÇO 1$50



Um balão poderá salvar o projecto Skylab

HOUSTON, 16 — (R.) — O projecto Skylab poderá ainda ser salvo por astronautas empregando um balão gigantesco, preso à extremidade de um cabo.

A ideia do balão prevê que astronautas coloquem um balão no exterior da nave, na extremidade de um cabo de extensão. Depois, enche-lo-iam de ar, de forma a que pudesse actuar como um guarda-sol gigantesco, conseguindo, por esse processo, que baixe a temperatura na estação espacial excessivamente aquecida.

O calor excessivo e a alta temperatura dentro do Skylab atingiram 48 graus centígrados, constituindo agora a ameaça mais séria para a missão.

Outro risco é representado pela temperatura alarmante da parte exterior da nave. Atingiu já 120 graus centígrados e se continuar a aumentar o revestimento de alumínio principiará a dar de si.

Sob pressurização, o calor poderia fazer com que a nave se abrisse como uma lata de cerveja.

Contudo, funcionários da agência do espaço em Houston e em Cabo Kennedy continuam a encarar corajosamente todos estes dilemas. O director do programa William Schneider afirmou a noite passada: «Não enterramos ainda o doente. O paciente está mal e no hospital e confessamo-lo francamente».

ASSEMBLEIA GERAL DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

(Pág. 8)

Dez mil anos de prisão

Em San António, no Texas, Eugene Spencer, de 27 anos, foi condenado a 10 mil anos de prisão, por ter morto um polícia. Ao pronunciar a sentença, o juiz Archie Brown declarou que só a pena de morte poderia castigar tal crime, mas que, infelizmente, o Supremo Tribunal dos EUA a não permitia. Entretanto, na mesma cidade, John L. Harris foi condenado a dois mil anos de cadeia por crime semelhante. Apesar da extensão das penas os dois homens podem ser libertados, condicionalmente, ao fim de vinte anos. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

NÃO SE PREVÊ PARA BREVE O FIM DA CORRIDA AO OURO

LONDRES, 16 (UPI-ANI) — Peritos financeiros afirmam não prever para breve o termo da corrida ao oiro que elevou o preço do metal a níveis históricos, esta semana, na Europa.

Uma queda paralela na taxa de câmbio do dólar norte-americano contra as principais moedas provocou especulação de possível nova desvalorização do dólar — o que foi prontamente desmentido oficialmente.

Ontem, uma onça de oiro atingiu os preços recorde de 128 e 119,50 dólares, em Paris e em Londres, respectivamente.

Um corretor londrino afirmou que não ficaria surpreendido se o preço do oiro alcançasse 120 dólares — quase o triplo do preço «oficial» de 42 dólares a onça — hoje, em Londres.

A maioria dos corretores citou o caso de Watergate como motivo para a incerteza que rodeia o dólar e a nova corrida ao oiro. Comentou um:

«O moto parece ser «livrem-se de dólares a todo o custo».

Outros, no entanto, responsabilizaram o «afluxo de dinheiro» proveniente dos países produtores de petróleo do Médio Oriente.

Ainda outro corretor afirmou que os corretores do Médio Oriente receberam instruções para «comprar oiro por qualquer preço».

O dólar — que foi desvalorizado em Fevereiro — desceu contra a libra esterlina, o franco francês, o franco belga e o florim holandês, embora se tenha mantido estável contra o marco alemão.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM EM SETÚBAL, SANTARÉM LEIRIA E VIANA DO CASTELO

Vão ser criadas quatro novas escolas de enfermagem, destinadas a funcionar em Leiria, Santarém, Setúbal e Viana do Castelo, e que serão designadas por Escolas de Enfermagem da respectiva localidade, estabelece o Decreto 243/73, do Ministério da Saúde e Assistência, publicado no «Diário do Governo» de hoje.

A criação das referidas escolas obedece, segundo o preâmbulo do diploma, «à necessidade de aumentar a rede de escolas de enfermagem do país». Conforme, ainda, o mesmo decreto, essas escolas são serviços oficiais do Ministério da Saúde e Assistência dotados de autonomia técnica e administrativa e o conselho orientador das escolas será presidido pelo provedor do hospital distrital respectivo.

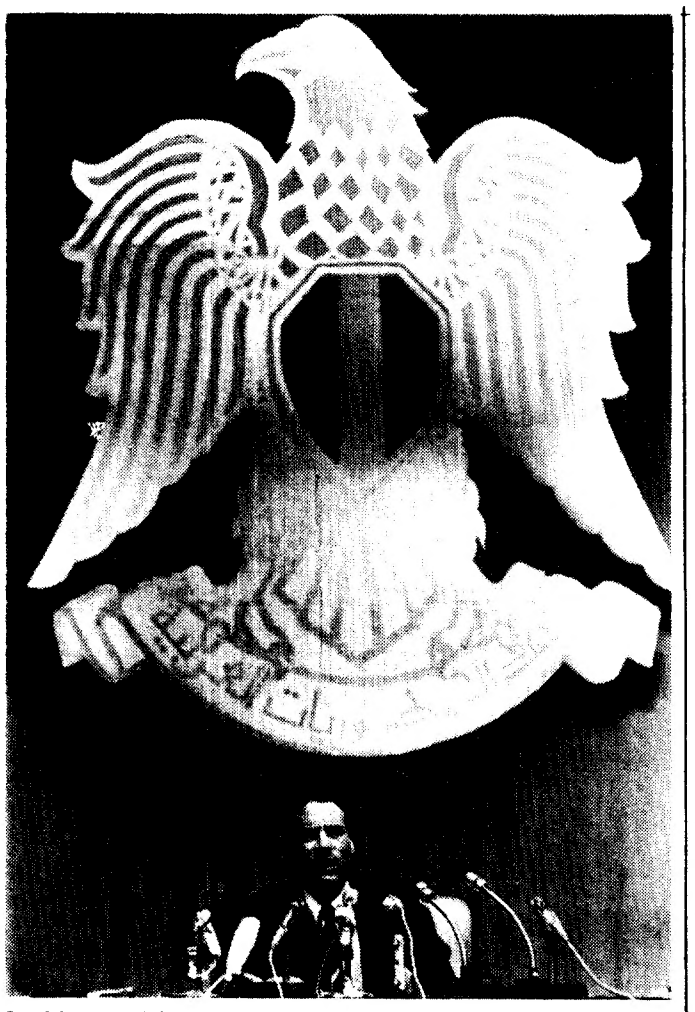
A Aliança Inglesa tem 600 anos

Faz hoje 600 anos que, na catedral de S. Paulo, na capital inglesa, Eduardo III e os plenipotenciários de D. Fernando assinaram o Tratado de Londres, em 16 de Junho de 1373, pelo qual os dois países se comprometiam a «mútua e perpétua paz, amizade, apoio e aliança». Esse pacto, conhecido vulgarmente por «Aliança luso-Britânica» ou «Aliança inglesa» seria reafirmado inúmeras vezes ao longo destes seis séculos. Das comemorações deste ano faz parte um intercâmbio de visitas que trará a Portugal o duque de Edimburgo, de 5 a 8 de Junho, e levará o prof. Marcello Caetano a Londres, em Julho.

PRINCESA DAS "TEEN-AGERS"

Uma iniciativa que se dirige às raparigas do nôsso tempo que, sobretudo, não estejam interessadas num concurso de beleza. Boletim de inscrição e outras informações na página 2

EDIÇÃO DE 32 PAG



O dirigente líbio, coronel Gaddafi, aparece na telefoto durante a conferência de imprensa de cinco horas que concedeu agora. No decorrer da referida conferência, em que iludiu todas as perguntas de carácter militar, Gaddafi atacou os EUA por actos de provocação e os ingleses por imperialismo. Entretanto, ontem, alguns países árabes, incluindo a Líbia, suspenderam durante algum tempo, simbolicamente, o fornecimento de petróleo (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

LEIA AMANHÃ

. Porque D. Carlota Joaquina se chamava Carlota é que o Teatro Nacional de S. Carlos se chama S. Carlos: postas estas premissas, com quem estará dialogando João de Freitas Branco no desenho de João Abel Manta? A esta pergunta responderá o «Suplemento Literário», o qual também dará colaboração de Alberto Ferreira (que a si próprio se entrevista), Carlos Eurico da Costa (com um texto inédito de livro em preparação), Mário Vieira de Carvalho (sobre um «Parsifal» de Paris e juntando outra imaginária entrevista com Wagner: jocosa), José Luís Porfírio (de regresso das exposições), Cunha Daire (iniciando uma abordagem frontal dos problemas da música portuguesa), José Augusto França (que viu a procissão da Senhora da Saúde e alguma coisa concluiu), Carlos Porto (criticando um livro e retornando ao «Espertalhão»), Alcides de Campos (que escreve de Paris), e Miguel Serras Pereira (sobre «Mandamentos e Mitos»)...

DL/GERAL

O nosso director, dr. António-Pedro Ruella Ramos, falando no decorrer de um jantar com a finalistas ao concurso para a eleição da Princesa Portuguesa das «Teen-agers» 1972

A eleição da "Teen-Ager" portuguesa n.º 1 Torralta, Bayer, Timex e H. Stern colaboram

E muito mais importante saber que 1972 foi ano de eleições presidenciais nos Estados Unidos da América, ou que a guerra do Vietname terminou este ano, ou que Paul McCartney aventou a hipótese de se reunirem, de novo, os «Beatles» para fazerem alguns trabalhos juntos, por exemplo, do que ter um corpo de «miss». Isto, evidentemente, para nós. Daí que as perguntas que vão ser feitas às «teen-agers», incluídas numa conversa informal que decorrerá no edifício da Bayer, tenham muito a ver com aquilo que, em cima, se escreveu. Será, como já tivémos ocasião de informar, dessa conversa que sairão as 10 «teen-agers» que vão estar presentes na final do concurso para a eleição da Princesa Portuguesa das «teen-agers», 1973, uma iniciativa do «Diário de Lisboa» com a colaboração da Torralta.

Compreende-se assim, dada a colaboração da Torralta, que a final se realize em Tróia, onde as 10 finalistas passarão todo o dia 2 de Junho, data em que se fará a selecção definitiva e, portanto, se escolherá a representante das «teen-agers» portuguesas ao concurso mundial, a realizar na Turquia, entre 9 e 16 de Junho. Nesse dia a Bayer, que também colabora na organização deste certame, oferece um almoço às finalistas e aos elementos do júri.

Para além da Bayer e, evidentemente, para além da Torralta, colaboram ainda com o «Diário de Lisboa» a Timex (todas as finalistas serão contempladas com um relógio, oferta desta marca) e a casa H. Stern, Joalheiros. H. Stern já ofereceu a coroa que será colocada na cabeça da «teen-ager» vencedora, a mesma que coroou as vencedoras dos anteriores concursos.

O QUE É PRECISO PARA CONCORRER

As condições que o regulamento impõe são as seguintes:

Primeira: Recortar o cupão publicado nesta mesma página do «Diário de Lisboa» e preenchê-lo devidamente;

Segunda: Corresponder aos requisitos previstos no regulamento, que são: ter nascido entre 30-6-54 e 1-6-59, e ser solteira.

Terceira: Passar uma primeira prova, na qual serão seleccionadas as 10 finalistas do concurso. Essa prova terá lugar no edifício da Bayer no próximo dia 28 e dela constarão algumas perguntas, surgidas em conversa informal, conversa essa que permitirá ao júri aquilatar das qualidades e conhecimentos gerais (e actuais) das candidatas;

. **Quarta:** Responder às perguntas formuladas pelo júri que cabem todas dentro de 18 temas, dos quais as candidatas escolherão dois. Os temas vão desde Teatro a Poluição, de Cinema a Música, etc. Esta última prova será realizada em Tróia, no dia 2 de Junho. Dela sairá a «Princesa» que representará Portugal no Concurso Mundial das «Teen-Agers», a realizar de 9 a 16 desse mesmo mês na Turquia.

Para não ficarem dúvidas a ninguém sobre o facto de este concurso não ter nada a ver com um concurso de beleza, aqui se diz expressamente que não haverá desfile em fato de banho.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
Secretaria de Estado da Instrução e Cultura
Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

TEMPORADA DE BAILADO DE 1973
(de 30 de Maio a 3 de Junho)

BATSHEVA DANCE COMPANY

VENDA AVULSO

Bilheteira aberta das 13 às 19 horas — Telef. 36 86 64

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Rua Braamcamp, n.º 9-2.º — LISBOA

10.ª Secção de Actividade «INDÚSTRIA QUÍMICA»

— ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA —

CONVOCAÇÃO

Nos termos do parágrafo único do artigo 57.º e do n.º 2 do artigo 59.º dos Estatutos, convocam-se os sócios integrados nesta Secção de Actividade a reunirem-se em Assembleia Geral no próximo dia 31 de Maio de 1973 às 21.30 horas, nas instalações deste Sindicato, sitas na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º, em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Informações diversas
2. Revisão dos Estatutos do Sindicato

Se à hora marcada, não estiver presente a maioria dos associados que nela tem lugar, a Assembleia reunirá meia hora depois com qualquer número.

Lisboa, 11 de Maio de 1973

A COMISSÃO DIRECTIVA

AMANHÃ
AS 21.45 HORAS
ESTREIA no
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

UMA CURTA SÉRIE DE ESPECTÁCULOS

ANTÓNIO PEDRO

GRUPO DE TEATRO INDEPENDENTE
APRESENTA

PELA BOCA MORRE O PEIXE

«STRIP-TEASE» e CARLOS DE SLAWOMIR MROZEK

50 % DESCONTO AOS ESTUDANTES
(GRUPO B — M/ 10 ANOS)

OS BONECREIROS

ESTREIAM
AMANHÃ, ÀS 21,45 HORAS
Na Sala dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses
Rua Camilo Castelo Branco, n.º 33

«A COMÉDIA MOSCHETA»
DE
RUZANTE

Chamaram-lhe cobarde...
Violentaram-lhe a mulher...
Destruiram-lhe a casa...
O que faria qualquer homem nesta situação?

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

DUSTIN HOFFMAN
SUSAN GEORGE

no filme de SAM PECKINPAH

CÃES DE PALHA
(STRAW DOGS)

3ª semana
AMANHÃ
VOX

NÃO PERCA!

COLORIDO GRUPO D - 18 ANOS

Associação Portuguesa de Escritores

Comissão Promotora

Convocatória

Nos termos do n.º 2.º do art.º 20.º dos Estatutos, convoco os sócios da Associação Portuguesa de Escritores a tomarem parte na Assembleia Geral que se realiza pelas 20.30 horas do dia 6 de Junho próximo, na Casa da Imprensa, rua da Horta Seca, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

a) Fixação do montante da quota e da jóia a pagar pelos associados e forma de liquidação da importância da jóia;

. b) Eleição dos Corpos Gerentes para o mandato do primeiro triénio.

Se àquela hora não estiveram presentes metade dos sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois, com qualquer número de sócios.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO PROMOTORA
a) Manuel Rodrigues Lapa

NAVIO MULTADO POR POLUIÇÃO

PORTO, 16 — Foi aplicada a multa de 120 contos, acrescida dos adicionais da lei, à empresa armadora do navio sueco «Malmohus», que, em tempos, esteve no porto de Leixões, consignado à agência John Mortenseen, em virtude, de em 4 de Agosto do ano findo, por erro de manobra de uma válvula de expiração de água do mar, para alastrar os tanques vazios, ter provocado o derrame de cerca de 300 litros de rama de petróleo nas águas daquele porto.

DL

PRINCESA PORTUGUESA DAS «TEEN - AGERS» 1973

COM A COLABORAÇÃO DA

TORRALTA - TROIA

CUPÃO DE INSCRIÇÃO N.º _____

NOME _____

MORADA _____

TELEF. _____

LOCALIDADE _____

DIA DO NASCIMENTO ___ DE _____ DE 19___

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____

Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen - Agers — Rua Castilho, 185 - 1.º — Lisboa 1

BAYER

FEIRA DO LIVRO DE LEIRIA

Abriu ao público a I Feira do Livro de Leiria, cujos seis pavilhões se dispõem no Jardim de Camões, representando as principais editoras portuguesas. Os resultados das vendas têm sido satisfatórios, fomentando-se a divulgação do livro pelo desconto de 20 por cento que as obras ali expostas beneficiam. O certame coincide com o funcionamento da tradicional Feira de Leiria e estará aberto até ao dia 22.

DL/OPINIÃO

AO PROTECTOR DAS ÁRVORES

Nao vivemos em tempo de muitas e intensas satisfações. Daí esta tão compreensível e humana necessidade de valorizar as satisfações mínimas, não para esquecer as outras maiores que faltam, mas para que assim fiquem os dias enfeitados com algumas flores capazes de tornarem suportável o que é baço tantas vezes, frio, e de horizonte apertado. Dissemos flores, e também poderíamos dizer árvores, pois, neste caso, é precisamente delas que se trata: determinou o presidente da Câmara Municipal de Lisboa que, de futuro, o corte de qualquer árvore plantada na via pública, dependerá sempre da sua autorização pessoal. Eis a pequena satisfação que estava contida nas primeiras linhas deste intróito...

Por nossa parte, que algum tempo da nossa actividade e algum espaço do jornal temos dedicado ao assunto, não poderíamos ser censurados se relacionássemos, pouco que fosse, o despacho do presidente à veemente defesa que aqui fizemos do património vegetal da cidade. Mas entendê-lo assim seria talvez sobrevalorizar o efeito das intervenções da Imprensa na coisa pública, seja ela apenas municipal: aí estão para aconselhar-nos modéstia as infinitas reclamações, sugestões e campanhas que a mesma Imprensa movimenta ou de que se faz eco, sem resultados, ou com resultados tão distantes que, quando vêm, só com boa vontade extrema se pode ligar este efeito àquela causa... Se, por exemplo, alguma vez vier a ser resolvido o problema do trânsito em Lisboa (do que duvidamos...), toda a Imprensa poderá, com aparente legitimidade, reivindicar, jornal por jornal, a sua influência no caso, mas aí, não tenhamos nós dúvidas, será a própria gravidade do mal que trará a cura...

Não lancemos porém sombras numa satisfação verdadeira nem numa decisão que honra quem a tomou. A braços com mil asfixiantes problemas, que vão desde a escassez das receitas à infinitude das despesas que seria necessário fazer para alcançar uma vida municipal minimamente satisfatória, mesmo assim o presidente da Câmara pôs olhos nesse árido deserto que ocupa as vezes das ruas de Lisboa. Agradeça-se, e muito. As árvores não servem apenas para dar sombra ou para alegrar de verde a crueza das fachadas ou o negrume dos asfaltos: uma árvore é, antes de tudo isso, uma forma de arquitectura natural, organizadora do espaço, definidora de perspectivas. E é também, já numa segunda leitura, um sinal de protecção física, cujo significado só decididamente se apreende quando no lugar que ontem uma árvore ocupava está hoje o vazio: não é preciso ter uma sensibilidade muito requintada para experimentar o desconforto físico, repetimos, dessa ausência.

De hoje para diante saberemos que o arranque de qualquer árvore teve a aprovação ou o consentimento do presidente da Câmara: confiamos que as propostas que em tal sentido venham a ser-lhe feitas pelos serviços competentes (pois não estamos daqui a ver o presidente a deslocar-se até à árvore sentenciada) não exagerem nos rigores. Na verdade, de muito pouco adiantará a decisão agora tomada se não se extirpar o tumor arboricida que tem infectado as repartições camarárias, esse ódio à árvore de que já Baudelaire falava referindo-se aos portugueses (referência cultural inevitável e que outras vezes aqui se tem introduzido...).

Encarando tudo pelo lado melhor, ficaremos descansados daqui para o futuro. Mas, tenha o reparo o destino que tiver, respeitosamente lembramos que falta realizar um trabalho e tomar uma decisão não menos importante: a de repovoar Lisboa de árvores, onde ainda seja possível, a de imediatamente substituir as que morreram de doença ou de velhice ou são arrancadas pela ventania. É também evitar alguns erros (assim pelo menos nos parecem a nós), como esse de dispor pinheirinhos na Praça de Luís de Camões, diminuindo-a em vez de a tornar maior, transformando em largo aldeão o que era sítio urbano... Até isto pode depender das árvores.

O destino de Nicolau II

O «leader» do Partido Liberal inglês, Jeemy Thorpe, começou uma investigação a possíveis provas demonstrando que o Czar Nicolau II, último monarca russo, e três das suas filhas fugiram da Rússia em 1918, não sendo chacinado pelos bolchevistas em Ekaterinburgo como se propalou.

Thorpe levantou a questão da possível fuga do Czar numa nota ao ministro dos Estrangeiros «sir» Alec Douglas-Home, perguntando-lhe quais as comunicações que o Foreign Office estabelecera com cidadãos privados ou membros do Governo americano, em Washington desde Maio do ano passado «relativamente ao salvamento do Czar Nicolau II em 1918-19».

Em geral, todos os historiadores contemporâneos são unânimes em concordar que o Czar e a sua família mais chegada foram chacinados no «grande banho de sangue» de Ekaterinburgo, em Julho de 1918.

Jeremy Thorpe pediu também a «sir» Alec que exiba publicamente, na biblioteca da Câmara dos Comuns, ou que mande publicar por outra forma, uma carta dirigida pelo falecido «lord» Hardinge ao rei Jorge V, com data de 3 ou 5 de Junho de 1919, «contendo pormenores sobre o caminho de fuga seguido pelo Czar Nicolau II e por membros da sua família».

No entanto, autoridades da Câmara dos Comuns, decretaram que as perguntas de Thorpe eram inoportunas, embora o «leader» liberal diga que prosseguirá com o seu inquérito, pondo outras perguntas relacionadas com o caso ou que poderá até apresentar uma moção ao critério da Câmara.

Jeremy Thorpe, que recentemente esteve nos Estados Unidos a passar a lua-de-mel, afirmou — «o mistério sobre a sorte do Czar parece estar ligado a uma série de outros segredos.

A versão da chacina traz cada vez mais dúvidas. «Lord» Hardinge de Penshurt foi secretário permanente do Foreign Office — mas a sua carta era um documento privado.

Acredito que essa carta esteja na posse dos governos inglês ou americano e que leva à conclusão que de facto o Czar fugiu da Rússia, acompanhado pelas grã-duquezas Olga, Tatiana e Maria.

Em Washington começa agora a aumentar o interesse respeitante a problema histórico tão fascinante.»

Em resposta, um porta-voz do Foreign Office disse: «O que aconteceu ao Czar não é propriamente do interesse do Foreign Office. Mas, seja como for, todas as provas históricas sugerem que Nicolau II pereceu com a família no massacre de Ekaterinburgo».

OFENSIVA INGLESA CONTRA O CARRO PRIVADO

O Governo inglês forneceu notícia de que vai desencadear uma nova ofensiva contra os carros privados que começam a constituir uma «tremenda praga» nas principais cidades britânicas.

O ministro do ambiente, Geoffrey Rippon informou que a política do Governo se destina a ir ao encontro de necessidades de transportes, mas a restringir, entre outras coisas, o aumento da circulação automóvel que não seja essencial e que se reveste até de dramáticos aspectos anti-sociais.

Numa conferência de transportes a nível europeu realizada em Londres, Rippon disse que a nova ofensiva significará «privar certas pessoas dos prazeres e conveniencias a que se acostumaram, mas que na maior parte dos casos têm uma orientação errada».

Eclusivo «Le Monde»/«DL» MAURICE DANUZIERE

O ASSALTO À ARTE (conclusão)

O assalto em grande escala de que é vítima a arte nos nossos dias está a tornar-se um assunto altamente preocupante para os governos e polícias de todos os países, em especial para aqueles de cultura e civilização mais antiga. A insuficiência das medidas de protecção exclusivamente nacionais é evidente, dado que o tráfico ilegal de obras de arte assume proporções internacionais. O que não invalida que, no âmbito de cada país, se torne cada vez mais urgente a adopção de medidas drásticas capazes de dissuadir os ladrões e os traficantes sem escrúpulos.

A MELHOR DISSUASÃO

Num país como a Itália, onde os museus receberam no ano passado para cima de 17 milhões de visitantes, o problema número um a resolver é o do sistema de segurança.

O ministro da educação, sr. Oscar Scalfaro, pediu recentemente no Parlamento italiano que fosse aprovada a constituição de um corpo especial de guardas de museus e locais arqueológicos. Seriam necessários à volta de oito mil guardas, quando a sua administração conta apenas com um pouco mais de três mil.

Também em França a protecção das obras de arte, enquanto bens culturais, tem sido motivo de preocupação. Se os museus nacionais e municipais estão, regra geral, bem guardados — o que não impede, em todo o caso, que malfeitores audaciosos consigam penetrar neles — o mesmo se não pode dizer das igrejas, que encerram por vezes obras e objectos de grande valor. Na maior parte dos casos trata-se de edifícios abertos ao público e situados em locais retirados, o que facilita a acção dos gatunos.

A doutrina que prevalece no ministério dos assuntos culturais é a de manter as obras «in situ», quer dizer, nos locais onde elas adquirem toda a sua significação, representando marcos artísticos no seu ambiente histórico natural. É difícil de imaginar o famoso retábulo de Van der Weyden noutro local que não seja os Hospícios de Beaune, a «Dança Macabra» fora da abadia de Chaise-Dieu, a «Virgem negra» sem ser na catedral de Puy, etc.

Mas nem sequer são essas as obras mais expostas. Aquelas que os gatunos cobiçam encontram-se na maior parte das vezes em pequenas capelas e humildes igrejas que muitas vezes não têm ninguém a guardá-las, ou quando têm se trata de pessoas que não possuem nem os meios materiais (um sistema de alarme eficaz custa milhares de contos) nem a preocupação primordial de assegurar a protecção desta ou daquela estátua, deste ou daquele quadro, cujo valor autêntico é muitas vezes até ignorado. É essa a razão porque o antigo ministro dos assuntos culturais francês, Jacques Duhamel, inquieto com a leitura de um relatório de serviço onde se precisava que o património artístico das regiões rurais, prosseguindo os roubos ao ritmo actual, baixaria para metade em 1980, se apressou a propor, de acordo com o serviço dos monumentos históricos, uma série de medidas precisas. A principal dessas medidas, já em aplicação, é a criação de centros de reagrupamento de obras de arte e objectos sagrados em locais de natureza cultural devidamente protegidos.

Os primeiros centros piloto de reagrupamento são a capela de Sainte-Marie de Annonay (Ardèche), a abadia Trinité de Vendôme (Loir-et-Cher), o antigo colégio de Privas (Ardèche), e o hospital de Tonnerre (Yonne).

O INVENTÁRIO SUPLEMENTAR

Esta experiência, que deve ser alargada à região do Norte, onde se registam igualmente numerosos roubos em igrejas (cujos objectos são regra geral vendidos na Bélgica), não é isenta de dificuldades. Na verdade, uma estátua medieval, um tríptico esquecido, fontes baptismais antigas, constituem muitas vezes os únicos motivos de atracção turística para muitas aldeias e pequenas comunas francesas, como o constata um funcionário do serviço dos monumentos históricos: «é mais difícil a um conservador conseguir convencer as pessoas a entregarem as suas peças a um local de reagrupamento, que a um antiquário convencê-lo a vender-lhe qualquer coisa!». Parece, aliás, que foi posto de lado o projecto do senador Edouard Bonnefous, perante a onda de protestos que tal projecto le-

Continua na pag. 16

Exclusivo "Le Monde"/DL

A EUROPA VERDE EM SUSPENSO

A política agrícola comum acaba de sobreviver a mais uma dura prova. O compromisso realizado no Luxemburgo, no dia 1 de Maio, entre os ministros da agricultura dos nove países da Comunidade, se não elimina nem as fraquezas nem as contradições de um sistema que se revela incapaz de conciliar as exigências do mercado com os interesses dos produtores, tem pelo menos a vantagem de evitar uma crise aberta.

Antes de mais, no plano estritamente técnico, o acordo apresenta um certo número de méritos que convém salientar. A alta de preços definida no Luxemburgo é suficientemente moderada para impedir que a agricultura seja de novo acusada de ser a responsável de um incremento da inflação. Pela primeira vez os países europeus manifestaram a vontade de melhorar uma hierarquia dos preços agrícolas que até agora tem beneficiado largamente a grande cultura.

Embora, sem dúvida, decepcionadas com a alta obtida pelo sr. Chirac para o preço do leite — 5,5 por cento, em vez dos 8,5 pretendidos — as organizações agrícolas francesas aceitam unanimemente o resultado. Do mesmo modo, é geralmente reconhecido que a supressão parcial dos quantitativos compensatórios para os derivados do leite — princípio finalmente admitido pelo ministro alemão, sr. Ertl — constitui uma etapa tímida, é certo, mas prometedora no sentido de um regresso à uniformização dos preços, quebrada depois das flutuações monetárias de 1971. As outras medidas de recuperação propostas para os cereais parecem, porém, só poder vir a ser aplicadas numa perspectiva longínqua, uma vez que dependem da fixação das novas paridades para a lira italiana e a lira esterlina.

De facto, a Europa verde está em suspenso, e as ameaças de crise persistirão enquanto não for definida uma política de ajudas directas nacionais, que em muitos casos viriam completar os benefícios realizados com as vendas. Não se trata, evidentemente, de pôr em causa os princípios de unidade do mercado, de preferência comunitárias e de solidariedade financeira que regem o Mercado Comum agrícola. Mas a partir de agora será preciso contar com a resistência crescente de Bona e de Londres à obrigação que lhe incumbe de financiar parcialmente os rendimentos da agricultura familiar francesa ou italiana.

Uma tal resistência será tanto mais acentuada quanto mais a instabilidade monetária fizer sentir os seus efeitos. A desvalorização de facto da libra esterlina provocou já uma nítida alta dos preços alimentares na Inglaterra, o que impele — e impelirá ainda por muito tempo — o Governo de Londres a limitar o mais possível a subida dos preços europeus. Quanto à Alemanha Federal, ela tenderá a opor-se ao regresso à unidade dos preços enquanto os seus agricultores continuarem a ser prejudicados nos mercados externos pelas revalorizações sucessivas do marco.

Apesar do entusiasmo, por vezes bastante agressivo, do sr. Chirac, verifica-se que a França não goza já, dentro do conselho da C.E.E., da influência, que chegou a ser preponderante, que exerceu no passado. Essa é uma das consequências do alargamento da Comunidade.

Por muito difícil que possa ter sido, o compromisso a que se chegou no Luxemburgo surge, apesar de tudo, como uma vitória política da Europa. Ao aproximarem-se as temíveis discussões do «Nixon round», os membros da Comunidade parecem ter reencontrado um espírito de coesão e apareceram na mesa das negociações com um «dossier» capaz de abrir verdadeiras discussões com os Americanos. Estes, por seu lado, não deixarão de se felicitar com a fraca elevação de preços decidida para os cereais.

DL/GERAL

NO MERCADO PORTUGUÊS:

DESCIDA SENSÍVEL DO PREÇO DO OURO DE ONTEM PARA HOJE

Um telegrama da «F.P.» dáva-nos, hoje de manhã, a seguinte informação: após seis dias consecutivos de alta espectacular, a cotação do ouro baixou hoje bruscamente no mercado londrino. Tendo fechado ontem a 110,5 dólares a onça, inscreveu-se esta manhã na abertura a 109,5, não tardando, porém, a descer para 104,5 dólares.

Outro telegrama (UPI-ANI) diz-nos que antes do «fixing» da manhã, com os preços acima indicados, o ouro ainda atingira os 109 e 112 dólares a onça. Entretanto, o dólar fora cotado 2,565-2,5675 contra a libra esterlina.

Procurando estabelecer o possível paralelo que estas oscilações provocam no mercado português, contactámos esta manhã o Banco da Agricultura, onde colhemos as seguintes informações: desde as 12 horas de ontem até às 12 horas de hoje, o mercado de câmbios sofreu uma ligeira baixa, com excepção do franco financeiro francês, que subiu de 5,62,76 para 5,63 e do franco suíço, que subiu de 7,90,42 para 7,92,11. O dólar em notas e moedas desceu trinta centavos. As moedas-ouro mais vendáveis tiveram uma descida de trinta escudos, enquanto as meias libras se mantiveram estacionárias.

Finalmente, a barra de ouro de fino também desceu sete escudos por grama: estava a 90$00 e veio para 83$00. Contudo, os reflexos das oscilações hoje produzidas só poderão ser conhecidos esta tarde.

Inquérito das Nações Unidas sobre o trabalho na África Austral

NAÇÕES UNIDAS, 16 (R.) — Um grupo de peritos das Nações Unidas vai investigar a disparidade existente nas escalas de pagamentos entre trabalhadores negros e brancos na África do Sul, Sudoeste Africano, Rodésia e territórios portugueses em África, no âmbito de uma recomendação publicada do Conselho Económico e Social (ECOSOC) da organização mundial.

A Comissão Social do Conselho recomendou que o relatório do «grupo de trabalho ad hoc» não seja apresentado mais tarde do que em princípios de 1975.

A Inglaterra, França, Espanha e Brasil abstiveram-se de votar na proposta, que foi adoptada por 37 votos a favor e nenhum contra.

A Comissão condenou também a detenção sem julgamento de grevistas negros na Ovambolândia, Sudoeste Africano, e o tratamento discriminatório que estão a sofrer trabalhadores negros na Rodésia.

A Comissão exprimiu preocupação devido à ausência ou limitação de sindicatos no Sudoeste Africano e na Rodésia.

Uma representante da Confederação Internacional de Sindicatos Livres, «miss» V. Roemer, disse à Comissão que apenas têm surgido uns melhoramentos marginais nas «desumanas» condições de trabalho no Sudoeste Africano desde que foi organizada a recente greve na Ovambolândia, acrescentando que alguns dos grevistas continuam ainda presos.

No seu relatório sobre a Rodésia, «miss» Roemer disse que os sindicatos sofrem constantes vexames e impedimentos e que muitos dos seus dirigentes estão na cadeia.

Declarou que a motivação de lucros por parte dos patrões não só afecta os operários nos seus salários como os afecta também no treino profissional e na promoção.

Numa carta enviada à Comissão, o embaixador de Portugal dr. António Patrício disse que as revelações das Nações Unidas sobre o caso dos trabalhadores portugueses são falsas e tendenciosas.

Reaberta a cantina universitária

A Cantina Universitária reabriu ontem tendo lá almoçado já numerosos estudantes. Entretanto, na Faculdade de Letras, encerrada desde segunda-feira, efectuou-se uma reunião do respectivo Conselho Escolar presidido pelo director dr. Fernando de Almeida que se ocupou dos incidentes ocorridos a semana passada entre estudantes vigilantes e elementos da P. S. P. Desconhecem-se, por enquanto, as datas escolhidas para reabertura da Faculdade e exames de frequência.

O Instituto Superior Técnico continua encerrado

Os pilotos da barra estudam um estatuto internacional

Na continuação dos trabalhos da 11.ª Assembleia da F.M.P.A. os pilotos da barra, reunidos no Espelho de Água, depois da discussão e aprovação das resoluções adoptadas pelo seu último encontro — no ano passado, em Itália — passaram a debater problemas da sua actividade profissional, nomeadamente, os relativos às condições de segurança no embarque e desembarque de pilotos, acidentes de trabalho e de navegação e ainda, a criação de um estatuto internacional dos pilotos. Durante a sessão de hoje, os acompanhantes dos congressistas fizeram um passeio a Tróia e à zona de Sesimbra. Logo à noite, a convite da Administração-Geral do Porto de Lisboa, os participantes serão brindados com um jantar volante na Torre de Belém, o que pela primeira vez acontece naquele monumento.

Os trabalhos de ontem incidiram, igualmente, sobre matéria de segurança profissional, bem como sobre problemas relativos à troca de informações profissionais, financeiras, sociais e legais de interesse para os pilotos, aqui representados por cerca de cem delegados.

Passageiro clandestino atrasa o avião para o Porto

Um indivíduo que se conseguiu introduzir no avião que faz carreira para o Porto, sem estar munido de bilhete, motivou um atraso de uma hora, para além dos incómodos aos passageiros que tiveram de sair do avião para serem verificados outra vez os seus bilhetes.

Com efeito, ontem, pelas 21 e 45, um indivíduo com cerca de 30 anos de idade, munido de um talão de entrada na aerogare, cujo preço é de 5$00, conseguiu iludir a vigilância dos empregados e meter-se na carrinha que leva os passageiros até ao avião, onde se instalou. Ao constatar que havia um passageiro a mais, o comandante do aparelho ordenou que todos os passageiros abandonassem o avião para melhor se poder detectar o intruso.

Verificada a anomalia, o indivíduo foi entregue às autoridades policiais. Um irmão que compareceu pouco depois no local, cuja presença foi solicitada pela Polícia, declarou que se trata de um doente mental, tendo estado internado por várias vezes.

«Quebra-ossos profissionais»

CIDADE DA GUATEMALA, 16 (F.P.) — Quatro habitantes da aldeia de La Gomera foram detidos ontem, depois de descoberta a sua estranha actividade: causavam fracturas a trabalhadores para lhes permitir receber indemnizações da Previdência. Mercê desse estratagema, um operário agrícola, mediante o pagamento de uns 150 escudos aos «quebra-ossos profissionais», recebia, por incapacidade física, um subsídio de cerca de 600 escudos, quando o seu salário varia entre 25 e 50 escudos por dia.

Diário do Governo

ISENÇÃO DE IMPOSTOS NA IMPORTAÇÃO DE CLORETO DE SÓDIO

A insuficiência de produção interna de clorato de sódio registada durante os anos de 1970/71 e princípios de 72, determinou o recurso à importação de matéria-prima, indispensável à laboração da indústria de celulose. Os direitos aduaneiros devidos por essas importações, aliás oportunamente garantidos, teriam onerado os custos da produção das pastas celulósicas de tal forma que a indústria teria perdido toda a sua competitividade.

Considera-se por isso plenamente justificada a concessão da isenção dos referidos direitos durante o período considerado. Assim, ficam isentas do pagamento de direitos as importações de clorato de sódio que, com o parecer favorável da Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais, foram efectuadas pelas fábricas de pasta de papel durante o período compreendido entre 1 de Abril de 1970 e 3 de Fevereiro de 1972.

Este benefício aplica-se ao clorato de sódio importado que satisfaça às condições exigidas e cujos direitos se encontrem garantidos.

TROIA-PRAIA SAI DO MAPA

Tornando-se necessario introduzir algumas modificações no mapa antes aprovado da capitania do porto de Setúbal, passam a incluir-se no referido mapa as praias de Troiamar, Bico das Lulas e Galé, as quais ficam obrigadas aos serviços de vigilância e enfermagem indispensáveis. A praia de Tróia é eliminada do mesmo mapa.

ENCONTRA-SE À VENDA

«OS LUSÍADAS»

O MAIS OUSADO EMPREENDIMENTO QUE VÁRIAS GERAÇÕES DE ARTISTAS TENTARAM, FOI FINALMENTE CONSEGUIDO GRAÇAS AO GÉNIO ARTÍSTICO E IMAGINATIVO DO PINTOR

GOUVÊA PORTUENSE

Completamente ilustrados ao longo das suas 1102 estâncias com cerca de 1500 modernas iluminuras, impressas a 9 cores. As dez aberturas do poema foram magistralmente pintadas, numa síntese alusiva a cada canto, em homenagem à primeira edição

NUMA GRANDIOSA REALIZAÇÃO DE

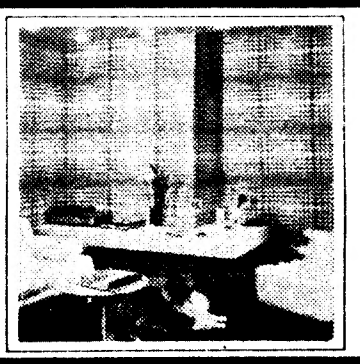
LELLO & IRMÃO—EDITORES

PORTO

1 VOL. ENCADERNADO — ESC. 3.500$00

papeis pintados INALTERA 1973

uma explosão de ideias novas



DECOMUR AV. DEFENSORES DE CHAVES 30-C • TEL.F. 56501 • LISBOA 1

TRANQUILIDADE

COMPANHIA DE SEGUROS

mais de um SÉCULO de experiência

TV DL/ESPECTÁCULOS

"A TERRA O MAR E A GENTE ": QUE REGRESSE EM BEM!

Estávamos talvez habituados a outra coisa. Estávamos talvez habituados a um *A Terra, o mar e a gente* a pegar a realidade pelos cornos, tanto quanto a realidade, em certas condições, se deixa pegar por isso. Nem talvez o mérito fosse de Hélder Mendes se não na medida em que não fugiu ao tempo, à sua expressão viva. O que já não é muito pequeno, note-se.

Aparece-nos afinal, depois de tão longa ausência, um programa calmo, bem meditado, a ganhar em intenção e inteligência o que perdera em surpresa e investida. As próprias palavras pareciam pesadas em balança de farmácia. Quando se faz referência à dureza da gente de Miranda do Douro e se diz que ela se tem conseguido graças a *uma selecção natural muito antiga* nada mais é preciso dizer a respeito da sobrevivência dos mais aptos... Para se recordar o êxodo das populações, basta sublinhar que *o vinho caseiro se vai tornando cada vez mais raro.* E quando o comentário nos diz que *as crianças guardam os rebanhos que os lobos espreitam do cimo das serras geladas,* parece estarmos a assistir à exposição natural da realidade. Mas o espectador atento verifica que estão a fornecer-lhe elementos para o conhecimento de uma situação lamentável a vários títulos.

Inteligentemente ainda, Hélder Mendes não embarcou em mais uma demonstração das habilidades dos pauliteiros. Não porque não tivesse interesse, mas porque, em primeiro lugar, já são bastante conhecidas, e depois porque se corria o risco, de através do espectáculo, se perderem as pessoas.

Helder Mendes desfez o grupo. Mandou guardar os palitos. E que avançassem, cada qual por sua vez, o bombo, a caixa, a gaita de foles (ah, a sua expressão dramática, aquela sereia de barco a naufragar longe da costa!) e a flauta pastoril. Cada qual destes instrumentos não ilustrou, antes comentou (e às vezes com que poder!) cada situação.

Foi, como já se disse, uma emissão inteligentemente organizada. Quando, perto do fim, assistimos à longa teoria das casas dos franceses novos — percebemos onde estavam os braços que, dão, longe a riqueza da sua força. As habitações recentes são bem apessoadas. Mas a terra continua pobre, as crianças continuam sob os olhares dos lobos, as velhas continuam a consumir-se na dobadoira e nos campos, o arado de madeira continua a rasgar primitivamente a terra... os transmontanos que hoje enriquecem Franças e Araganças são os mesmos que, nos princípios do século dezóito, naufragados no estuário do Rio da Prata e perdidos todos os

instrumentos de trabalho, diz-nos Jaime Cortesão, *eles construiram as vivendas, repararam as defesas da praça, semearam cereais e plantaram vinhas por muitas léguas de extensão...*

Esperemos que eles um dia regressem a Portugal para aqui fazerem o mesmo. *A terra, o mar, e a gente*, quando nos apresentou as terras desoladas de Trás-os-Montes, era como se quisesse igualmente fazer este voto.

O MONÓLOGO DO ROMANCISTA

Na rubrica *O livro à procura do leitor* continua o levantamento geográfico-cultural português. Dos nortes longe, Poppe desceu até à maviosa, à bairónica serra de Sintra. Vocês sabem: vegetação luxuriante, paisagem edénica, tudo o mais. Poppe, porém, partiu para o perdido paraíso, pletórico de penetrantes peneiras. A iniciar a viagem, a figura de Francisco Costa, romancista. O qual disse

Que aos 12 anos lia Júlio Verne mas, pouco depois, veio o Camilo, de quem devorou os 90 volumes de capa encarnada da Parçaria.

Depois veio a vida comercial, da qual retirou o benefício da prática intensiva do francês. Quando rapaz não abusou, como disse, *de la bohème*. Teve-a, em todo o caso. Depois da pneumónica adoeceu gravemente, pelo que foi para o Caramulo. Já então fazia sonetos. Já então tivera certa paixão por uma face bonita que depois foi desilusão quando a viu em corpo inteiro.

Quanto aos versos, que não eram mauzinhos de todos.

Concluíu o curso de bibliotecário-arquivista (com boa classificação, deve dizer-se). Mas não seguiu a carreira porque entretanto o chamavam para dirigir o primeiro organismo corporativo: a Adega de Colares. Altura em que abandonou os sonetos para se dedicar às odes. Comdelas um livro que foi editado em Coimbra. Não por causa dos versos, explica o entrevistado, mas por causa do prefácio. O prefácio marcava uma posição estética considerada como uma espécie de reacção antimodernista *ou antes, contra os excessos modernistas.*

Certa ocasião, disseram-lhe: *Por que é que não escreve um romance? Você tem uma prosa tão bonita, tão fluente, talvez pudesse escrever um romance.*

Começou então a escrever *A garça e a serpente. Foi uma surpresa para todos e começou a ser uma surpresa para mim, pois não me julgava capaz de tanto.*

Daqui até ao fim, foi a enumeração dos escritores que mais o tinham influenciado. Na sua quase totalidade de língua inglesa, com evidência para Jane Austen.

A declaração ficou para a História. Não ficaremos, porém, por aqui. Na próxima semana continuaremos com Francisco Costa. Que tem muito pra nos contar. Assim ele queira. ra.

"Ballet" de Israel em S. Carlos

O público português vai finalmente poder apreciar e aplaudir uma das mais prestigiadas e reputadas companhias coreográficas — a «Batsheva Dance Company», de Israel — cuja actuação entre nós era desde há muito aguardada e desejada mas que só agora, devido aos seus enúmeros compromissos através do mundo, foi possível trazer até nós, facto que se deve ao Teatro Nacional de S. Carlos, que vai apresentar a famosa companhia israelita na sua próxima temporada de «ballet».

Criada e fundada pela grande mecenas e impulsionadora das artes, ciências e cultura s.ª Batsheva de Rotschild e pertencendo à prestigiada Fundação Batsheva para o Desenvolvimento das Artes e Ciências, a «Batsheva Dance Company». a que Martha Graham tem dado admirável colaboração desde a sua fundação, é hoje uma das mais admiradas companhias de dança contemporânea. Baseando, de uma maneira geral, a sua estética na «modern dance», a «Batsheva Dance Company» foi considerada por muitos críticos a melhor companhia desse tipo fora da América do Norte.

Entre as suas «estrelas», a companhia israelita incluie alguns dos maiores bailarinos da actualidade: Rina Schenfeld, Heud Ben-David, Rena Cluck, Rahamin Ron e Nurit Stern. Além destes grandes nomes da dança de hoje, destacam-se ainda os seus jóvens solistas.

O repertório a apresentar em Lisboa é constituído por obras dos mais distintos e famosos coreógrafos da actualidade: Martha Graham, Norman Walker, John Cranko, Norman Morrice, John Buttler, Mirali Sharon, etc.

FILME ARGENTINO EM COIMBRA

A Embaixada da Argentina apresenta, amanhã, às 17 e 30, no cinema Tívoli, em Coimbra, um filme turístico intitulado «Argentiníssima» que mostra as caractarísticas musicais do folclore argentino e as suas relações com diversas regiões geográficas do país.

TORRALTA

NOVAS instalações

Avenida Duque de Loulé, 24

O Salão Restaurante está reservado no próximo dia 19 para a confraternização anual do pessoal do Banco Nacional Ultramarino, pelo que os clientes habituais serão servidos no Wonder-Bar, onde os «shows» começam às 23 e à 1 e 30.

DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE TEATRO

Carlos Porto

"Fuenteovejuna": Tanto barulho para tão pouco

«**Fuenteovejuna**», de Lope de Vega. Tradução livre de Natália Correia. Encenação: **Carlos Avilez. Assis**tente: António Marques. Colaboração: Águeda Sena. Realização plástica: Maria Helena Reis. Música: António Macedo. Sonoplastia: Fernando Pires. Luminotécnica: **Manuel Miranda. Int**érpretes: João Vasco, António Marques. Octávio Borges, José Severino, Zita Duarte, Eugénia Bettencourt, Fernando Barreira, Carlos Morato, Filipa La Féria, Elisa de Guizette, Carlota Calazans, Senuel de Carvalho, Alberto Maia, Rui Teixeira, Santos Manuel, José Miguel Osório, Maria Albergaria, António Macedo, Águeda Sena, Carlos Daniel, Lisette Frias, Marília Costa, Amélia Varejão, Alberto Vilar, Pedro Barroso, Isabel de Castro, Vladimiro Franklin. Teatro Experimental de Cascais. Teatro Gil Vicente. 12/5/73.

O novo espectáculo do TEC só pode ser analisado através da tentativa de actualização que tradução e montagem propõem.

Na sua peça, Lope de Vega — um dos grandes nomes **do Século de Ouro** — conta-nos a seguinte história: Fernán Gómez de Guzmán, comendador de Fuenteovejuna, não se limita a cobrar as rendas dos seus súbditos, pretende usar o direito feudal de possuir as mulheres do lugar. Para isso, faz-se acompanhar por esbirros que arrebanham as mulheres que ele cobiça, solteiras ou casadas, e as submetem ao prazer do dono e senhor. Até que chega a vez da filha do alcaide cujo noivo se atreve a levantar a mão contra o comendador. Inicia-se assim o processo de uma revolta que acaba por ser desencadeada pela própria rapariga. O comendador é executado pelo povo. Ordenado o inquérito pelos reis católicos, de quem Fernán Gómez era inimigo, os habitantes de Fuenteovejuna, apesar de torturados, recusam-se a dar o nome dos executores do comendador, **confessando uma** só palavra: Fuenteovejuna. **Os reis dão-se por satisfeitos**, e perdoam aos homens e às mulheres de Fuenteovejuna que tinham feito justiça por suas próprias mãos.

Em «Fuenteovejuna», Lope de Vega marca com muita clareza os limites entre uma revolta e uma revolução. Os habitantes de Fuenteovejuna não pretendem pôr em causa o poder a que estão submetidos mas o uso que dele faz o representante desse poder. Dois **aspectos, no entanto, são** muito importantes em **referência a este acto de insub**missão: um, diz respeito à maneira como os habitantes de Fuenteovejuna tomam consciência da necessidade de se unirem e de se manterem unidos, reivindicando colectivamente a responsabilidade pelo acto revoltoso; o outro, relaciona-se com um facto que podemos considerar, no século XVI, de uma extraordinária audácia: o papel preponderante que cabe à mulher nessa tomada de consciência (e que a encenação acentua).

O texto português de Natália Correia clarifica, tanto **quanto me pareceu, as** linhas de força em que a peça se articula, utilizando ainda uma linguagem directa embora nem sempre tão **oral quanto seria para dese**jar. A encenação de Carlos Avilez sublinhou a permanência das referidas linhas de força e procurou a eclosão do carácter coral que o texto implica. Infelizmente, o trabalho de Avilez foi irremediavelmente prejudicado pela preocupação de tornar complicado o que é simples; de engrossar o que devia ser subtil; de transfor**mar num painel ruidoso e** desordenado o que exigia o rigor e a disciplina que o carácter do texto pedia.

Incapaz de optar por um único estilo de encenação, Avilez procurou conciliar processos tão contraditórios como os que dizem respeito ao teatro épico e ao teatro de expressão física. Bem sei **que essa tentativa de síntese** não é original mas não é utilizando os processos de Avilez que será viável.

Num palco vazio, com uma passarela atravessando a plateia (como no espectáculo de Gil Vicente), Avilez colocou ao fundo uma gigantesca reprodução do quadro de «3 de Maio 1814» de Goya (há uma cena em que uma personagem é atirada ao ar que tem um toque goyesco). Entre o sinal proposto pelo pintor e o significado do texto, observa-se um desfasamento evidente. Seria necessário para justificar a utilização do **primeiro, estabelecer as** relações dialécticas entre a proposta histórica do pintor e «moralidade» proposta pelo dramaturgo. Entre o povo «derrotado» de 4 de Maio e o povo vitorioso de Fuenteovejuna há, ao mesmo tempo, uma contradição e uma identificação que a en**cenação deveria levantar** sob pena daquele elemento da cenografia surgir estático e quase gratuito. Foi o que acabou por se verificar, só não acontecendo totalmente pelo facto da pintura de Goya permitir uma leitura em segundo grau das várias ramificações possíveis do espectáculo.

Onde, a meu ver, o espectáculo falha é na proccura de um ritual de expressão física que degenera normalmente na criação de clichés em que os actores rastejam, gritam, fazem peito, formam quadros coreográficos (exemplo: a cena do casamento) sem que essa linguagem gestual e vocal — aliás, muito pobre como criação — se articule convenientemente com os restantes significados do espectáculo. Pedindo aos actores mais do que eles podem dar, sacrificando as suas capacidades físicas **(raros são aqueles cujas** vozes mantém quaisquer hipóteses de registos expressivos), parecendo não ter consciência do que há de falso, de pleonástico de incoerente nas imagens propostas, Carlos Avilez manifesta, mais uma vez, a dificuldade em corrigir e superar incapacidades que des**de há muito lhe são atri**buídas: incapacidade de au**to crítica; incapacidade de** auto domínio; **incapacidade** de investigação.

Não quero dizer que o espectáculo de Cascais não contenha algumas virtualidades. É evidente que por entre os excessos e as carências alguns apontamentos revelam potencialidades que Avilez não consegue explorar como seria conveniente.

A maneira como é dado o contexto histórico em que os acontecimentos se integram; a composição da personagem do comendador (que é uma figura da Inquisição), embora nela se registe um desvio bertolucciano perfeitamente escusado; algumas cenas corais em que o povo exprime o seu sentido de força e unidade; a atmosferra da corte de Isabel, na primeira cena (em que os criados rosnam como cães, o que lembbra o «Volpone», de Gutkin); a utilização dos alçapões, que permite estabelecer os níveis de situação entre o povo e a corte (na cena final, quando Isabel recebe os habitantes de Fuenteovejuna); mesmo a presença dos «burgueses» que saem da plateia, passam para Fuenteovejuna e daqui para **a corte, como uma sombra constante, embora fácil,** não deixa de ser oportuna.

Infelizmente, a força e a exemplaridade destes aspectos positivos diluem-se num itinerário de berros e corridas, de quadros insignificantes em que a força do texto é abafada. Alguns desses quadros atingem mesmo o ridículo: é o caso dos noivos num «strip-tease» incompleto ou de Flores fazendo a narração dos acontecimentos, cantando ao som de música tonitruante. Aliás, também a montagem **sonora, que inclui baladas** de António Macedo e música gravada, denuncia as carências de um pensamento orientador corrente por parte do encenador.

Nesta adaptação, uma personagem sobressai: **Mengo, que, na peça, repre**senta «os simples lavrado**res», mas cuja composição** aqui está mais próxima do «tontinho da aldeia», embora me pareça que a intenção de Avilez tenha sido criar o símbolo de um extracto **social inferior, mas capaz de** se integrar numa luta colectiva. Filipe La Féria acentuou excessivamente os aspectos típicos da personagem, **o que faz realçar a con**tradição entre o seu comportamento e a sua linguagem. Trata-se, no entanto, de um dos melhores trabalhos que vi àquele actor.

Outras liberdades da adaptadora e do encenador: a Isabel pertence a primeira **palavra, surgindo Fernando** como um simples eco daquela; Frondoso, o jovem enamorado, é assassinado por Fernán Gómez, enquanto no original isso não acontece.

Se o trabalho de João Vasco, Santos Manuel, Zita Duarte e Isabel de Castro mantém uma certa sobriedade e uma certa capacidade expressiva, o nível interpretativo é dos mais baixos que tenho visto em Cascais. O facto influi, de forma decisiva, na debilidade que o es**pectáculo revela, não obs**tante o barulho feito.

VÁ AO TEATRO !!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 86 47 56
LAURA ALVES
UMA DIVERTIDA COMÉDIA INGLESA
10 MESES NO CARTAZ
A CAMA DOS COLAUNS
com Simone, Armando Cortez, Fernanda Borsatti, Luís Alberto, Alda Pinto e Alice Carla à frente dum notável elenco, e a colaboração de Dário Barros e Joaquim Rosa
AMANHÃ: às 21.45 h.
5.ª, 6.ª e Sábado: 2 sessões às 20.45 e 23 horas

TEATRO Tel. 32 60 37
VARIEDADES
3.º MÊS
Hoje: Às 21.45
Grupo C M/ 14 anos
uma deliciosa comédia um êxito MUNDIAL
O PRÍNCIPE E a CORISTA
ELENCO
(por ordem de entrada em cena)
Costa Ferreira, Marília Gama, Amílcar Botica, Jacinto Ramos, José Carlos, M.ª Helena Mattos, Beatriz Vaz, Madalena Braga, Adelaide João, Leonor Poeira, Luís Mata, José Braz
2.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93
CAPITÓLIO
21.ª SEMANA
Grupo D M/ 18 anos
Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIROS
SEXO NUNCA! SOMOS BRITÂNICOS...
No elenco: IRENE ISIDRO, Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia, OCTÁVIO DE MATOS
Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira, descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES: 20.45 e 23 H.
DOMINGO
«Matinée» às 16 horas e à noite às 21.45 h.

BREVEMENTE: **«O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ»**
um novo estilo de comédia — M/ 14 anos

ANTE-ESTREIA DE «AS VÍTIMAS DO DEVER»

Dedicada aos orgãos de informação, subiu ontem à noite à cena, em ante-estreia, a peça «As Vítimas do Dever», de Eugeno Ionesco, sob a encenação de Júlio Castronuovo. Trata-se da 98.ª representação do Teatro Experimental do Porto e está sendo aguardade com muito interesse.

São intérpretes os actores Agusto Leal, Diamantino Silvestre, Estrela Novais e Jose Pinto. Foi assistente de encenação a actriz Fernanda Alves e da parte coreográfica encarregou-se Carlos Barreira. O som e as luzes estiveram a cargo de Fernando Rangel e Fernando Teixeira, respectivamente

MAIS UM CAFÉ TEATRO EM PARIS

O Grupo de Atelier du Lucernaire, sob a direeecção de Luce Berthommé, inaugurou um novo café-teatro, «Le Bide», com a peça de Ghelderode «Don Juan». A seguir, Jean-Claude Abadie apresentará um espectáculo intitulado «Les Delires», de que é simultamente autor e intérprete.

DL/ESPECTÁCULOS

Cinema no mundo

A «PROMESSA» EM CANNES

Boa representação do novo cinema português foi por muitos críticos considerado o filme «A Promessa», de António de Macedo, apresentado, oficialmente, no Festival Internacional de Cannes sob o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, que se fez representar pelo inspector superior dos espectáculos, dr. Bernardo Júdice Costa.

Obra baseada numa peça de Bernardo Santareno, «A Promessa» foi projectada de manhã em sessão especial para os críticos, à tarde para o grande público e à noite em sessão de gala.

Finda a sessão da tarde, o realizador António de Macedo, acompanhado pelos principais intérpretes — Guida Maria, Sinde Filipe, João Mota e Luís Barradas — deu uma conferência de Imprensa, que decorreu animada e foi parcialmente produzida pela rádio do Monte Carlo e pela radiotelevisão francesa.

As imagens agrestes da costa portuguesa e a lenta planificação do filme impressionaram agradavelmente a crítica e o público que assistiram às projecções de ontem.

As duas anteriores representações de Portugal em Cannes haviam sido constituídas pelo «Camões», de António Lopes Ribeiro, em 1946, e pela «Rapsódia Portuguesa», de João Mendes e Filipe de Solms.

O COMISSÁRIO SARTORI

Os direitos de adaptação ao cinema dos romances policiais da série «Il Commissario Sartori», de Franco Enna, foram adquiridos por uma sociedade cinematográfica italiana. O próprio romancista escreveu o argumento, extraído do primeiro romance da série, «Il Caso di Maria Solaris», cujo filme vai ser rodado muito em breve.

CLAUDE LELOUCH À CONQUISTA DO MERCADO AMERICANO

Claude Lelouch pretende fundar a sua própria sociedade distribuidora de filmes nos Estados Unidos, que são, segundo aquele realizador, um mercado fantástico para as produções europeias com uma publicidade cuidada. Por outro lado, e também na sua opinião, a conquista dos espectadores norte-americanos viria a beneficiar o financiamento dos filmes franceses e de outros países europeua, cuja audiência é actualmente restrita.

THE «SUNSHINE BOYS»

A nova comédia de Neil Simon, «The Sunshine Boys», vai ser fixada na tela por iniciativa do produtor Ray Stark. Simon encarregou-se de preparar a versão cinematográfica, pondo como condição que o protagonista fosse no cinema o mesmo que no teatro, ou seja: Jack Albertson.

FESTIVAL DE PESARO

A nona «Mostra» internacional do novo cinema vai realizar-se em Pesaro, de 12 a 19 de Setembro. Paralelamente, efectuar-se-à a projecção das obras mais significativas do cinema independente dos anos 60, acompanhada de um encontro sobre a utilização do «videotape».

JOVEM CINEMA EM TOULON

O Nono Festival do Jovem Cinema realiza-se em Toulon de 13 a 19 de Junho. Consta de duas partes com carácter competitivo: cinema de pesquisa e cinema comercial. Ambas as secções estão reservadas a jovens realizadores.

ENCICLOPÉDIA DO CINEMA BRASILEIRO

O Instituto Nacional Cinematográfico Brasileiro aprovou a publicação de uma «Enciclopédia do Cinema Brasileiro», em vários volumes. O primeiro volume será dedicado a realizadores, actores e actrizes.

«RAS»

Jacques Spiesser, Beatrice Romaud, Bruno Cremer, Jacques Weber, Jacques Villeret e John Balmer são os principais intérpretes da película de Yves Boisset, «Ras», cujas rodagens terminaram, estando já em fase de montagem.

boutique
Lunatic
lisboa·rua das chagas, 25 · tel.: 32 85 7E

GRILL DO
HOTEL FLÓRIDA
Ao jantar toca
HELDER REIS
Telef. 54171

FILMODA 3
SALÃO INTERNACIONAL DE VESTUÁRIO, CALÇADO E ADORNOS
DE 15 A 19 DE SETEMBRO DE 1973
NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

FILMODA 3 integrada no circuito dos Salões Internacionais, constitui um marco importante neste momento industrial em que se entrou decididamente na fase da exportação.
O mais eficaz apoio para desenvolver os seus contactos com os clientes e fornecedores de todo o País.
Um centro que lhe abre as mais amplas perspectivas de expansão nos mercados externos.
A campanha publicitária promovida pelo F. F. E. junto dos profissionais estrangeiros é a garantia de um acréscimo de visitantes.
Organizadas pelo F. F. E. virão à FILMODA missões comerciais de 15 países importantes.
para EXPÔR... — recorra à Feira Internacional de Lisboa (prazo de inscrição até 15 de Junho).
para EXPORTAR... — conte com o FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO.
Para informações envie este cupão:

Para FIL
Praça das Indústrias – LISBOA-3
Tel.: 63 90 44
Por favor enviem-nos:
☐ Informações genéricas
☐ Regulamento e Boletim de Inscrição
☐ Condições do apoio do F. F. E.
Nome _____
Firma _____
Morada _____
_____
☐ Telefone _____

CINEVOZ McCANN FM3-01-73

"Deixarei o serviço activo do Banco, mas não deixarei o Banco Nacional Ultramarino"

-afirmou o Dr. Castro Fernandes, Vice-Governador do B.N. U.

Usando da palavra, durante a Assembleia Geral Ordinária do Banco Nacional Ultramarino (a que nos referimos noutro local), o vice-governador em exercício daquela instituição bancária, dr. Castro Fernandes, proferiu a seguinte alocução da mais importante actualidade, dirigindo-se ao presidente da Mesa, membros dos Conselho de Administração e Conselho Fiscal, e aos accionistas:

«E esta a primeira vez e será a última que terei o privilégio de usar da palavra na Assembleia Geral do Banco Nacional Ultramarino.

«O facto constitui-me na obrigação muito grata de apresentar a Vossa Excelência os meus cumprimentos, com os protestos de muito particular consideração pela grande figura do Foro e da Universidade que é o professor doutor Fernando Olavo, que, com tanta autoridade, preside aos nossos trabalhos.

«Aos senhores accionistas que, de um modo geral, conheço há vinte e tal anos e com quem tanto tenho aprendido, apresento os melhores cumprimentos.

«Não foi nossa preocupação, no Relatório que elaborámos para os senhores accionistas — e também o não é agora na apresentação que dele fazemos — deixar exaustiva análise da conjuntura económica internacional e nacional. Seria repetição do que normalmente faz, de forma elucidativa, o Banco de Portugal.

«Apenas alguns apontamentos do que mais relevante ocorreu, nos primeiros meses de 1973, à guiza de complemento da notícia resumida nesse Relatório, que naturalmente só abrangeu o período correspondente ao exercício de 1972.

«Continuou o torvelinho das crises monetárias, que se repercutiu sobre nós, como não podia deixar de ser.

«Após a suspensão da convertibilidade do dólar, manteve-se nos países industrializados da Europa, durante vários meses, um regime de flutuação de câmbios, juntamente com medidas tendentes a desencorajar a entrada de dólares. Os países do chamado «Grupo dos Dez» estabeleceram um acordo sobre o realinhamento monetário e o regresso ao sistema de partidas fixas, registando-se nos mercados cambiais uma relativa acalmia. Tal acordo, celebrado em Washington no «Smithsonian Institute», consistia essencialmente nas seguintes decisões: desvalorização do dólar em termos de ouro, mediante o aumento do seu preço de 25 para 38 dólares por onça; estabelecimento de novas relações cambiais, sob a forma de paridades ou de taxas centrais; margens de flutuação, em ambos os sentidos, de 2,25 por cento; suspensão imediata, pelos E.U.A., da sobretaxa de 10 por cento sobre as importações.

«O realinhamento traduzia-se na revalorização das principais moedas relativamente ao dólar e desvalorização em relação ao ouro.

«Resolviam-se, assim, em Dezembro de 1971 — perdoem-me este pouco de história dos nossos dias — os problemas mais prementes suscitados pela crise monetária, mediante um acordo provisório, a que deveriam seguir-se conversações tendentes à reforma do sistema monetário internacional. Mas a evolução monetária internacional que passou por diversas vicissitudes em 1972, durante os primeiros meses de 1973, veio pôr termo a esse acordo e evidenciar a fragilidade estrutural do referido sistema.

«Logo em Janeiro de 1973, desenvolveu-se outra crise monetária, seguindo-se em Fevereiro nova desvalorização do dólar em relação ao ouro (de 32 para 42,22 por onça), a segunda num curto período de catorze meses. Nos vários países industrializados os mercados de câmbios estiveram encerrados por três dias. Mas, passadas apenas duas semanas, voltou a desencadear-se uma especulação intensa, a revelar falta de confiança em relação ao dólar.

«Aguarda-se ansiosamente o resultado dos trabalhos do «Grupo dos Vinte», cujas conclusões deverão ser presentes à Assembleia Geral do Fundo Monetário Internacional, em Setembro próximo, mas parece pouco provável o estabelecimento dum novo sistema monetário internacional no decurso de 1973.

«Entretanto, não é arrojado prever que se mantenha a situação no domínio cambial, caracterizada por acentuada flexibilidade das taxas de câmbio, com a sua incidência sobre as decisões das empresas, as transacções com o estrangeiro, e na formação de novos impulsos inflacionistas.

«Entre nós, as operações de compra e venda de moeda estrangeira estiveram suspensas em 20 e 21 de Dezembro de 1971, passando a **relação entre o dólar e o escudo a ser de 27$75**, o que correspondia a uma revalorização (5,5 por cento) em relação ao dólar e a uma depreciação relativamente ao ouro (2,8 por cento) e, com intensidade variável, a uma depreciação em relação às moedas dos países que têm com Portugal mais estreitas relações comerciais.

«Em 1973, a alteração do dólar em termos de ouro determinou a fixação, a partir de 14 de Fevereiro, de uma nova relação entre o escudo e a moeda norte-americana, que passou a ser de **1 dólar para 25$50**, tendo estado suspensa a compra e venda de moeda estrangeira durante dois dias.

..Em 2 de Março, o Banco de Portugal anunciou que lhe não era possível fornecer cotações e efectuar operações cambiais. No dia 19 anunciou a reabertura do mercado, comunicando que não seria alterada a taxa central do escudo.

..As pressões inflacionistas continuaram a fazer sentir a sua intensidade no Japão, nos E. U. A. e em vários países da Europa (Alemanha, Inglaterra, Holanda, Bélgica, Itália e outros) nos primeiros meses deste ano.

..Também entre nós, em igual período, se desenrolou um processo inflacionista, «até a nível preocupantemente alto», como acentuou em recente entrevista o senhor ministro das Finanças e da Economia. Mas continuaram os esforços para trazer a taxa de inflação a níveis comportáveis, através da estimulação da oferta — para o que podem contribuir as recentes medidas sobre parques industriais e centros técnicos de cooperação industrial —, razoável contenção da procura, redução ou compressão de custos e controlo de preços (sobretudo através da homologação, em tentativas duma política que pode chamar-se de economia concertada) e ainda duma adequada campanha de regularização (oferta ao público de certos bens, a preços normais).

..No tocante ao mercado de títulos de rendimento variável, uma procura intensa a que se opõe oferta escassa, continuou em 1973 a favorecer manobras especulativas, capazes de provocar distorções nos preços estabelecidos.

..É fundamental — e regozija-nos ser esse o pensamento do Governo — que as medidas já tomadas, e porventura outras a tomar, não venham perturbar o dinamismo dum mercado indispensável ao desenvolvimento económico.

..O problema essencial é o da insuficiência da oferta e para o resolver muito podem contribuir as próprias empresas «abrindo-se ao público» tendo como compensação um acréscimo das suas potencialidades.

PRESENÇA DE PORTUGAL EM ÁFRICA

Há 13 anos, precisamente em 23 de Maio de 1960, numa conferência realizada em Bissau, versando o tema apaixonante da «Posição de Portugal em África», afirmei:

«Os planos que se gizaram, as perspectivas que se rasgam, o futuro desta província, tudo está dependente, pela natureza das coisas, de um condicionalismo político, acerca do qual é impossível deixarem de se propor problemas e de se formularem interrogações para as quais temos de encontrar resposta nas profundas certezas que nos conduziram ao longo dos séculos e são hoje tão vivas como no primeiro dia. A condição impreterível do prosseguimento no esforço de que legitimamente nos orgulhamos é a paz — a paz nas fronteiras e no interior, consagrando a integridade do território sobre o qual flutua a bandeira das «quinas», e a união indissolúvel dos povos que o habitam e, dentro dele, formam uma comunidade plurirracial mas fraterna, ligada pelas tradições e pelos ideais, parte constitutiva da Nação portuguesa e dela inseparável. Por de mais estamos certos de que podemos contar uns com os outros, de que, tratando-se de patriotismo, se não distinguem os portugueses das várias estirpes étnicas e das diferentes origens que, lado a lado, trabalham confiados na virtude dos seus sacrifícios e na obra em que se incorpora o seu esforço, tantas vezes rude e penoso».

..O que então disse acerca da Guiné revelou-se válido para a universalidade da nossa África.

..Queremos continuar a obra que comstruimos com tanta fé e tanto entusiasmo, a obra que constitui um dos nossos mais autênticos títulos de glória.

..De nós e só de nós depende o êxito a que nos dão direito o esforço despendido e os sacrifícios consentidos por quantos se batem nas terras africanas ou nelas trabalham corajosamente.

..Adaptados às técnicas e à táctica da guerra subversiva, os nossos soldados dominam o inimigo.

..Por outro lado, é evidente a coragem com que se batem lado a lado com os da metrópole os soldados das «companhias africanas».

..O nosso escrupuloso respeito das fronteiras alheias impede-nos de explorar a fundo as vantagens obtidas e condena-nos à defensiva, na linha geral de uma estratégia que submete à mais severa das provas a nossa gente que se empenha em protegê-las.

..Para o inimigo, pelo contrário, não há inibição de qualquer espécie. Depois do confronto com os nossos homens, acolhe-se ao território estrangeiro de que dispõe livremente e rompe o contacto.

..Além disso, o terrorismo dispõe de uma extraordinária profusão de armamento, fornecido pelos estados comunistas.

..Por nós, temos uma força moral que explica a espantosa resistência às provas mais rigorosas: à fadiga extenuante, à perfídia das minas, às ciladas e às armadilhas que se ocultam na densidade do mato.

..O segundo factor de importância capital é o comportamento das populações que, na guerra subversiva, assume particular significação.

..Da atitude das populações depende muito apreciavelmente a sorte de uma luta desse tipo e nós temos todos os dias a indesmentível demonstração que resulta da cifra das apresentações, combinada com o **número de desertores que sangram os efectivos da guerrilha.**

..A guerra de África só poderia perder-se na retaguarda se esta se mostrasse vulnerável ao desânimo ou acessível à propaganda derrotista.

..**São os militares que ganham as guerras mas são os civis que as perdem.**

..Estamos em África. Recusamo-nos a praticar a política do abandono. Pode renunciar-se a direitos e vantagens; não se renuncia a deveres e obrigações.

..Estamos em África: o nosso dever é ficar. Por nós próprios e pelos povos que se nos confiaram e connosco se fundiram na mesma unidade moral.

..Temos uma noção de continuidade entre o passado, o presente e o futuro que nos inibe de admitirmos que uma geração possa, para obedecer a figurinos em voga, dissipar o património que os antepassados nos deixaram.

..Seremos fiéis ao pensamento de quantos serviram, para trás de nós, o interesse do País.

EVOCAÇÃO

..No dia 1 de Setembro de 1972 faleceu o nosso governador, dr. Francisco José Vieira Machado. Não encontro palavras para acrescentar alguma coisa de novo ao que já foi escrito e dito nas homenagens que lhe foram prestadas e no relatório correspondente ao exercício de 1971. Quantos trabalham e trabalharam nesta casa recordam-no piedosamente quando revivem os dias passados.

..No dia 28 de Janeiro do ano corrente deixou este mundo outro grande banqueiro a quem a nossa instituição muito deve em lealíssima amizade e colaboração sempre solícita. Refiro-me ao dr. Manuel Ribeiro do Espírito Santo Silva, último de uma nobre linhagem de três irmãos — José Ricardo e Manuel — autênticos grandes senhores a quem o País ficou devendo inestimáveis serviços.

..Como já tive ocasião de dizer em outra oportunidade, o dr. Manuel era amigo e estava relacionado com os grandes da Terra inteira; convivia com os maiores nomes da finança e da política, mas fazia-o com tal simplicidade que poucos se apercebiam das vantagens que essas relações traziam para Portugal.

Era um avisado banqueiro, no sentido nobilíssimo da palavra. Percorria o Mundo em todos os sentidos e cada passada engrandecia a nossa terra. A sua bondade era uma santa bondade, leite bom que escorria da sua alma.

Repito o que ficou consignado nas actas do nosso Conselho Geral: «Também o Banco Nacional Ultramarino se sente de luto pelo falecimento do dr. Manuel Ribeiro do Espírito Santo Silva.»

CUMPRIMENTOS E HOMENAGENS

Deixarei, dentro de semanas, o serviço activo no Banco, mas não deixo o Banco. Não mais deixarei de viver o Banco Nacional Ultramarino, esta grande Instituição que gerações sucessivas ergueram e firmaram no panorama financeiro da nossa terra, em todas as terras onde é Portugal.

Consinta, Senhor Presidente, que evoque os colegas com quem servi no decurso deste quase quarto de século. Já partiram deste Mundo os meus queridos amigos Francisco Machado, António Pedroso Pimenta, Pedro Teotónio Pereira, Teófilo Duarte e também os drs. Francisco Pinto Castelo Branco e António Correia de Aguiar. Dos que vivem e hão-de viver, todos os meus amigos, lembro o prof. dr. Marcello Caetano, o Visconde de Merceana, o prof. dr. José Gabriel Pinto Coelho, o dr. José de Azeredo Perdigão, o comandante Gabriel Teixeira, o dr. José Guerreiro Murta, o sr. Gastão Bes-

Continua na pag. 19

REALIZOU-SE ONTEM A ASSEMBLEIA GERAL DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Conforme o aviso convocatório publicado no «Diário do Governo» e nos vários órgãos da Informação escrita, realizou-se a Assembleia Geral Ordinária do Banco Nacional Ultramarino, sob a presidência do professor doutor Fernando Olavo.

A ordem de trabalhos estabelecida incluia a discussão do Relatório do Conselho de Administração, discussão, aprovação ou modificação do Balanço e Contas do mesmo Conselho e Parecer do Conselho Fiscal, e deliberação sobre a aplicação dos lucros líquidos referentes a 1972; autorização, por parte dos accionistas, para dispêndio de uma verba para beneficência; a tomada de conhecimento de que atingirá, muito em breve, o limite de idade, o dr. Castro Fernandes, vice-governador em exercício, do Banco; finalmente, proceder à eleição de três vogais para o Conselho de Administração.

O prof. doutor Fernando Olavo, após ter declarado aberta a sessão, enalteceu a figura do dr. Francisco José Vieira (governador do B. N. U., falecido em 1972), propondo um voto de pesar e um minuto de silêncio em sua memória.

Em seguida, o dr. Castro Fernandes proferiu o discurso, que noutro local se publica, iniciando-se, depois, a discussão dos vários assuntos constantes da agenda de trabalhos, e tendo participado nos debates, designadamente, os accionistas drs. Álvaro Afonso, Virgílio Baião e Acácio Gouveia, e Ribeiro da Cunha. Durante estes debates, foram solicitados alguns esclarecimentos sobre a composição de várias rubricas do Balanço e sugerido o aumento do dividendo a atribuir aos accionistas.

No que se refere aos esclarecimentos, foram estes prestados pelo prof. doutor Duarte Pereira; ouvido o comissário do Governo no que respeita ao aumento dos dividendos, este referiu não lhe ser possível dar a sua anuência ao citado pedido de aumento.

Entre as propostas apresentadas nesta fase dos trabalhos, há ainda a salientar a do alargamento das actividades do B.N.U. à Província de Angola (a única, no espaço português, onde o Banco não está representado), que foi aprovada, por unanimidade, no sentido de o Conselho de Administração se debruçar sobre o assunto.

Procedeu-se, depois, à votação das várias propostas do Conselho Fiscal, que foram aprovadas. Neste capítulo, é ainda de referir que a verba habitual de 1500 contos — concedida, anualmente, para fins de beneficência — foi alargada para 2000.

MOÇÃO DE LOUVOR AO DR. CASTRO FERNANDES

No prosseguimento

Continua na pag. 19

DL/GERAL

Peregrinação nacional dos ciganos a Fátima

Os ciganos portugueses vão de novo a Fátima em peregrinação que este ano terá lugar de 8 a 10 de Junho.

Tal como nas anteriores peregrinações a Obra do Apostolado e Promoção Social dos Ciganos providenciou para que os peregrinos de cada diocese fiquem instalados em aldeamentos próprios, apesar da dificuldade que têm tido em conseguir tendas. Os ciganos poderão abastecer-se de géneros alimentícios, durante os três dias de permanência em Fátima, num supermercado.

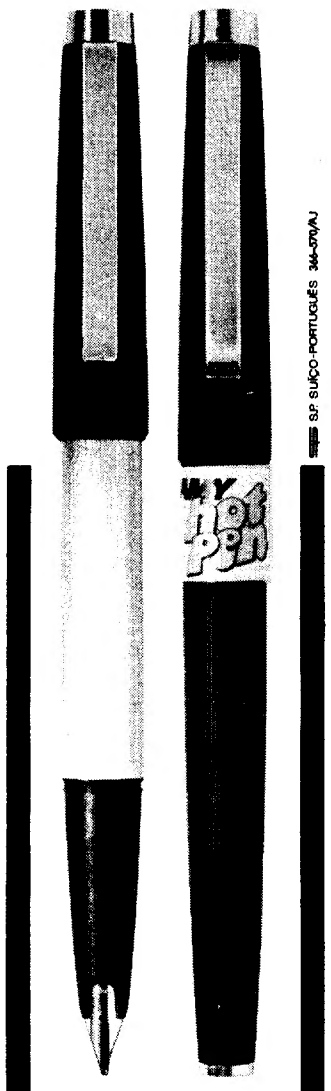
Além das cerimónias de carácter marcadamente religioso que se distribuirão pelos três dias indicados, haverá plenários para chefes de família e para jovens separadamente, convívios para as crianças e ainda uma sessão de folclore cigano, na noite do dia 9.

BARATA MOURA EXPÕE EM LEIRIA

Integrada no programa das festas da cidade de Leiria, é inaugurada no próximo dia 22 uma exposição de pintura do artista Barata Moura, no salão do Teatro José Lúcio da Silva. Os trabalhos em número de sessenta estarão patentes ao público, até ao fim do mês.

LAMY

ano· ta ideias



Caneta 25 P Marcador 520

LAMY

À venda nos bons estabelecimentos

Papelaria Emílio Braga
Publicações Europa América
Apolo 70

AGÊNCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade 180

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Vinhas, Suc., Rua Sacadura Cabral, 3 — GUARDA

BEVIAG

CHEQUE DE VIAGEM

SEGURO... CÔMODO... PRÁTICO

Trazer notas na carteira é sempre um risco. Dinheiro perdido ou roubado pode ser fonte de grandes dissabores. Mas cheques de viagem na carteira asseguram tranquilidade completa e permanente. Mesmo que lhe desapareçam, nada tem a perder!

Um Cheque de Viagem só se transforma em dinheiro uma vez assinado pelo possuidor. Eis o motivo porque não há dinheiro mais seguro do que um Cheque de Viagem.

Também, viajando com Cheques de Viagem viajará com dinheiro que ninguém lhe poderá roubar e que nunca poderá perder!

Cheque de Viagem
O DINHEIRO DO HOMEM PRUDENTE.

Troque, sem qualquer encargo, o seu dinheiro por Cheques de Viagem do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e viverá tranquilo.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

DL/GERAL

A necessidade da dança na educação

Prosseguiu à noite na Sociedade Nacional de Belás Artes o ciclo de conferências sobre «A Educação pela Arte», promovido pela Associação Portuguesa para a Educação pela Arte. Nesta terceira sessão usou da palavra o prof. José Sasportes que se debruçou sobre «A Dança Nova e a sua Integração Pedagógica».

José Sasportes, que é professor de história da dança no Conservatório Nacional, começou por acentuar que desde o final do séc. XIX um novo interesse foi dado ao lugar do corpo na formação integral do indivíduo. O dualismo cartesiano que separava a alma do corpo abriu brecha nos domínios da filosofia (Nietzsche), da educação (Claparéde), da psicologia (Freud), da dança (Isadora Durcan). Passou então a ser possível considerar uma educação corporal (via dança) como complemento necessário da educação em geral.

Em seguida, o orador enunciou diferentes métodos de educação pela dança, reportando-se nomeadamente a Dalcroze, Laban e à escola americana, a cuja formulação estão ligados os grandes nomes da dança moderna. Chamou então a atenção para o facto sociológico de só ser possível canalizar o interesse da criança para a dança num meio em que o mundo adulto não só a consuma mas que também a pratique, como acontece nos meios ligados às universidades americanas, onde a dança aparece ligada à sociedade circundante.

Por contraste, falou então da incoerência que existe entre nós quanto a uma sistematização e generalização do ensino da dança a todas as crianças e adolescentes.

No final da sua exposição José Sasportes fez uma proposta para que se forme uma equipa de trabalho que inclua um médico, um professor de dança, um professor de ginástica, um teórico de dança e um psicólogo, a fim de estudar a medotologia de um ensino da dança à medida da criança portuguesa.

Seguiu-se debate.

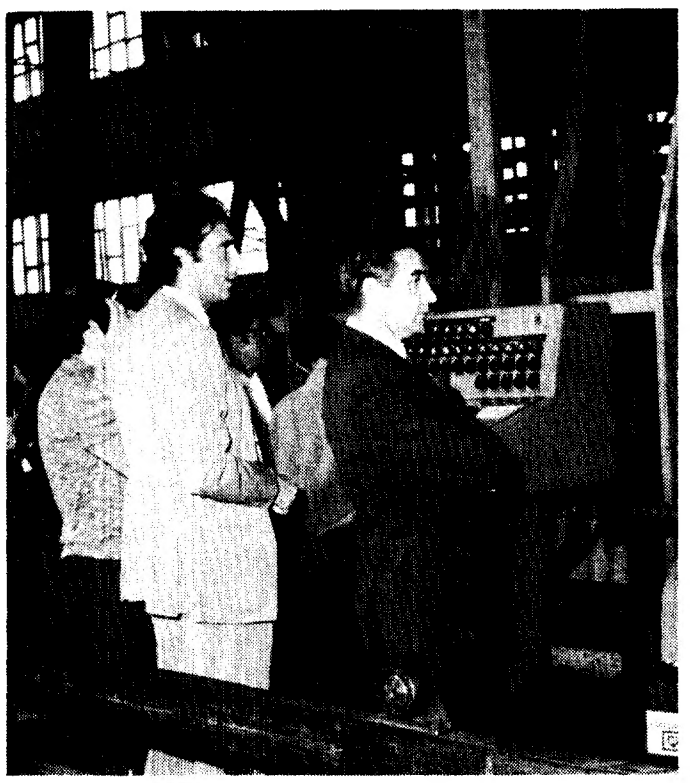
Academia de Santa Cecília

No próximo sábado 19 de Maio pelas 18 e 30, realiza-se no Teatro Municipal de São Luís o encerramento das actividades escolares dã Academia de Música de Santa Cecília.

O programa: hino nacional, grupo coral infantil (4 a 5 anos), iniciação movimento (6 e 7), coro (ensino primário), solistas de instrumento, entrega dos prémios «Santa Cecília» e «Dr. Jorge de Mello», coro de câmara (ensino secundário), orquestra de arco e finalmente, coro e orquestra.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Parracho Almeida, Lda. «Livraria Caju» Av. Heliodoro Salgado, 29 — SINTRA

Realiza-se em Portugal a próxima reunião da Fidor



Mr. Raynham durante a visita que efectuou à Fábrica Platex em Tomar

Deslocou-se ao nosso País afim de visitar as Fábricas Platex e tratar de assuntos relacionados com a próxima reunião internacional de fabricantes de placas de fibras de madeira, Mr. E. A. Raynham, Presidente da Fidor (Fibre Building Board Development Organization).

Após ter sido recebido pelo Presidente do Conselho de Administração de Fábricas Mendes Godinho, pelo Director daquele complexo industrial, e por vários técnicos relacionados com o fabrico de placas de fibra de madeira, procedeu à visita das Fábricas situadas em Tomar e Nazaré acompanhado por Mr. John Crawley, Director da Firma subsidiária de Fábricas Mendes Godinho em Londres P. M. (Mendes) Internacional.

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MONTIJO

NOTÁRIA LICENCIADA MARIA LUÍSA COELHO

CERTIDÃO NARRATIVA

MANUEL CIPRIANO FUTRE, SEGUNDO AJUDANTE NO REFERIDO CARTÓRIO

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura de dois do corrente mês, exarada a folhas oitenta e cinco, do respectivo livro de escrituras diversas número A-oitenta e nove, deste Cartório, foi constituída definitivamente uma sociedade anónima de responsabilidade limitada que será regida pelas cláusulas constantes dos seguintes estatutos:

CAPÍTULO PRIMEIRO: — Da denominação, sede, objecto e duração:

ARTIGO PRIMEIRO: — A sociedade adopta a denominação de «LISGESTE-INVESTIMENTOS E GESTÃO DE BENS, SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA» e tem a sua sede em Lisboa na Avenida Cinco de Outubro, número noventa e seis, segundo andar C;

PARÁGRAFO ÚNICO: — O Conselho de Administração fica expressamente autorizado a estabelecer, com cumprimento das disposições legais, as filiais, agências, delegações ou qualquer outra forma especial de representação no momento e no local que julgar conveniente;

ARTIGO SEGUNDO: — A sociedade tem como objecto principal a gestão de bens imóveis e ou móveis próprios.

PARÁGRAFO ÚNICO: — Considerando-se compreendidos no objecto principal a aquisição de acções e quotas de capital, respectivamente em sociedades anónimas e por cotas de responsabilidade limitada, e bem assim o exercício de quaisquer cargos sociais nas sociedades em que esta seja interessada como accionista ou quotista.

ARTIGO TERCEIRO: — A duração da sociedade é por tempo indeterminado.

CAPÍTULO SEGUNDO: — Do capital e acções.

ARTIGO QUARTO: — O capital social é de três milhões de escudos, está totalmente realizado e fica representado por três mil acções no valor nominal de mil escudos cada.

ARTIGO QUINTO: — Fica o conselho de administração, com o parecer favorável do conselho fiscal, autorizado a elevar o capital social por uma ou mais vezes até ao montante de vinte e cinco milhões de escudos, depois de cumpridas as necessárias formalidades legais.

ARTIGO SEXTO: — As acções serão nominativas ou ao portador, reciprocamente convertíveis, nos termos da lei, a cargo do accionista e representadas em títulos de uma, cinco, dez, vinte e ciquenta acções.

ARTIGO SÉTIMO: — Sempre que haja aumento de capital social, os accionistas terão preferência na subscrição das novas acções, na proporção das que então possuirem, sendo o direito de preferência atribuído ao titular da propriedade quando as acções estiverem em usufruto.

PARÁGRAFO ÚNICO: — O direito de preferência, a que se refere o corpo deste artigo, poderá ser afastado total ou parcial por deliberação da assembleia geral.

ARTIGO OITAVO: — Se o accionista subscritor não efectuar dentro do prazo fixado qualquer das prestações pedidas, o conselho de administração poderá usar dos direitos consignados na lei então vigente, ou fazer vender as acções por via de corretor e por conta do accionista remisso. A sociedade pagar-se-á pelo débito do accionista remisso para com ela, ficando à disposição do interessado o saldo, se o houver. Não chegando o produto da venda para pagamento integral do débito à sociedade, esta exercerá contra o devedor os seus direitos pela diferença;

PARÁGRAFO ÚNICO: — A prestação em divida acrescerá o juro de mora, contado desde o dia do vencimento da prestação, independentemente da interpelação judicial e à taxa de desconto do Banco de Portugal.

ARTIGO NONO: — A sociedade poderá efectuar sobre as acções próprias todas as operações legalmente permitidas.

CAPÍTULO TERCEIRO: — Da Assembleia Geral.

ARTIGO DÉCIMO: — A Assembleia Geral representa a universalidade dos accionistas, e as suas deliberações, quando tomadas de harmonia com a lei e com estes estatutos, são obrigatórias para todos.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — Da assembleia geral fazem parte todos os accionistas possuidores de um mínimo de cinquenta acções averbadas ou depositadas na sede da sociedade até dez dias antes da data designada para o funcionamento da assembleia em primeira convocação.

PARÁGRAFO SEGUNDO: — Os comproprietários de acções indivisas serão representados pelo administrador por eles designado.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO: — A cada cinquenta acções corresponde um voto, sem prejuízo dos limites fixados na lei.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO: — O accionista pode fazer-se representar na assembleia geral por outro accionista, bastando para prova dessa representação qualquer forma de procuração dirigida ao presidente da assembleia geral, a quem competirá reconhecer e decidir a autenticidade do mandato.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — O mandatário poderá representar mais de um mandante.

PARÁGRAFO SEGUNDO: — Para efeitos dos limites de votos fixados na lei atender-se-á com relação a cada accionista, tanto aos votos próprios como aos dos representantes;

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO: — A mesa da Assembleia Geral compor-se-á de um presidente e dois secretários todos eleitos pela assembleia geral de entre os accionistas de três em três anos.

ARTIGO DÉCIMO QUARTO: — As assembleias gerais serão ordinárias e extraordinárias.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — A assembleia geral ordinária reunir-se-á anualmente nos três primeiros meses de cada ano e terá por objecto:

PRIMEIRO: — Discutir, aprover ou modificar o balanço, relatório do conselho de administração e parecer do conselho fiscal;

SEGUNDO: — Eleger a mesa da assembleia geral, o conselho de administração, o conselho fiscal e a comissão a que se refere o artigo trinta e três destes estatutos;

TERCEIRO: — Tratar de qualquer assunto para que tenha sido convocada.

PARÁGRAFO SEGUNDO: — A assembleia geral extraordinária terá por objecto o que constar do respectivo anúncio e será convocada sempre que o conselho de administração ou o conselho fiscal o julguem necessário, ou quando requerida por accionistas que representem, pelo menos, trinta por cento do capital social e que tenham as acções averbadas ou depositadas com a antecedência de trinta dias.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO: — A convocação da assembleia geral far-se-á por anuncios publicados no «Diário do Governo» e num dos jornais da localidade da sede da sociedade, com antecipação de quinze dias.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO: — As assembleias gerais poderão funcionar validamente em primeira reunião desde que estejam presentes ou representados accionistas possuidores de trinta por cento do capital social.

PARÁGRAFO ÚNICO: — Exceptua-se do disposto neste artigo a assembleia geral que tiver por fim a nomeação de liquidatários, para a qual se observará o artigo cento e trinta e um, parágrafo primeiro do Código Comercial.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO: — As deliberações da assembleia geral serão tomadas por maioria absoluta de votos dos accionistas presentes ou representados, salvo quando a lei exija maior número.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO: — Quando uma assembleia geral regularmente convocada não possa funcionar por insuficiência de representação, será imediatamente convocada nova reunião que se efectuará dentro de trinta dias, considerando-se válidas as deliberações tomadas nessa reunião qualquer que seja o capital representado.

CAPÍTULO QUARTO: — Da administração.

ARTIGO DÉCIMO NONO: — A administração dos negócios sociais incumbe a um conselho de administração, composto de quatro a sete membros, eleitos trienalmente de entre os accionistas, competindo à assembleia geral a sua eleição.

ARTIGO VIGÉSIMO: — O conselho de administração elegerá um presidente, ao qual compete dirigir os trabalhos das sessões e orientar superiormente os serviços da sociedade de harmonia com a lei, estatutos, as deliberações do referido conselho e da assembleia geral.

PARÁGRAFO ÚNICO: — O conselho de administração poderá designar um administrador, que substituirá o seu presidente, nas condições fixadas pelo próprio conselho;

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO: — Os administradores caucionarão o exercício do seu cargo pelo depósito de cem acções da sociedade, livres de qualquer encargo, com o endosso em branco, quando nominativas.

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO: — O conselho de administração reunirá sempre que o interesse da sociedade o exija e as suas deliberações serão tomadas por maioria de votos.

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO: — O conselho de administração poderá conferir mandatos, com ou sem a faculdade de substabelecer, a qualquer dos seus membros, a qualquer procurador da sociedade ou a pessoas estranhas à mesma para o exercício dos seus poderes de gerência, nas condições fixadas no respectivo mandato.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO: — A sociedade ficará obrigada com a assinatura:

a) — Do presidente do conselho de administração ou de dois administradores;

b) — De um administrador e um procurador, ou de dois procuradores ou de um só administrador, ou de um só procurador, se dos respectivos mandatos constarem tais poderes.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO: — As acções da sociedade devem ter a assinatura do presidente do conselho de administração ou de dois administradores.

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO: — Ao conselho de administração compete, além das atribuições gerais derivadas da lei e dos estatutos:

a) — Gerir a sociedade e efectuar os actos e operações relativos ao objecto social;

b) — Representar a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente;

c) — Adquirir e vender bens e direitos, móveis e imóveis, tomar e dar de arrendamento prédios, devendo obter parecer favorável do conselho fiscal sempre que haja lugar a alienação de imóveis;

d) — Nomear e demitir quaisquer empregados, constituir mandatários para o exercício de determinados actos, fixando quadros, atribuições e remunerações;

e) — Cumprir e fazer cumprir os preceitos legais, estatutários e as deliberações da assembleia geral;

f) — Propor e seguir quaisquer acções, confessá-las ou delas desistir, fazer nelas quaisquer transacções e comprometer-se em árbitro.

CAPÍTULO QUINTO: — Do conselho fiscal.

ARTIGO VIGÉSIMO SÉTIMO: — A fiscalização dos negócios da sociedade incumbe a um conselho fiscal, composto de cinco membros, três efectivos e dois suplentes, eleitos de três em três anos pela assembleia geral, a qual designará o presidente.

ARTIGO VIGÉSIMO OITAVO: — Cada membro do conselho fiscal caucionará o exercício do seu cargo com o depósito de cinquenta acções da sociedade, livres de qualquer encargo e endossadas em branco, quando nominativas.

ARTIGO VIGÉSIMO NONO: — O conselho fiscal reunirá ordinariamente uma vez por mês e extraordinariamente sempre que o reconheça necessário ou quando o conselho de administração o convocar.

CAPÍTULO SEXTO: — Do conselho geral.

ARTIGO TRIGÉSIMO: — O conselho será constituido pelo presidente da assembleia geral, por todos os membros do conselho de administração e do conselho fiscal e por dois accionistas designados de três em três anos pela assembleia geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: — O conselho designará de entre os seus membros o respectivo presidente;

PARÁGRAFO SEGUNDO: — O conselho geral reunirá quando o seu presidente, o presidente da assembleia geral, o presidente do conselho de administração ou presidente do conselho fiscal assim o julgarem conveniente, sendo o primeiro substituído no seu impedimento pelo presidente da assembleia geral.

ARTIGO TRIGÉSIMO PRIMEIRO: — É da competência do conselho geral:

Primeiro: — Definir superiormente a política geral da instituição, emitindo o seu parecer sobre quaisquer matérias ou que seja consultado pelo conselho de administração ou pelo conselho fiscal;

Segundo: — Designar os accionistas que deverão ocupar as vagas que se verificarem no conselho de administração, até que o seu provimento se verifique na primeira assembleia geral ordinária, e ainda a substituir interinamente qualquer membro daquele conselho.

CAPÍPULO SÉTIMO: — Disposições gerais e transitórias.

ARTIGO TRIGÉSIMO SEGUNDO: — Os lucros líquidos que resultarem do balanço terão as seguintes aplicações;

Primeiro: — Dez por cento, pelo menos, para fundo de reserva legal até seu preenchimento;

Segundo: — Quaisquer outras aplicações deliberadas pela assembleia geral, depois de fixado o dividendo a distribuir pelos accionistas.

ARTIGO TRIGÉSIMO TERCEIRO: — As remunerações do conselho de administração e do conselho fiscal serão fixadas anualmente por uma comissão composta de três accionistas, para esse fim eleitos de três em três anos, pela assembleia geral ordinária em que aqueles conselhos sejam eleitos.

ARTIGO TRINTA E QUATRO: — É permitida a reeleição para os diversos cargos sociais.

ARTIGO TRIGÉSIMO QUINTO: — Consideram-se desde já eleitos para o exercício do primeiro mandato:

Mesa da assembleia geral — Presidente — Guilherme da Cruz Bordeira — Primeiro Secretário — Serafim Mendes Monteiro — Segundo Secretário — Aurélio Alves Dias.

sidente — José Manuel Bernardo de Paiva — Administradores — Jerónimo Duarte Rodrigues da Cruz — José Dias Ferreira Mouco — Emídio Manuel da Costa Catum.

Conselho Fiscal: — Presidente — Jorge Luís da Silva — Primeiro Vogal — Jaime Cândido Sanchez Bermejo — Segundo Vogal — Abel Eduardo Sousa Pinto de Matos — Primeiro suplente — Vítor Manuel Cavaco Correia — Segundo suplente — António Moutinho Eduardo.

Está conforme.

Cartório Notarial de Montijo, aos onze de Maio de mil novecentos e setenta e três.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

O filme de

JEAN-LUC GODARD

masculino feminino

(masculin féminin)

com

JEAN-PIERRE LÉAUD MARLÈNE JOBERT

CHANTAL GOYA

GRUPO D - 18 ANOS

Um filme fundamental!

AMANHÃ, ESTREIA estúdio 444

DL/GERAL

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

CRÉDITO DE MAIS DE 1 MILHÃO DE CONTOS

Segundo o «Diário do Governo» vai ser aberto no Ministério das Finanças um crédito especial adicionado à verba inscrita no n.º 2 do artigo 558.º designado por **«Outras despesas correntes»** e que inclui as verbas dirigidas à divisão **«Forças militares extraordinárias do Ultramar»**, conjunta ao artigo 16.º das **«Despesas Comuns»** do vigente orçamento de Encargos Gerais da Nação.

Para compensação do crédito assim designado é aumentada igual quantia á dotação para os «Saldos de contas dos anos findos», do actual orçamento das receitas de Estado.

Também a fim de satisfazer encargos respeitantes a anos anteriores a 1.ª Repartição da Direcção-Geral da Contabilidade Pública, está autorizada a ordenar pagamentos até ao montante da verba apontada na entrada desta nota.

III Encontro Nacional de Psiquiatria

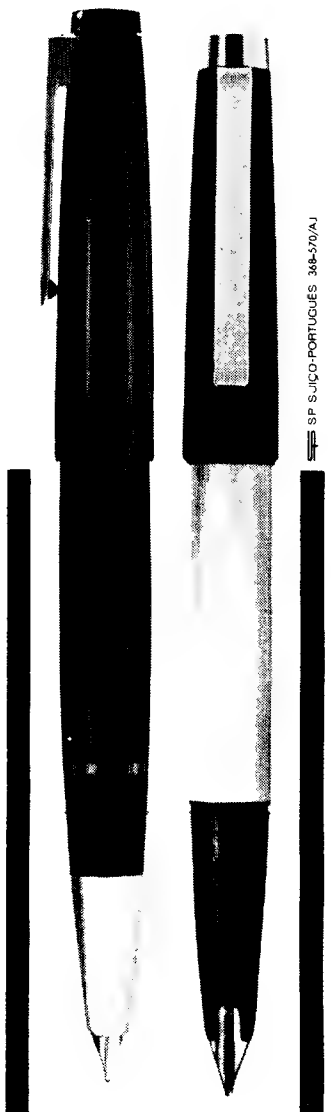
A secção de Psiquiatria Social da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria vai organizar nos próximos dias 18 e 19 de Maio, no Hospital de Santo António-Porto, o III Encontro Nacional de Psiquiatria subordinado ao tema «Resistência à Mudança no Sistema Psiquiátrico Nacional».

O tema será abordado em várias mesas-redondas que terão a participação de técnicos de várias profissões, estando a sua organização a cargo dos drs. Guilherme Ferreira, Jorge Coelho, Afonso Ribeiro, Jaime Milheiro, Eduardo Cortesão e a drª Celestre Malpique.

Preside à sessão inaugural o ministro da Saúde e Assistência. As sessões estão abertas a todas as pessoas interessadas nos problemas da Saúde Mental e Psiquiatria Social.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE
HOJE MESMO A
ORCOSI
MEDIADORA AUTORIZADA
E FICARÁ SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44/32 31 72

LAMY
escreve
poema



SP S-JCO-PORTUGUÊS 368-570/AJ

Caneta 2000 Caneta 25 P

LAMY
À venda nos bons estabelecimentos
Exposição e:
Papelaria Garrett
PAPELARIA FERROS
Tabacaria Pelicano

Rekord II

Para uma nova geração de condutores,

OPEL GM

Uma nova geração de automóveis

Os condutores europeus estão cada vez mais exigentes. Por esta razão, a Opel criou um carro novo e diferente. Um carro à altura da nova geração de condutores: o Opel Rekord II.

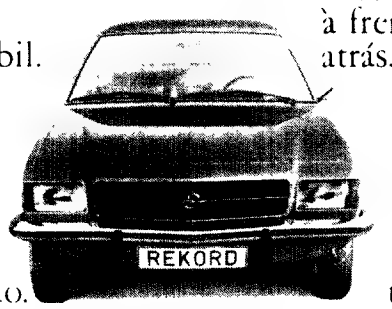
Veja as suas principais características:

1. Linhas ultra modernas ...Que não envelhecem, não perdem a classe.

2. Novo sistema de suspensão Tri-Stábil. Perfeito comportamento em qualquer estrada e velocidade. Estabilidade nas curvas e nas travagens.

3. Motor Opel 1.9 SH de 107 HP. Potência e economia reunidas num mecanismo silencioso e preciso.

4. Novo sistema de escape anti-poluição. Para que o ar continue limpo por onde ele passa.



5. Excepcional conforto interno. Espaço para pernas e ombros, bancos anatómicos.

6. Depósito de combustível para longas distâncias, com capacidade total de 70 litros. Autonomia.

7. Travões hidráulicos de circuito de disco à frente (assistidos por servo-freio) e polias atrás. Com segurança não se brinca.

8. Cinco versões: Coupé "L" 1900 (2 portas), Sedan "L" 1900 (4 portas), Sedan 1900 (4 portas), Caravan 1900 de 3 portas e Caravan 1900 de 5 portas.

9. Uma eficiente geracão de concessionários Opel também, em todo o país, à sua espera. Seja benvindo.

Opel. Sempre mais carro pelo seu dinheiro.

O CASO DA HERA

Publicamos hoje a parte final das alegações do Dr. Salgado Zenha proferidas na sessão 419 de anteontem

Será por esse motivo, ou seja, porque, se ele fosse aprovado, António Champalimaud poderia ter-se caucionado e comparecido no julgamento em liberdade provisória que o remeteram para as gavetas poeirentas do esquecimento, onde jaz, pelo menos desde 1966, data da sua publicação no B.M.J.

Não sabemos!

Anote-se, apenas, que Carlos Champalimaud foi amnistiado dos crimes contra a honra, de que era acusado, em processo também apenso à presente molhada. Aí, a favor de Carlos, o Poder não teve receio de intervir ...

Uma vez António Champalimaud indiciado e preso, se ele quisesse recorrer contra a injusta pronúncia, teria de jazer no cárcere por tempo indeterminado. Se preferisse ser julgado imediatamente, teria de suportar um processo parcial desde a sua viragem em «especial» em 1965, e reinstruido por um inspector policial nomeado ad hoc

E não se viu ainda que se pudesse fazer justiça num processo de intenção. A revelia de António Champalimaud, repete-se, foi, portanto, um acto de legítima defesa.

A nomeação do dr. Fernandes para, reinstruir todos estes processos, seguiu-se um dos processados mais tristes da história portuguesa. Um perito «especial» o dr. Viegas, usurpa as funções instrutórias e decreta a culpabilidade de António Cnampalimaud e a inocência de Henrique Champalimaud. O dr. Fernandes, sem perceber nada de nada, assina de cruz as conclusões do dr. Viegas e faz interrogatórios intermináveis a António Champalimaud,

Não admira, por isso, que, nestas condições, António Champalimaud, apesar de inocente e assistido dos melhores advogados portugueses, seja considerado tanto mais culpado quanto mais gritante é a sua inocência.

Pois a sua culpa reside, não nos factos, mas no «intuito», no «projecto» ou no «plano» que a mente paranóica de Carlos lhe atribui e que o dr. Viegas afirma resultar de várias desconexas e ridículas «interligações» apresentadas em relatórios ininteligíveis, numa linguagem de um cómico irresistivel e com uma extensão infindável.

E, note-se bem, que se trata de um «intuito» cuja existência não resulta, segundo a confissão dos próprias acusadores, de provas materiais. Pois, segundo eles, não é possível encontrá-las, visto António ser tão inteligente, ser um «génio», conforme se redisse, aqui, nas alegações finais da acusação particular, que o «intuito» foi executado de tal modo que não deixou qualquer rasto material!!!

E a vitória da estupidez sobre a inteligência, do crime sobre a inocência, da prepotência sobre o direito.

E como cúpula de todo este edifício de injustiça teleguiada, em 1968 novas arbitrariedades se cometem neste processo. O dr. Fernandes, do alto da imensa autoridade que lhe conferia a sua posição de inspector propõe ao procurador-geral a junção de todos os processos para serem julgados num mesmo juízo. E o procurador-geral mais uma vez concorda.

E foi assim que o dr. Fernandes escolheu este 1.º Juízo Criminal para julgar processos (ou seja, nomeadamente, o da Herança Sommer) que não lhe pertenciam.

Simplesmente, este 1.º Juízo Criminal só podia ser escolhido como o Tribunal de julgamento, desde o momento em que neste processo da Transfomal fosse deduzida acusação, porque neste 1.º Juízo Criminal apenas existia um processo contra António Champalimaud, ou seja, este, o da Transfomal. Como se vê do despacho do dr. Fernandes, de fls. 1851, se, porventura, não fosse deduzida acusação neste processo, nunca este 1.º Juízo poderia ser considerado competente. Daí que se tivesse deduzido cinscientemente uma acusação sem fundamento, neste processo, apenas para se legitimar a escolha que o Poder fizera deste Tribunal para o julgamento de António Champalimaud.

Sim, martele-se bem esta verdade. António Champalimaud foi acusado injustamente porque o Poder o quis e ordenou, tendo para tal atropelado os mais elementares princípios da lei e da moral.

E é até o dr. Fernandes que, no relatório final da sua «missão especial» o confessa nestas espantosas palavras:

«(Em 24 de Maio de 1965) o Exmo sr. procurador geral da República ordenou que todos os processos-crime da família Sommer Champalimaud, incluindo aqueles que já tinham sido remetidos a Tribunal, fossem devolvidos à Polícia Judiciária para que a instrução preparatória, considerada deficiente, se ultimasse, mediante uma investigação global, confiando-se a mesma a um só inspector.

Começava a tomar corpo, com este douto despacho, a convicção» (quer dizer antes da instrução há havia uma convicção)«mais tarde comprovada plenamente, de que os factos investigados em diferentes processos constituíam um todo a que a visão global poderia dar uma coloração criminosa que escaparia, com maior facilidade, numa apreciação singular.

Impôs esta decisão o facto de, à medida que se avançava na investigação, tudo se orientar no sentido de concentrar a autoria dos factos, até esse momento esclarecidos, fundamentalmente numa única pessoa, o arguido António de Sommer Champalimaud (...)

Concluída a investigação, apurou-se não representarem os factos indiciariamente revelados nos diversos processos mais do que meros vestígios da realização de um projecto criminoso»(é mesmo a paranóa de Carso»: é o «plano que existe»), «projecto que aparece agora, com toda a evidência e na sua verdadeira amplitude, com a apreciação unitária de toda a matéria investigada e considerada provada».

Repare-se bem como António Champalimaud foi inculpado antecipadamente pela «convicção» daqueles que nem sequer leram os processos, e como o nosso inspector cumpriu bem a «missão especial» de que fora incumbido pelos seus superiores hierárquicos, de «pintar» com «coloração criminosa» a molhada de processos que lhe fora adjudicada em empreitada!

CORAGEM MORAL

E ao insistir neste ponto, faço-o apenas com o desejo de revelar a razão da persistência da manifesta aberração jurídica que representa este processo da Transfomal, e não com o de querer magoar ou molestar alguém. Para mim, não há dúvida de que o digno agente do Ministério Público, ao acompanhar a acusação particular que o sr. Carlos Champalimaud deduziu, com violação da lei e total ilegitimidade, mas porque assim o ordenou o dr. Fernandes, conforme já se viu, para mim, dizia, não há dúvida de que o digno agente do Ministério Público não pode deixar de aperceber-se de que tal acusação não tinha qualquer consistência jurídica. Simplesmente, não podia deixar de o fazer, porque tinha recebido ordens, implícitas ou explícitas, para tal, e de modo nenhum podia pôr em cheque a escolha deste Tribunal para o julgamento que de cima se fizera.

Como se sabe, os agentes do Ministério Público estão sempre vinculados às ordens hierárquicas em toda a sua actuação; apenas podem agir segundo os ditames da sua consciência quando usam da palavra, nas alegações finais, após a produção da prova, nos julgamentos penais. Portanto, estas minhas considerações não encerram nenhuma crítica para o digno agente do Ministério Público, pois não se pode criticar quem não era livre então. Se críticas tem havido nas minhas palavras, aqui ou além, elas não se dirigem aos homens. Dirigem-se ao nosso sistema do processo penal, que é, sem dúvida, o mais retrógrado, arcaico e desumano da Europa Ocidental. Tenho até o maior gosto em me associar à homenagem prestada pelo meu colega, Palma Carlos, a V. Ex.ª, sr. dr. Monteiro Dinis. As suas qualidades de inteligência, equilíbrio e elegância, verdadeiramente invulgares, nobilitam a magistratura a que V. Ex.ª pertence. Eu vou mais longe ainda e direi que a absolvição de António Champalimaud, que aparece hoje com uma probabilidade próxima da certeza, fica-se devendo em grande, senão na sua maior parte, a V. Ex.ª. Não porque a inocência de António Champalimaud não seja gritante, clamorosa e evidente. E-o. Mas foi de tal modo gigantesca a muralha de incompreensão e cegueira com que a defesa de António Champalimaud esbarrou desde 1965 até hoje neste processo que não seria de admirar que se V. Ex.ª tivesse pedido a condenação de António Champalimaud, ou, tal como Pilatos, tivesse hipocritamente lavado as suas mãos, não seria de admirar que mais uma vez António Champalimaud fosse triturado injustamente pela Justiça.

E V. Ex.ª procedeu assim porque não era um falhado nem um frustrado, com alma de Viegas. Porque se o fosse, teria também pedido a condenação de António Champalimaud. Isto monstra atè que ponto é falível e incerta a justiça dos homens, isto mostra como é difícil a tarefa da defesa, mesmo que o réu esteja inocente, e sobretudo se o réu está inocente!

E mostra também que V. Ex.ª ao pedir a absolvição de António Champalimaud deu provas daquela saudável coragem moral, tão rara neste tempo e lugar, e tanto mais apreciável quanto é certo serem poderosos os interesses e forças empenhados na condenação de António Champalimaud.

E certo que neste processo foram cometidos por alguns agentes do Poder vários crimes de lesa-justiça, previstos e punidos pelo art.º 301, n.º 4, do Código Penal. Trata-se, como se sabe, de um texto que vem das mais liberalizantes tradições da longínqua monarquia constitucional e que, talvez por isso mesmo, tem sido nos últimos tempos sistematicamente ignorado. No entanto, não é de presumir que, neste caso, seja respeitada a autoridade da lei. Todos nós somos testemunhas diárias de que, à nossa volta, à autoridade da lei se sobrepõe sempre a lei da autoridade. E por isso que é puramente utópico pensar-se que a autoridade poderá um dia vir a ser responsabilizada pelos seus crimes.

Vários crimes de perjúrio e falsas declarações se cometeram no decurso deste processo, nomeadamente pelos acusadores e pela testemunha sr. Sobral. E possível, é mesmo provável que algum deles e, nomeadamente, esse espantoso Sobral, venha ainda a responder pelos crimes que cometeu. Mais do que isso, não é pensável ...

Acalmem-se por isso aquelas almas inquietas que se sentiram agoniadas com a revelação de tais factos indesmentíveis. Passado o primeiro sobressalto tudo retornará ao doce e açucarado sossego de antanho.

QUEM POLITIZOU O PROCESSO

Sim, porque quem fez política, não foi a defesa. Quem fez política, foram os acusadores, os amigos e os aliados dos acusadores.

Política fizeram-na os acusadores, antes de ser deduzida a acusação, acusando o regime e as instituições, de estarem a soldo de António, de terem sido compradas por António, de terem sido subornadas por António e de ter sido devido a esse suborno que António não seria levado a julgamento.

Política fê-la o sr. Carlos Champalimaud ao atacar a Polícia Judiciária, a Legião Portuguesa, o Supremo Tribunal de Justiça e as mais altas personalidades do regime — acusando-as de vendidas e subornadas por António, enquanto não conseguiu que o Poder o aceitasse como legislador e orientador da Justiça.

Política fez o sr. Carlos Champalimaud, logo que o Poder aceitou as suas indicações inculpando António através de meios reprováveis e até criminosos, ao acusar António e a defesa da prática de actos subversivos e terroristas, sempre que esta esboçava o mais ligeiro gesto de crítica perante os atropelos de que António foi vítima. (Disseram-no os assistentes na sua contra minuta no recurso do dr. Palma Carlos para a Relação).

Política fizeram-na os acusadores, numa segunda fase, ou seja, depois de o processo entrar na fase «especial», ao acusarem repetidamente António de ele ser um delinquente político, de considerarem como ataque às instituições todo e qualquer acto de defesa, acusando-o de terrorismo, conspiração política e subversão.

Até admira porque motivo não se extraíram certidões dessas alegações escritas e assinadas neste processo, e se não remeteram essas certidões à Direcção Geral de Segurança!

Política fê-la o acusador Carlos Champalimaud, nesta sala de audiências, ao acusar António de ter ao seu serviço advogados — ou seja, Palma Carlos e eu — que eram para ele a »escória da subversão» aliada à «escória do dinheiro», constituindo, em seu entender, uma quadrilha que tinha por objectivo sujar todo um país e as suas instituições, sem que as delirantes afirmações deste pobre louco, tivessem merecido da parte de V. Ex.ª, sr. presidente, qualquer reparo.

Política fizeram-na os acusadores, ao afirmarem em peças escritas nos autos, que a condenação de António Champalimaud era necessária para salvaguarda das instituições do regime, e de que este desejava e queria a condenação de António Champalimaud, pois «o regime ... não pactua com ladrões e assassinos» (Disseram-no os assistentes na contra minuta para a Relação, no recurso de Palma Carlos).

Política, perdoem-me V. Exas. fê-la o próprio Tribunal, ao formular perguntas neste julgamento sobre matérias que não tinham qualquer relação com a matéria do litígio, e cuja extravagância foi ao ponto de se perguntar se «o réu é ou tem sido apologista de monopólios».

Mas por que motivo — perdoem-me V. Ex.ªs — não se perguntou às testemunhas, se a CUF, o sr. Cupertino de Miranda, ou o sr. Queiroz Pereira eram ou não apologistas de monopólios?

Onde está a ligação de tal pergunta com a matéria aqui controvertida? E se não há qualquer ligação por que motivo fez o Tribunal tal pergunta?

E que sentido se pode atribuir às perguntas que o Tribunal fez aos srs. Elmano Costa e João Rocha sobre o negócio do Banco Atlântico, aliás já então interditado por um decreto do Governo, por razões de natureza essencialmente política?

Que sentido e alcance tiveram essas perguntas, senão o de politizar este processo?

Neste processo os acusadores foram sim, os verdadeiros iconoclastas da justiça!

Não se pode admirar, portanto, que a defesa, para pôr a justiça no seu lugar, tenha sido obrigada a ser iconoclasta da justiça.

E, salvo o devido respeito, o facto de o Digno Agente do Ministério Público ter pedido a absolvição do réu, não só não a garante, como sobretudo não absolve os crimes por outrém cometidos e que estão na raíz da injusta e vergonhosa perseguição de que foi vítima. E é absurdo que se queira negar à vítima o direito de denunciar em voz alta os atropelos e crimes contra ele cometidos, e que são — em boa verdade — atropelos e crimes contra todos os cidadãos.

A verdade tem que se dizer e a verdade é esta: a raíz fundamental de todas as deficiências do nosso processo penal radica na omnipotência das nossas Polícias. A Polícia Judiciária é incompetente porque é prepotente e é prepotente porque é omnipotente. E inteiramente absurdo que para se pedir justiça contra a Polícia Judiciária ou os agentes governamentais, se tenha de a pedir à Polícia Judiciária, órgão directa e hierarquicamente subordinado ao Governo.

O hara-kiri só se faz no Japão. Umas das reformas imediatas do nosso processo penal tem de ser a de se permitir a instrução dos feitos crimes por verdadeiros juízes. Doutro modo, a equação da nossa instrução penal continuará a ser: Polícia omnipotente, Polícia prepotente, Polícia incompetente igual a justiça impotente.

COMPREENDER É PERDOAR

Um dos outros ensinamentos deste processo é a pluridimensionalidade dos fenómenos humanos. Querer explicá-los através de monismos, filosofias ou principiologias pode proporcionar algum conforto ou comodidade, mas é seguramente tentativa falaz. Há mais verdade nas palavras de Hamlet: «Há mais coisas no céu e na terra do que pensa a tua filosofia» do que em qualquer recente manual de receitas ideológicas, seja ele qual for.

Uma das características mais deploráveis da justiça penal portuguesa — e nisto englobo a doutrina, as Faculdades e os juristas e até os próprios Tribunais, perdoem-me V. Ex.ªs — é o seu juridismo monocular. Em vez de se apreciar o acto humano, na sua pluridimensionalidade, apenas se cura de se dissertar a seu propósito (ou despropósito) acerca do artigo tal deste ou daquele código ou decreto.

Esta é também uma consequência, não só do nosso atraso cultural, como também do hiperautoritarismo em que vivemos. Se o código se fez para punir, e punir é o que interessa, só o código há que ter em conta. Mas não é assim. Só se pode julgar, se se compreende. E só se compreende se se abarcam os factos humanos na sua constante pluridimensionalidade. A justiça não é uma máquina de fazer salsichas, mas um meio de julgar e só se pode julgar o que se compreende. Como também só se pode defender, se se julga.

E só se pode defender, se se julga, se se explica, se se alcança o fenómeno em toda a sua extensão. A defesa só pode cumprir a sua função se é verdadeira e só pode ser verdadeira se não for cobarde.

Uma das funções mais importantes da justiça penal é a de fazer suceder à guerra a paz, à vindicta a arbitragem, à retaliação o perdão. E só se pode perdoar se se compreende. Compreender é perdoar. E perdoar é compreender.

Em todas as famílias há, e haverá sempre, desavenças — latentes ou abertas. E a única forma de as resolver é compreender as suas causas, porque à compreensão sucede imediatamente o perdão. Compreender é perdoar — repete-se.

O que se não pode admitir é que essas desavenças inevitáveis que existem em todas as famílias, sem excepção, sejam exploradas e atiçadas hipocritamente por terceiros, movidos por intuitos em q ue geralmente o egoismo mais reprovável se mascara por detrás de um verbalismo pseudo-altruista.

E se essas desavenças, por qualquer motivo, chegam ao pretório da justiça, então a única solução justa é analisá-las para as compreender. E compreender para resolver e perdoar.

Embora por vezes não seja agradável desfibrá-las, nem para quem o faz, nem para quem o ouve, só assim será possível alcançar o porto da rectidão e da verdade, da verdade pura e simples, e não o da verdade material ou formal, meras logomaquias sonoras que, pela sua própria contraposição, inculcam a existência de duas verdades, o que não passa de mero solecismo.

DIMENSÃO PSICOLÓGICA DO CASO

Isto vem a propósito da prova irrefutável, constante de três pareceres médicos juntos ao processo, de que Carlos Champalimaud é um doente mental — é um paranóico litigante.

Aborda-se este assunto única e exclusivamente porque ele é absolutamente indispensável para a compreensão deste caso. E uma das suas dimensões. Se a ignorarmos, nada compreenderemos. E a defesa não precisa de pedir licença a ninguém para o fazer; exerce um direito que, de resto, lhe é conferido pelo art.º 8, n.º 10, da Constituição. E nem sequer se podem estranhar certas estranhezas alheias; elas são fruto do nosso provincianismo cultural. Como se os caminhos da justiça pudessem ser encontrados errando às cegas através do árido deserto dos códigos e da linguagem arcaica e formulária dos autos cosidos a cordel!

Tentarei, apenas, em alguns apontamentos, um esboço desta dimensão — a psicológica — do presente caso. Os 3 pareceres médicos, verdadeiras obras-primas da psiquiatria forense, elucidam até à exaustão o indesmentível travejamento patológico da construção do presente processo.

No entanto, a defesa seria injusta se não deixasse aqui uma breve palavra de reconhecimento aos três médicos, profs. Barahona Fernandes e Nunes Vicente e dr. Niza Mendes, pela preciosa ajuda que lhe dispensaram na realização da sua tarefa. Sem os seus preciosos ensinamentos e conselhos, ter-lhe-ia sido difícil não só compreender tão claramente a doença mental de Carlos, como ainda discernir a razão de ser de complicados circuitos psíquicos, estabelecidos no decurso deste julgamento, permitindo-lhe, por isso, afrontá-los com sucesso.

O que não há dúvida é que, vistas as coisas à luz da psicologia, todo o comportamento de Carlos nos aparece perfeitamente claro e compreensível. E outra das tremendas ironias deste processo é a de que toda a máquina repressiva portuguesa — andou, pelo menos desde 1965, a reboque de um louco. Isto mais do que um sintoma, é um verdadeiro atestado. Sirva-nos ao menos de consolação a circunstância de todo o povo alemão ter andado durante mais de 12 fatídicos anos a reboque de um paranóico...

Ouvindo, aliás, o Digno Agente do Ministério Público nas suas alegações orais descrever repetidamente a «superioridade» de António Champalimaud sobre seus irmãos em todos os planos, dava-se desde logo um primeiro passo para a compreensão das acusações de Carlos. Se António é superior

RANÇA SOMMER

a seus irmãos, estes são-lhe inferiores. E uma das mais infalíveis provas da inferioridade é não a aceitar. Nessa inferioridade de Carlos e seus irmãos em relação a António, por eles sentida desde o nascimento, mas não aceite, e na preferência que naturalmente António gozou junto de seus pais — estes revêem-se geralmente com mais enlevo nos filhos mais dotados — residem as raízes profundas e longínquas da inveja fratricida dos acusadores e da paranóia de Carlos.

Aliás, estes casos são tão velhos como o mundo. A Bíblia começa por uma cena de fratricídio, baseada num sentimento de inferioridade de Caim em relação a Abel, por este ser mais amado e querido por seus pais. E não é exagero afirmar-se que o objectivo de Carlos, desde 1957 até hoje, tem sido sempre o assassínio moral de seu irmão. Não o assassínio físico, note-se, mas o assassínio moral. Demonstrar a todos, e a ele próprio, que António não lhe é superior, mas um degenerado, um tarado, um ladrão, indigno dos sucessos e da fortuna que tem obtido. O dinheiro que ele reclama é como que o espólio que lhe caberia, pelas leis da guerra, como a consequência da sua vitória sobre António, vitória que implica a total execução moral deste.

Esta é a razão real pela qual não foi possível qualquer acordo com Carlos. Este só admite um acordo que represente a derrota de António, a sua liquidação moral — e isso não é, obviamente, um acordo. Aliás, todos os litígios presentes são devidos à paranóia de Carlos, e esta não quer acordos, quer litígios e mais litígios.

A situação económica de Carlos e de Maria Ana, enfileira sem desdouro ao lado das personalidades europeias mais ricas. Este duo encontra-se, desde há muito, na posse exclusiva da Quinta da Marinha, em consequência de terem amortizado, abusivamente, o quinhão de António e de Henrique nela. Esta quinta, 700 ha., em Cascais, na zona turística mais valiosa do País, foi mandada avaliar em Janeiro de 1971 por António. Dois peritos da mais alta qualificação computaram, então o seu valor venal em cerca de 1 150 000 contos. Não é de mais aventar que, atenta a desvalorização do dinheiro e a sobrevalorização dessa zona, essa quinta valha hoje mais do dobro. Mas seus irmãos possuem outros bens. Assim, por exemplo, no Banco Totta e Açores, encontram-se 15 000 acções da empresa de Cimentos de Leiria que lhes pertencem e que valem hoje mais de 350 000 contos. E além destes, outros valores se encontram na sua posse e fruição embora em consequência — é certo — de actos de verdadeira rapina, como as Quintas da Régua e um prédio na Rua da Escola Politécnica, no valor de dezenas de milhares de contos. E evidente que em muitos destes valores compartícipa também Henrique, pois que doutro modo se não pode compreender que ele se tenha deixado espoliar, sem reacção, por seus irmãos, do seu quinhão na Quinta da Marinha, nas Quintas da Régua e no prédio na Rua da Escola Politécnica. Portanto, é evidente que nada justifica que António faça um acordo com os seus agressores, com aqueles que desde há muito fizeram da sua perseguição e tentativa de extermínio a razão da sua existência. Aliás, tal acordo seria até tolo. Porque a qualquer concessão de António, seguir-se-iam novas exigências de Carlos, a qual se consideraria sempre roubado e arranjaria modos de impugnar as mais pequenas alíneas e vírgulas do pacto transaccional.

Foi, aliás, o que já Carlos fez com o compromisso arbitral celebrado em 1962 e que representou um verdadeiro acordo geral de todos os litígios pendentes entre os interessados, mas que Carlos desde então tem atacado, por todos os modos e feitios, através de uma renascida e assanhada litigância, e recorrendo, inclusive, como é seu hábito, à calúnia, à difamação e às ameaças.

É evidente que é nessa superioridade natural de António sobre seus irmãos e nessa recíproca inferioridade destes em relação àquele, bem como no reconhecimento dessa superioridade por seus pais, que radicam os sentimentos longínquos que deflagraram quando Carlos perfez os 35 anos, em 1956/7.

E é essa superioridade natural de António sobre os demais que foi reconhecida pelos pais, que sempre viram em António o mais dotado e esperançoso de todos os filhos. Era uma superioridade de que ninguém tinha culpa, resultara da natureza, mas as desigualdades da natureza só raramente são aceites pelos desfavorecidos.

E não só foi reconhecida pelos seus pais. Foi confirmada na vida real e vivida, ano a ano, dia a dia, hora a hora.

O dr. Carlos Champalimaud, pai do réu e dos acusadores, pessoa um tanto ou quanto dividida entre a medicina e os negócios, morreu prematuramente em 1937, deixando um património substancial, mas endividado.

Pois bem, apesar de António ter então apenas 19 anos, foi ele quem assumiu o lugar do pai, superando-o nitidamente na gestão financeira. Desendividou o património familiar e, desde então até hoje, a sua carreira como industrial e financeiro é uma série sucessiva de vitórias, onde tem mostrado uma inteligência rara aliada a uma intuição fora de série e a uma preparação cultural profunda. O drama de António — no confronto com seus irmãos — é o de ser o melhor...

Atente-se ainda em que de todos os irmãos de António, Carlos é, com certeza o menos dotado. É pessoa de limitada inteligência, mau grado a sua elevada estatura. Nunca conseguiu fazer o 5.º ano e a sua cultura é extremamente rudimentar. Em compensação, possui uma vitalidade prodigiosa, uma agressividade em permanente efervescência e uma desconfiança visceral, dos pés à cabeça. Mas toda essa vitalidade agressiva não supre o que falta...

Tudo o que Carlos conseguiu ser na vida até 1956 deve-o fundamentalmente a António. Foi-lhe entregue a administração das quintas, como quem se dá um brinquedo a uma criança, precisamente por ser aquilo de que ele mais gostava, apesar de as quintas só em pequena parte lhe pertencerem. E também porque a administração das quintas era de todas as gestões patrimoniais a mais rudimentar, ao alcance de qualquer feitor. Mais tarde, Carlos foi guindado pelo irmão a altos postos administrativos nas cimenteiras (Companhia dos Cimentos de Angola e Companhia de Cimentos de Moçambique), para os quais não tinha quaisquer méritos. Mas é evidente que o simples facto de Carlos se dever sentir grato a António, pela protecção que este lhe dispensava, revelava a sua subalternidade. É por isso que para muitos, e muitas vezes, a gratidão é o mais insuportável dos sentimentos. É uma observação de todos os dias. Como diz o nosso povo: dia de benefício, véspera de ingratidão.

RIVALIDADE PROFUNDA

Note-se que estas rivalidades e invejas entre irmãos não eram fenómeno novo na família dos Sommers. Qualquer dos tios Sommers, Afonso ou Fernando, sofreram ao longo de toda a sua vida, do mesmo problema: uma rivalidade profunda em relação ao irmão mais velho, Henrique, o fundador da Empresa de Cimentos de Leiria, que em relação a eles se situava em posição de grande superioridade, quer no plano intelectual, quer no plano empresarial. Essa rivalidade acompanhou-os a vida inteira, mas sem nunca explodir. A tão apregoada «unidade familiar» só pode ser mantida à custa dos mais dolorosos recalcamentos e inibições.

Afonso tentou ainda um acto de rebeldia contra o irmão mais velho, mas este castigou-o, irradiando-o da gerência da Casa Sommer. E Afonso aceitou o castigo. Fernando, resmungão e inibido, refugiou-se numa apatia e numa passividade profundas, produto dos seus conflitos internos.

Com Carlos, porém, foi diferente. Aos 35 anos, ou seja, justamente na idade em que deflagra a paranóia, Carlos revolta-se contra António, ao mesmo tempo o irmão mais velho (isto para usar um termo que ele repete constantemente ao longo das suas declarações) e sucessor do pai, que o «esmaga» pela sua inteligência, pelo seu sucesso, pela sua riqueza e pela autoridade que daí lhe advém.

Note-se que em Novembro/Dezembro de 1956, Carlos faz ainda uma tentativa para se «emancipar» de António, ou melhor, para ser igual a seu irmão. Esta ideia de que os irmãos têm ou devem ser iguais é obsessiva em Carlos e por ele repetidamente matraqueada neste processo. Mas é uma ideia falsa. Os irmãos nunca são iguais. São sempre desiguais. É uma lei da vida.

Nessa altura, António estava no fastígio dos seus sucessos. A Empresa de Cimentos de Leiria multiplicara vertiginosamente a sua capacidade de produção. Além disso, António criara mais duas cimenteiras. E o velho sonho da família, a criação da Siderurgia, estava em vias de realização. Depois de inúmeros conflitos com as autoridades que discordavam dos projectos de António, este consegue impô-los: uma siderurgia em grande à borda da água.

MEGALÓPOLIS TURÍSTICO-HOTELEIRA

Tudo isto para Carlos era demais, esmagava-o, era castrante. Daí, a necessidade que ele sentiu de ser um António no ramo «de que ele mais gostava» e ei-lo autor do projecto de uma megalópolis turístico-hoteleira na Quinta da Marinha.

Assim como António realizara os sonhos de várias gerações de Sommers, no ramo do cimento e do ferro, Carlos propunha-se ser o António do ramo dos Champalimauds, pois um dos sonhos irrealizados do pai Champalimaud fora também o de criar, na Quinta da Marinha, um segundo Estoril, com uma zona de jogo, circundada por um grande circuito hoteleiro. Sonho que nunca levou àvante, porque tal empreendimento nunca foi autorizado.

E daí o facto de Carlos ter partido em fins de Novembro de 1956 para New York, donde regressou em 7 de Dezembro, à procura de capitais americanos para alimentar tal projecto. Mas, mesmo nessa tentativa de «emancipação», em relação a António, Carlos precisava de António, pois os contactos e as relações financeiras na América eram de António, não de Carlos.

Tal projecto fracassou, como não podia deixar de ser. Os americanos não se interessaram nessa altura (agora, é possível que lhes interesse): ainda não soara a hora do turismo. E zona de jogo, nem pensar nisso. Oficialmente, tal hipótese não era admissível.

Note-se a deferência e a amizade que Carlos manifesta a António na carta que lhe escreveu em 1/12/1956, de New York (fls. 10.740), quando ainda julgava possível a concretização do seu sonho. Eu vou lê-la, porque essa carta é muito significativa:

«Meu caro António

Creio que as coisas estão muito bem encaminhadas e até mesmo que as bases do empreendimento estarão assentes, com o grupo americano hoteleiro. No regresso te direi mais detalhadamente quanto se passou que aliás foi o que previra, tendo nós ficado de lhes apresentar as três alternativas em que te falara e ao Henrique.

(Neste período, mostra-se nitidamente que estes projectos e estas iniciativas eram da autoria de Carlos)

Aos americanos qualquer delas interessa.

Gostaram decididamente dos Planos — (esta é a outra característica de Carlos: ele só fala nos seus planos e nos planos de António) — e da forma como pusemos o problema.

Agradeço-te a introdução junto do teu amigo J. Wats — (Portanto, foi António que lhe deu as apresentações) — com quem estive ontem no Banco e que me convidou e ao F. N. Guedes para lá almoçarmos.

Ele foi muito simpático e para mim a visita foi muito interessante.

Só tenho pena de não dispôr de mais tempo mas mesmo assim já fui ver as auto-estradas, uma fábrica da Ford e mil coisas mais. Na 2.ª ou 3.ª vou para Miami e Jacksonville (vacas!) e depois Havanna e Caracas, contando regressar lá pelo dia 7. — (Por aqui se vê que Carlos só regressou a Portugal em 7 de Dezembro, ou, até, talvez mais tarde).

Muitas saudades para a Maria Cristina e os pequenos e recebe um abraço amigo do teu irmão

a) Carlos

V. Exas. podem verificar que esta carta em 1/12/56 era uma carta reverente, atenciosa, amiga. Era uma carta dum irmão mais novo para um irmão mais velho, com toda a deferência que estas relações, muitas vezes, implicam, sobretudo, quando havia esta dependência de que Carlos queria utilizar-se, precisamente para a superar.

E também se via desta carta que Carlos, em 1/12/56, estava plenamente convencido de que os financiamentos seriam conseguidos. Mas não foi assim.

É evidente que não podemos saber concretamente o que se passou. O que nós sabemos é que os financiamentos não foram concedidos. Os americanos, possívelmente, receberam-no com «falinhas mansas», mas acabaram por dizer que não lhes interessava financiar tal projecto.

De modo que, quando Carlos regressa a Portugal, tal esperança já estava desfeita.

Embora, evidentemente, a paranóia dele resida em raízes profundas que foram chocadas, gestadas e elaboradas ao longo de 35 anos — pois era a idade que ele tinha —, foi esta última frustração, esta última constatação da sua impotência para ser igual a António que o arremessa definitivamente para a paranóia.

Carlos não pode ser o que quer, porque António o esmaga, o rouba, o castra, porque a interpretação que Carlos deu a este falhanço, foi o facto de António não ter posto no empenho, junto dos americanos, aquele calor que ele desejaria, como se os financeiros alguma vez se interessassem por planos desses!

SALTO PARA A PARANÓIA

António persegue Carlos — é a conclusão que Carlos passa daí a tirar —, logo Carlos tem de perseguir António. E o facto é que este salto que Carlos faz para a paranóia, é um salto que, para Carlos, é vantajoso.

Até então Carlos vivera num doloroso período de perplexidade, de sofrimento e desconfiança, penosamente contidos. Este último insucesso rompe os diques e as vagas contidas da inveja, acumuladas desde a primeira infância, saltam de vez, livremente, para o exterior. Acabou-se o sofrimento da contenção: é a paranóia.

É daí a imputação, totalmente paranóica, a António de um nebuloso «intuito», «projecto» ou «plano», em consequência do que Carlos passa a interpretar todos os factos mais simples e corriqueiros de modo misterioso, atribuindo-lhes sempre um sentido delirante e deformado.

Regressado a Portugal em 7 de Dezembro de 1956, o primeiro acto de Carlos é registar, em fins desse mês, em nome da tia Albana, as célebres acções de Henrique Sommer que pertenciam a essa senhora, de quem era publicamente herdeiro presuntivo. E, em 31 de Janeiro de 1957, já se põe a António numa assembleia geral da Empresa de Cimentos de Leiria, até que, em meados de 1957, a guerra fratricida é desencadeada por ele em grande estilo.

Desde então até hoje, Carlos e os seus sequazes intentaram contra António e o seu grupo, 30 acções cíveis, das quais perderam 14, ganharam 5 e estão ainda pendentes 7.

Além disso, Carlos instaurou contra António estes três processos penais, nos quais foram imputados a António 11 crimes, todos eles sem a menor sombra de fundamento.

Carlos já foi até hoje processado e condenado em inúmeros processos por crime contra a honra e a verdade; o Supremo Tribunal de Justiça condenou-o como denunciante de má fé e são inúmeras as assembleias sociais de manifesta ilegalidade, por ele realizadas, através das quais procura anular as decisões da justiça, ou praticar as mais extraordinárias extorsões e apropriações. E isto não falando já dos processos-crime contra Carlos, em que este tem sido salvo por amnistias decretadas tal como no processo por crime contra a honra agregado à presente molhada, em que Carlos era réu.

Sem de modo nenhum querermos esmiuçar o nupcleo central e as ramificações da paranóia de Carlos, permitimo-nos chamar a atenção para algumas declarações deste que esclarecem bastante o assunto e que passamos a alinhar resumidamente.

Carlos afirmou por várias vezes que:

1) Está possuído da ideia fixa e inalterável de que António era, como sempre foi desde início, um igual entre todos os irmãos, um igual entre os iguais;

2) António sucedeu a seu pai na chefia familiar como irmão mais velho, e sua atitude para com ele, Carlos, era «paternal», os seus dizeres eram aceites como se viessem de pai para filho;

3) Perante esta chefia paternal de António Champalimaud, sentia-se subalterno e impotente;

4) Carlos andou «na lua» até ao 2.º semestre de 1956. Mas então assaltaram-no suspeitas nebulosas sobre a honestidade de António, que se foram avolumando, até que de súbito passou a compreender «que tudo aquilo que parecia sem sentido, sem objectivo — uma carta, uma acta, uma atitude, etc. — fazia parte do plano de seu irmão António que, após a morte de seu pai, a todos envolveu como uma aranha envolve as vítimas na sua teia»;

5) Esse plano que António tinha «na cabeça» era o de se apropriar, não só do domínio das empresas, mas também «de tudo», inclusive da casa onde vive Carlos;

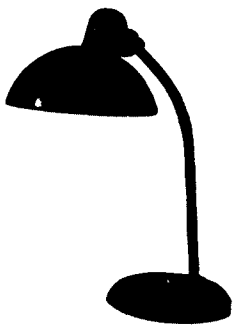
6) Esse «plano» de António vem desde a morte do pai de ambos e é devido ao facto de António não ser verdadeiramente seu irmão, mas um elemento totalmente diferente de toda a família, um tarado, um degenerado, um caso do foro psequiátrico, que deve ter tido como um abuso a circunstância de seus irmãos terem nascido.

Basta atentarmos bem nestas afirmações para se constatar a paranóia nelas expressa. Em primeiro lugar, a sua incongruência.

Se António foi um segundo pai para Carlos — e foi-o em certa medida — então certo é que António e Carlos não eram, nem podiam ser iguais. Em segundo lugar, o diagnóstico peremptório que Carlos faz de António como de um caso do foro psiquiátrico, «que deve ter tido como um abuso a circunstância de seus irmãos terem nascido», e possuído por um «plano» persecutório, logo que o pai de ambos faleceu, em 1937, e isto

Continua na pag 18

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pode ir por muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA 27

KAISER

CANDEEIROS DE TRABALHO E DECORATIVOS (ALEMÃES)
Distribuidores exclusivos
E M E L L I
Tel. 32 72 10 — LISBOA
Rua de Santa Justa, 99

Viagens apolo 73
CANÁRIAS
VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS ESPECIALMENTE FRETADO.
Partidas todas as 5.as Feiras de Julho a Setembro.
PREÇOS A PARTIR DE 2.770,00
Estadia em regime de pensão completa ou quarto com pequeno almoço. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.
MAIORCA
VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS ESPECIALMENTE FRETADO.
partidas todos os domingos de Junho a Setembro.
PREÇOS A PARTIR DE 3.400,00
Estadia em regime de pensão completa. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.
TORREMOLINOS
8/15 DIAS
VIAGEM EM AUTOCARRO COM AR CONDICIONADO
Partidas todas as 3.as e 5.as Feiras de Junho a Setembro.
PREÇOS A PARTIR DE 2.320,00
Estadia em regime de pensão completa.
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
UTILIZE O NOSSO SISTEMA DE CRÉDITO
WAGONS-LITS COOK
Av. da Liberdade, 103 Tel 36 15 21
Av. de Roma, 4 C Tels 72 26 39 72 26 54
Hotel Ritz R. Rodrigo da Fonseca, 86 Tel 68 06 32

DL/ESTRANGEIRO

Afirma Jack Anderson: Nixon aprovara a sabotagem eleitoral

WASHINGTON, 16 (R) — O célebre jornalista americano Jack Anderson, especialista na revelação de escândalos políticos, afirma hoje no «Washington Post» que «não existem provas que impliquem o presidente Nixon nos crimes do caso Watergate».

Anderson diz ter tido acesso aos depoimentos feitos perante o grande juri que está a instruir o processo e segundo afirma «nenhuma das testemunhas ali ouvidas, tanto quanto foi possível apurar, fornecer qualquer prova que possa incriminar o presidente».

O jornalista acrescenta: «pelo contrário, as nossas fontes na Casa Branca dizem-nos que o presidente nunca teve conhecimento do trabalho sujo feito pelos seus subordinados. Dizem-nos também que o escândalo Watergate foi para ele um choque e que ao ser informado praguejou violentamente contra os culpados».

A indigação do presidente intimidou os seus colaboradores e isso pode explicar o motivo por que eles tentaram a todo o custo esconder-lhe os factos comprometedores e mantê-lo na ignorância do que realmente se tinha passado.

«No entanto, no que diz respeito à campanha de sabotagem eleitoral contra os democratas, as nossas fontes reconhecem que o presidente não só tinha conhecimento dela como até aprovava» — escreve Anderson.

CASO WATERGATE

Funcionários da Casa Branca tentaram implicar a CIA

WASHINGTON, 16 (R.) — O presidente Nixon foi avisado, menos de três semanas a descoberta da espionagem na sede do Partido Democrático, que alguns dos seus principais colaboradores da Casa Branca estavam a tentar abafar o escândalo, segundo disseram hoje fontes bem informadas do Senado.

Segundo essas fontes o presidente foi avisado por Patrick Gray, que era então o director interino do FBI.

Gray teria falado telefonicamente com o presidente a 6 de Julho, depois de conferenciar com o general Vernon Walters, vice-director da CIA, o qual lhe disse que os conselheiros presidenciais Bob Haldeman e John Ehrlichman, dois dos homens de maior confiança de Nixon, tinham tentado persuadir a CIA a suspender as investigações do FBI sobre a origem do dinheiro encontrado em poder dos homens presos quando arrombavam o edifício de Watergate a 17 de Junho do ano passado.

As revelações de Gray, feitas durante uma sessão à porta fechada da Comissão Senatorial do Inquérito, foram as primeiras indicações de que Nixon estaria há muito avisado do que se passava com os seus mais intimos colaboradores implicados no caso Watergate.

Gray demitiu-se recentemente depois de ter revelado que destruira documentos altamente confidenciais encontrados no cofre de Howard Hunt, um dos homens directamente implicados no arrombamento e escuta clandestina em Watergate.

A sua revelação sobre os papéis desempenhados por Haldeman e Ehrlichman na tentativa de encobrimento parece ter sido confirmada ontem pelo general Vernon Walters ao depor perante uma outra comissão senatorial de inquérito.

O general disse à Comissão das Forças Armadas que os dois conselheiros presidenciais lhe tinham pedido para dizer ao FBI que o prosseguimento das investigações sobre a origem do dinheiro iria comprometer as actividades da CIA no México.

O dinheiro pago aos arrombadores era proveniente da Comissão eleitoral republicana mas tinha sido levantado através de um Banco mexicano, aparentemente para ocultar a sua verdadeira origem.

Segundo o senador Stuart Symington, o chefe da Comissão Senatorial, que deu aos jornalistas um resumo do depoimento, o general Walters repudiou as pressões de Haldeman e Ehrlichman e disse que não só a CIA não ficaria comprometida com o prosseguimento da investigação como o contrário é que era verdade.

O general Walters disse ter falado pela primeira vez com Haldeman e Ehrlichman a 23 de Junho — ou seja uma semana após a descoberta do arrombamento — acompanhado por Richard Helms, que era então o director da CIA.

Segundo o general disse à Comissão, o antigo consultor jurídico da Casa Branca, John Dean, também tentou persuadi-lo a usar a sua influência para suspender as investigações do FBI. Além disso Dean pretendia que a CIA pagasse a fiança aos arrombadores para eles sairem da prisão ou lhes pagasse os salários durante o tempo que estivessem presos.

As tentativas dos funcionários da Casa Branca para implicarem a CIA no caso Watergate deverão ser hoje novamente focadas quando Richard Helms, actualmente afastado da CIA, comparecer perante a comissão de meios do Senado.

Helms foi nomeado embaixador no Irão no princípio deste ano e ao depor perante a Comissão de Política Externa do Senado, que confirmou a sua nomeação, disse na altura nada saber sobre o caso Watergate. As declarações do general Walters parecem desmentir essa afirmação e Helms será certamente interrogado sobre essa aparente contradição.

Henry Kissinger: casamento adiado?

PARIS, 16 — (UPI-ANI) — O caso Watergate impediu o casamento do conselheiro da Casa Branca, Henry Kissinger — ao que escreve um jornal parisiense.

O «France-Soir» informa que Kissinger tenciona desposar Nancy Maginess, a secretária do governador de Nova Iorque, Nelson Rockefeller, e voltar para a vida particular.

O poder e a responsabilidade de Kissinger nos círculos da Casa Branca aumentaram desde o início do escândalo Watergate, que provocou demissões de outros conselheiros presidenciais conclui o «France-Soir».

Maoistas contra Brejnev na próxima visita à Alemanha Ocidental

BONA, 16 (R.) — O dirigente soviético Leonidas Brezhnev que na sexta-feira chega a esta cidade para uma visita oficial, será recebido por manifestações de hostilidade organizadas pelos comunistas alemães de tendência maoista.

Apesar das precauções tomadas pela polícia alemã para garantir a segurança do visitante, informadores do Partido comunista maoista anunciaram, ontem à noite em Berlim oeste e em Dortmund, que os seus partidários se manifestarão contra Brezhnev, que consideram «um revisionista».

Ontem a Polícia alemã efectuou rusgas nas instalações daquele Partido em sete cidades e prendeu um dos seus principais dirigentes, Juergen Horlemann, continuando à procura de outro chamado Christian Semmler.

O ministro do interior disse, porém, que as rusgas contra os maoistas se relacionam com o processo judicial contra eles instaurado há duas semanas devido à invasão e ocupação da câmara municipal de Bona, durante uma manifestação de protesto contra a visita do presidente Van Thieu do Vietname do Sul.

Os maoistas decidiram levar a cabo manifestações contra Brezhnev em resposta às manifestações de boas-vindas que estão a ser preparadas no mesmo dia pelos membros do Partido comunista alemão de tendência pró-soviética.

A visita do dirigente soviético começa na sexta-feira e prolongar-se-á por cinco dias mas o programa exacto ainda não foi revelado. Julga-se, no entanto, que visitará Dortmund na segunda-feira, data em que estão previstas as manifestações.

De qualquer forma as autoridades decidiram não correr qualquer risco e mobilizaram 6.500 polícias para montarem um apertado serviço de segurança em torno do visitante, pelo que nem os manifestantes hostis nem os simpatizantes terão possibilidades de se aproximarem do primeiro chefe do Partido Comunista Soviético que visita a Alemanha Ocidental.

Cerca de dois mil manifestantes protestaram ontem à noite contra as rusgas efectuadas pela polícia em Berlim Oeste, as quais visaram também outras organizações esquerdistas além do Partido Comunista Maoista.

CRISE NO URUGUAI

Tropas ocuparam posições para intimidar o Senado

MONTEVIDEU, 16 — (R.) — O Senado do Uruguai debatia hoje uma moção de impugnação cuja rejeição poderia pôr em perigo instituições democráticas neste país.

A sessão-maratona estava a considerar se devia retirar a imunidade parlamentar a um senador esquerdista, apesar de declarações feitas antes por colegas tornarem uma decisão negativa numa conclusão prevista.

A seguir a uma votação negativa, que neste caso incluiria uma maioria afirmativa de menos de dois terços, restava verificar-se se as forças armadas, que pediram a impugnação, prenderiam o senador sem se importarem com a Constituição.

Um tribunal militar requereu que fosse autorizado a julgar o senador Enrique Erro, da coligação oposicionista, por alegadas ligações com os guerrilheiros urbanos tupamaros.

O presidente Juan Maria Bordaberry, um conservador, travou ontem conversações numa base da Força Aérea nos arredores da capital numa tentativa para evitar uma nova crise militar-política.

Tropas ocuparam posições na capital e perto dela numa medida aparente para intimidar o Senado.

Um senador, que representa o Partido Blanco, da oposição, tradicionalmente nacionalista, alegou a noite passada que o presidente Borberry se preparava para violar a Constituição ordenando a prisão de Erro, sem ter em conta a decisão do Senado.

O presidente, na sua única declaração sobre a crise, afirmou laconicamente ontem, à noite: «Desde que todos cumpram o seu dever não haverá confrontação de poderes.»

Tropas e polícias aguardam cuidadosamente desde ontem o edifício do Congresso e soldados seguem como sombras o senador Erro.

Em Fevereiro último, tanques entraram em Montevideu quando as forças armadas se reusaram a obedecer ao Governo Civil e ditaram um programa político, além de obrigarem o presidente Bordaberry a criar um conselho de segurança nacional, todo poderoso e sem estar previsto pela Constituição.

Dois turistas mortos por soldados zambianos na fronteira rodesiana

SALISBURY, 16 — (R e UPI-ANI) — Soldados da Zâmbia abriram fogo sobre um grupo de turistas que visitavam as cataratas Vitória, na fronteira entre a Rodésia e a Zâmbia, matando pelo menos uma rapariga canadiana e ferindo um norte-americano, segundo anunciou aqui o Governo.

A turista canadiana teve morte instantânea ao ser atingida por uma rajada de armas automáticas. Outra canadiana foi atingida e caíu ao rio Zambeze mas o seu corpo ainda não foi encontrado pelo que não se sabe se também morreu.

O incidente registou-se ontem mas o comunicado oficial não dá o nome dos turistas alvejados.

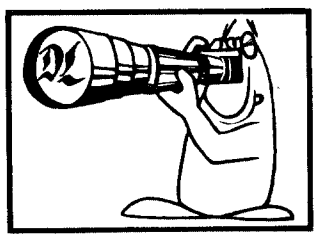
O comunicado oficial afirma existirem provas irrefutáveis de que o ataque foi efectuado por soldados da Zâmbia e não por guerrilheiros, apesar de nos últimos meses estes terem realizado algumas operações em território rodesiano, perto da fronteira.

O grupo de turistas atacados era composto apenas pelas duas raparigas canadianas e por um casal americano. O ataque registou-se às duas horas da tarde, nas proximidades da estação de Bombagem.

Por outro lado, anuncia-se também que os guerrilheiros africanos obrigaram o idoso prospector branco L. E. Konig a levantar-se da cama e mataram-no.

Konig, que tinha quase 70 anos, vivia numa cabana na região de Mount Darwin, cerca de 135 quilómetros a nordeste de Salisbúria e é o sexto branco morto nas recentes actividades dos terroristas, que também atacaram uma aldeia africana próxima e raptaram dois negros, noutro incidente numa «área operacional». Um dos negros foi morto e o outro ficou ferido.

VIAGENS EM AUTOCARRO
«Circuitos Populares»
ANDORRA
4 DIAS ..... 1.510$00
LOURDES E ANDORRA
5 DIAS ..... 1.620$00
ANDALUZIA
7 DIAS ..... 2.230$00
MEDITERRÂNEO
7 DIAS ..... 2.370$00
PARIS
7 DIAS ..... 2.930$00
ITÁLIA
12 DIAS ..... 4.210$00
MEDITERRÂNEO E ANDALUZIA
13 DIAS ..... 4.280$00
ITÁLIA HISTÓRICA E ARTÍSTICA
14 DIAS ..... 4.710$00
SUÍÇA, ALEMANHA, HOLANDA, BÉLGICA E FRANÇA
14 DIAS ..... 5.760$00
ESPANHA, ITÁLIA, SUÍÇA, ALEMANHA, HOLANDA, BÉLGICA E FRANÇA
23 DIAS ..... 9.480$00
PARTIDAS DE MADRID
Peça programa detalhado
Informações e inscrições:
Agência de Viagens
CATUR
LARGO DA BIBLIOTECA PUBLICA 17
LISBOA



FLASH ELECTRONICO
Multiblitz
a iluminação perfeita para o fotógrafo profissional mais exigente.
ESTAB M. SIMÕES JR, S. A. R. L.
10 R DOS DOURADORES LISBOA
208 R ST ANTONIO PORTO
ASSISTENCIA TÉCNICA IMEDIATA

CALDAS DA RAINHA
BOMBARRAL – ÓBIDOS – PENICHE
ALCOBAÇA
COLABORADORES/AS
EM «FULL» OU «PART-TIME» PARA A VENDA DE OBRAS CULTURAIS EM PORTUGUÊS
PRETENDEMOS:
Sentido de responsabilidade
Espírito de iniciativa
Facilidade de argumentação
OFERECEMOS:
Remunerações comissionais extraordinárias
Preparação cuidada — Total colaboração
Responda com urgência para este jornal ao n.º 803

DL/ESTRANGEIRO

O presidente Nixon recebeu, na Casa Branca, o Imperador Hailé Selassié da Etiópia, com quem esteve reunido durante 70 minutos. Selassié, de 80 anos, está no poder desde 1930, com um curto interregno durante o tempo em que os italianos ocuparam a Etiópia. Nixon, no decorrer do encontro garantiu a continuação de auxílio norte-americano para o desenvolvimento económico da África e reafirmou o seu desejo de vir a ser o primeiro presidente dos EUA a visitar a África Negra. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

SE TIVEREM A LUZ VERDE

Os astronautas enfrentarão a viagem mais perigosa

CABO KENNEDY, 16 (R.) — Os astronautas do Skylab enfrentam a viagem mais perigosa da história dos voos espaciais se tiverem a luz verde para partir para a estação cósmica avariada, agora transformada num forno, sem a protecção do seu escudo de isolamento térmico e crestando-se sob o sol abrazador.

Outros astronautas atravessaram riscos semelhantes quando exploraram o Cosmos para chegar à Lua, após terem deparado com imensas dificuldades. Contudo, esses perigos eram o desconhecido e os riscos naturais envolvidos na exploração de um mundo novo.

O comandante Pete Conrad, o dr. Joseph Kerwin e Paul Weitz, os primeiros tripulantes do Skylab, defrontam, porém, os perigos conhecidos de uma estação espacial avariada por ter sido arrancado o seu escudo protector de isolamento térmico e terem surgido outros problemas sérios, juntando-se tudo isso aos riscos que os exploradores do espaço enfrentam normalmente.

Técnicos deste centro consideram que a projectada viagem será extremamente perigosa. Muito provavelmente, os astronautas depararão com vários destroços espaciais quando manobrarem a volta do Skylab e levarem a sua nave Apolo para um encontro e junção com a «oficina cósmica».

Na altura em que os astronautas entrarem na estação espacial os perigos seriam imensos. Funcionários admitiram já prever «problemas horríveis» como resultado da temperatura de 48 graus centigrados que se regista no interior. Além disso, como a perda do escudo de isolamento térmico podia ter sido o resultado de uma avaria eléctrica, poderiam haver inúmeros problemas ou curtos cirtuitos potenciais em consequência disso.

Quando o escudo de isolamento térmico foi arrancado, técnicos afirmaram que o desastre podia ter causado mais estragos no interior do Skylab do que no exterior. Um choque devastador afecta frequentemente o equipamento e podia fazer com que a cabina se enchesse e destroços flutuantes.

A temperatura de 48 graus, comparada com a prevista entre 15 a 20 graus, deve ter provocado danos consideráveis. Aparelhos electrónicos são destruídos facilmente por altas temperaturas e instrumentos delicados, como os telescópios, envolvendo verbas no valor de 200 milhões de dólares (cerca de cinco milhões de contos), podiam ser afectados seriamente ou ficarem inutilizáveis.

Temperaturas demasiadamente elevadas poderiam, também, afectar a operação do novo congelador, cheio com toneladas de refeições frias para as três tripulações de astronautas.

Uma das decisões mais difíceis que a agência do espaço tem de tomar é a de enviar ou não os astronautas para a sua missão. Funcionários da NASA lutam desesperadamente para afastar a possibilidade da perda de todo o programa, no valor de 2.600 milhões de dólares (cerca de 65 milhões de contos). Se o Skylab, em órbita, não poder ser visitado por astronautas, não existe virtualmente qualquer possibilidade de aparecer dinheiro para o lançamento de outra dessas naves.

Funcionários da agência do espaço disseram que levaria de 15 meses e custaria 30 milhões de dólares (aproximadamente 750.000 contos) por mês a colocar outro Skylab em orbita. A acrescentar a tudo isso previa-se ainda um dispêndio de mais cerca de 500 milhões de dólares (quase 12.500.000 contos). E, portanto, muito duvidoso que o público apoiasse tais gastos.

A supressão do programa Skylab acabaria provavelmente com todas as esperanças de exploração espacial tripulada em futuro previsível para os Estados Unidos.

FAIÇAL EM PARIS

A França pretende mais petróleo

PARIS, 16 — (FP) — O reforço das relações bilaterais e o problema do médio Oriente estiveram no centro das conversações que o rei Faiçal da Arábia Saudita teve ontem em Paris com o presidente Goerges Pompidou.

Numerosas personalidades francesas e sauditas assistiram à conferência, nomeadamente o primeiro-ministro Pierre Messmer, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Michel Jobert e os ministros do Exército dos dois países, sultão Ibn Abdul Aziz e Roberto Kgalem. Quanto às relações comerciais, a França, que importa o petróleo saudita, desejaria mais e participar na industrialização da Arábia Saudita.

O rei Faiçal foi recebido também na câmara por Nicole de Hautecloque, presidente do conselho de Paris.

O soberano que evocou nesta ocasião o problema dos palestinianos, declarou esperar que a França e o seu país alcançassem os seus objectivos comuns: «Solução de todos os problemas, nomeadaemnte no médio Oriente, afim de se reconstituir o direito dos povos e liquidar todas as consequências da agressão».

O soberano assistiu à noite a uma recepção em que estiveram também o presidente Pompidou e a esposa.

CALEIDOSCÓPIO

PEDIDO DE ROGERS — Os Estados Unidos pediram à Venezuela para aumentar as suas exportações de petróleo em bruto e de «fuel oil», para os Estados Unidos. «O petróleo domina as nossas relações económicas e são boas as perspectivas de a Venezuela manter e aumentar a sua substancial participação no mercado petrolífero norte-americano» — declarou, num almoço, o secretário norte-americano de Estado, William Rogers. Rogers iniciou no sábado uma digressão de dezassete dias por países da América Latina. (UPI-ANI).

DON MINTOFF NO CAIRO — O chefe do Governo maltês, Dom Mintoff, chegou ao Cairo para conferenciar com os dirigentes egípcios sobre questões mediterrâneas, conflito israelo-árabe e relações bilaterais — anuncia-se nos círculos políticos. E a primeira visita de Mintoff ao Egipto. Foi recebido à chegada pelo vice-chefe do Governo, Abdel Kader Hatem. (UPI-ANI).

BOBBY SEALE DERROTADO — O «mayor» de Oakland, John Reading, foi reeleito para um terceiro mandato ao derrotar claramente Bobby Seale, um dos fundadores do movimento «panteras negras». Contados os votos em 333 das 436 circunscrições Reading tinha 62 294 votos ao passo que Seale obteve apenas 30 455 votos. (UPI-ANI).

KISSINGER HOJE EM PARIS — E esperado hoje em Paris o conselheiro presidencial norte-americano, Henry Kissinger, que vem à capital francesa efectuar reuniões com o negociador de paz do Vietname do Norte, Le Duc Tho. As conversações entre Kissinger e Le Duc Tho, destinadas a tentar melhorar a aplicação do acordo de paz para o Vietname, iniciam-se amanhã. O negociador norte-vietnamita encontra-se já em Paris, onde chegou anteontem. (UPI-ANI).

NOVO GOVERNO CAMBOJANO — O novo Governo de coligação do Camboja prestou hoje juramento. A breve cerimónia realizou-se no Palácio de Chamcar do presidente Lon Nol. Durante a cerimónia, o primeiro-ministro In Tam, antigo chefe da oposição ao marechal Lon Nol, preconizou um programa de seis meses para o novo Governo. Quanto ao problema de se acabar com a guerra, In Tam reiterou a exigência da retirada de forças estrangeiras do Camboja. (R.).

Caça ao homem

DONALSONVILLE, (Georgia) 16 — (R) — Agentes do FBI e Polícias de três Estados americanos iniciaram uma gigantesca «caça ao homem», procurando quatro indivíduos suspeitos de terem chacinado todos os seis membros de uma família numa quinta perto desta cidade.

Os corpos de cinco das vítimas foram encontrados com um tiro na cabeça, no interior de uma «roulotte» onde a família vivia, e a mulher de um dos cinco homens assassinados foi violentada e morta também com um tiro a cerca de dez quilómetros de distância, sendo depois abandonada pelos criminosos que se puseram em fuga.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pinto e Leite, Ld.ª — «Papelaria e Novidades — CARAMULO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no «Café Oceano» Cortes Silva Vieira Leonel R. Portas de Portugal LAGOS

TRAVESSAS BRASONADAS PORTUGUESAS
COMPANHIA DAS ÍNDIAS

ROUBADAS DE CASA PARTICULAR — POLÍCIA AVISADA

BRASÕES DAS SEGUINTES FAMÍLIAS:

JOSÉ DE SEABRA E SILVA; D. FRANCISC O JOSÉ MARIA DA FONSECA E ÉVORA (BISPO DO PORTO); D. BERNARDO JOSÉ MARIA DE LORENA E SILVEIRA (5.º CONDE DE SARZEDAS); FRANCISCO ANTÓNIO DA VEIGA CABRAL DA CÂMARA PIMENTEL (1.º VISCONDE DE MIRANDELA); JOSÉ PAMPLONA CARREIRO RANGEL BALDAYA DE THOVAR; JOAQUIM PEDRO QUINTELA DE FARROBO; DR. FRANCISCO DE MELO E VASCONCELOS; PEDRO E DOMINGOS JOYCE.

Gratifica-se quem informar do seu paradeiro para os telefones 790252 e 793386 de Lisboa.

Militares condecorados

Foram louvados por serviços no Ultramar e condecorados com a medalha de prata de Serviços Distintos, com palma, os seguintes militares: capitão-de-fragata Fernando de Almeida e Silva, tenente-coronel Rogério Augusto Garrett da Silva, e Castro, primeiro-tenente José Manuel Ferreira Gouveia, capitão Carlos Alberto da Silva Pinto e Simas (Moçambique) e furriel miliciano piloto Luis Manuel Mendonça Vilela da Mota (Moçambique) medalha de Cruz de Guerra, de segunda classe, a título póstumo.

O ASSALTO À ARTE

Continuação da pag. 3

vantou por parte dos dirigentes municipais, que previa a criação de um museu nacional de arte sacra.

Mas o reagrupamento dos objectos preciosos em locais bem guardados e acessíveis ao público, não é a única medida que está em curso de aplicação. Começa também a ser praticada a selagem das estátuas, quadros e tapeçarias, a instalação de sinais de alarme, a protecção dos tesouros das igrejas, a catalogação dos objectos, a inscrição num inventário suplementar dos monumentos históricos e outras peças de arte.

Finalmente, a Gendarmerie francesa foi encarregada pelo serviço nacional dos monumentos históricos de organizar um ficheiro fotográfico de todos os objectos e peças de arte disseminados pelo território. Estão já a ser realizados os ficheiros das regiões de Alpes-de-Haute-Provence, de Puy-le-Dôme, de Cher e de Ariége.

Mas há ainda os particulares, que também deviam tomar medidas especiais de protecção. Em Roma, estando eu a admirar num belo apartamento burguês um pequeno Guardi, «desde sempre na família», explica-me o seu proprietário que o quadro não estava sequer no seguro, e que confiava nas óptimas fechaduras da casa para impedir a aproximação dos gatunos. «Porque, acrescentou, a melhor protecção continua a ser a ignorância... Se os coleccionadores fossem mais discretos, talvez não fossem roubados tantas vezes!».

OBRAS-PRIMAS NO COFRE-FORTE

Se as grandes colecções privadas são no geral bastante conhecidas e bem guardadas, outras há que são menos conhecidas e protegidas do que as do sr. Paul Getty ou do sr. Rothschild. Para ser utilizada pelos amadores ricos que possuem algumas telas ou objectos de arte muito valiosos, bem como pelos mercadores que detêm temporariamente obras que podem ser alvo de cobiças alheias, o banco francês «Societé Général» dispõe de uma torre cofre-forte em pleno centro de Paris, onde as obras podem ser guardadas ao abrigo de qualquer risco.

É essa utilização que com certeza não tinha sido prevista por aqueles que mandaram construir essa torre de um só bloco — autêntico torreão digno do Fort-Knox — junto da qual passam todos os dias milhares de parisienenses sem se aperceberem da sua presença, dissimulada como está pelas fechaduras burguesas das avenidas Kléber e Raymond-Poincaré.

Com uma altura de 70 metros e um diâmetro de 50, esta torre, monumento de Paris misterioso, que ficou tão cara que a sociedade que a mandou construir teve de se empenhar para a conseguir acabar, foi concebida para proteger o ouro dos bancos contra as incursões da banda «à Bonnot». Até há pouco tempo, aí se guardavam cerca de 20 biliões de grossos títulos bancários, mas depois das obras realizadas pela Sogegarde, uma filial da Société Général, ela transformou-se num autêntico museu secreto. É o sr. Germain Bazin, director honorário do museu do Louvre, que dirige o serviço de conservação, coadjuvado por três jovens diplomadas da Escola do Louvre.

Uma simples chamada telefónica, e uma equipa especializada encarrega-se da embalagem e transporte dos objectos ou quadros destinados a serem guardados na torre. Protegidos por uma dupla parede de betão com quatro metros de espessura, instalados em salas almofadadas, os quadros são colocados em molduras móveis, permitindo assim aos seus proprietários fazê-las retrair a qualquer momento para as mostrar, em salões especialmente arranjados para o efeito, às pessoas amigas.

Vimos nessa torre uma grande tela de Rubens, que deve ser objecto de uma transacção comercial orçada em cerca de dez milhões de francos franceses, e cujo nome do proprietário não foi divulgado, destacando-se ainda telas de Véronèse, Bruegel, Courbet, de autores impressionistas e modernos.

Embora nem todos os segredos que envolvem a protecção destas telas nos tenham sido revelados, os que conhecemos são de molde a desencorajar Arséne Lupin em pessoa. Portas blindadas que só são abertas do interior, excepto uma, cujo acesso é protegido por uma vala automàticamente cheia com o fecho da porta, tectos móveis de cimento, câmaras de televisão, sistemas de radar, sistemas de alarme altamente subtis e, em caso de incêndio, sistema de extinção por intermédio de gases flugex, que não deterioram os objectos.

A obra de arte, que se remete assim ao confre-forte para a proteger dos actos de vandalismo e da cobiça dos ladrões, perde todo o seu significado. Ela é naturalmente destinada a ser mostrada ao maior número de pessoas, sobretudo quando se trata de obras que pertencem por direito próprio ao património de toda a humanidade. O principal inimigo continua a ser o dinheiro, através do que se convencionou chamar o valor comercial das obras, que impele ao tráfico ilegal.

«A propriedade é o roubo», dizia Proudhon, mas esta frase tão discutida não poderá ser aplicada à propriedade pública. Assim, talvez que a melhor dissuasão fosse ainda a de um dia todas as obras de arte dignas de serem conservadas, enquanto bens culturais, deixarem de ser mercadorias negociáveis por alguém que não seja mandatário da nação.

Seria dar aos mecenas a ocasião de revelarem o seu verdadeiro desinteresse e aos coleccionadores endinheirados a oportunidade de não estarem à espera da morte para renunciarem a este egoísmo requintado que afinal os expõe, juntamente com as obras que possuem, às garras dos malfeitores.

MORADIAS VENDEM-SE
NA ZONA DE CASCAIS

ÓPTIMAS MORADIAS COM 5, 7 e 9 ASS., EM LOCAL DE GRANDE VALORIZAÇÃO E LINDA VISTA.

PREÇOS: DESDE 650 CONTOS

TRATA: BARAONA & BARAONA, LDA.
Mediador Oficial
AV.ª VALBOM, 28 - 1.º
Telef. 280749 — CASCAIS

RETRO-ESCAVADORAS — PODEROSO BRAÇO AUXILIAR DE GRANDE VERSATILIDADE APLICÁVEL A QUALQUER MARCA DE TRACTORES:

McCONNEL

J. J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L. ao serviço da lavoura
Divisão Agrícola - AZINHAGA DOS LAMEIROS - ESTRADA DO PAÇO DO LUMIAR - LISBOA-4-TEL 79 40 95-96-97-98

SOLICITE-NOS INFORMAÇÃO COMPLETA McCONNEL

EXCURSÕES CP

VALE DO TÂMEGA
no «COMBOIO HISTÓRICO»
em 19 e 20 de Maio

- ★ Partida de Lisboa-St.ª Apolónia, no «rápido», às 8.45, em 1.ª classe. (Faculta-se a ida pelo comboio «Foguete» às 14.10, sem almoço. Preço: menos 80$00),
- ★ Almoço típico no Porto e visita panorâmica da cidade.
- ★ Alojamento em Hotel de 1.ª classe.
- ★ Viagem no «Comboio Histórico». A sua pequena locomotiva, e os seus pequenos e luxuosos salões, onde visitaram El-Rei D. Carlos e os Presidentes da República, Carmona e Craveiro Lopes, evocam-nos, através do Vale do Tâmega (Livração a Celorico de Basto), os bons velhos tempos..
- ★ Almoço regional em Amarante e visita da vila.
- ★ Regresso ao Porto, com passagem e visita de Guimarães. Partida de Porto-Campanhã, às 20.00; chegada a Lisboa, às 0.45.

PREÇOS POR PESSOA

De LISBOA	850$00	Santarém	820$00
Évora/Beja	960$00	Entroncamento	800$00
Faro/Lagos	1050$00	Coimbra	690$00

Redução para grupos de 10 ou mais pessoas e para crianças.

INFORMAÇÕES E FOLHETOS DESCRITIVOS:
— Estação de Lisboa - Rossio
— Estação de Santa Apolónia
— Rua do Arsenal, 124 - 1.º — Lisboa
ORGANIZAÇÃO — TELEF. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

DL/GERAL

EM 1972 NOS PIRINÉUS

Morte por afogamento de 80 emigrantes portugueses

«Mais de cento e trinta emigrantes afogados no Bidassoa durante um ano são demasiados para que não se tomem medidas urgentes contra os responsáveis directos ou indirectos dessas mortes. Ante estas cifras de 1972 não podemos ficar impassíveis».

Segundo informações tornadas públicas pela Comissão de Recepção e Ajuda aos emigrantes, de Hendaia (França), morreram afogados, durante o ano de 1972, no troço internacional do rio Bidassoa, 80 emigrantes clandestinos portugueses. No mesmo período tiveram idêntica «sorte» entre 50 e 80 africanos quando, de igual modo, procuravam atravessar o citado rio em direcção a França.

O referido troço do Bidassoa, com cerca de 12 quilómetros de comprimento, tem várias passagens consideradas perigosas, sobretudo nos períodos invernosos, devido à violência do seu caudal.

PASSAGEM CLANDESTINA

Em notícia de 11 de Maio passado, o jornal espanhol, «Informaciones», referindo-se ao facto, afirmava que o motivo fundamental da passagem clandestina de emigrantes para França era o de **«as autoridades deste país exigirem, para entrada nele, de, entre outros requisitos, um visto de entrada, um contrato de trabalho, já legalizado, e uma avultada quantidade de dinheiro para, pelo menos, justificar as despesas de viagem e estadia. De qualquer forma pensa-se que, aproximadamente, uns 80 por cento dos 700 000 portugueses emigrados em França, atravessaram a fronteira clandestinamente».**

«AFOGADOS DO BIDASSOA»

Na sua edição do mesmo dia aquele jornal do país vizinho em comentário intitulado **«Os afogados do Bidassoa»**, afirmava a certa altura: **«A passagem de emigrantes portugueses e africanos através da fronteira franco-espanhola está a adquirir proporções dramáticas... esses emigrantes clandestinos, que se movem livremente pelo nosso país, carecendo todavia de documentação para entrar em França, são enganados de maneira perfeitamente criminosa. Sugerem-lhes a passagem a nado do Bidassoa por zonas perigosas, ou abandonam-nos em picos pirenaicos, sem alimentos, roupas ou abrigo. Na primeira quinzena de Abril, três africanos foram abandonados pelo seu «guia» na fronteira e morreram de fome, frio e sede».**

Depois de referir que, noutros casos, os emigrantes são metidos em camiões e abandonados em qualquer ponto de Espanha, convencidos de que se encontram em França, aquele vespertino espanhol continua: **«Os «guias» expoliam-nos, enganam-nos e abandonam-nos, frequentemente, a uma sorte que implica morte... Nem a nossa fronteira pode ser vigiada metro a metro, nem podemos impedir a entrada em Espanha a quem vá provido da correspondente documentação, ainda que saibamos que passará a fronteira infrutiferamente e com o risco da vida. A tarefa de informação dos nossos consulados e embaixadas, nos países de origem destes emigrantes, só dará frutos a longo prazo. E, entretanto, Espanha continuará a ser trampolim de todos os portugueses e africanos francófonos que procuram melhorar o seu nível de vida nos mercados de trabalho da C.E.E. Resta apenas a alternativa de eliminar definitivamente as redes de tráfico fronteiriço de mão-de-obra».**

E após referir a necessidade de penas mais pesadas para os traficantes de trabalhadores o «Informaciones» conclui:

CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

Em carta muito amável e que referenciamos, agradeceu a Cruz Vermelha Portuguesa a atenção prestada por este jornal às suas campanhas intituladas **«Dia Mundial da Cruz Vermelha»** e **«Poluição e Meio Ambiente»**

VOCÊ GASTA MENOS

MAIS IMPORTANTE DO QUE O PREÇO DE UM AUTOMÓVEL É O CUSTO DA SUA UTILIZAÇÃO DIARIA

DATSUN 1200

O CARRO MAIS ECONÓMICO DA CLASSE

MENOS CONSUMO
PEQUENA DESVALORIZAÇÃO
MENOS ASSISTÊNCIA
BAIXO CUSTO DE SOBRESSALENTES

O DATSUN 1200 é mais barato

ENTREPOSTO

Continuação da pag 13

O CASO DA HERANÇA SOMMER

sem qualquer prova, mostra que tal diagnóstico é o diagnóstico da sua própria doença mental. É um autêntico contra-senso que António possa ter formulado com 19 anos de idade qualquer plano de estrangulamento dos irmãos em 1937, quando seu pai morreu prematura e inesperadamente na força da vida, sem que de tal plano nem Carlos, nem ninguém, se tivesse apercebido durante 20 anos, ou seja, até 1957. Por outro lado, no fundo Carlos imputa a António tal plano desde a infância mais tenra, pois afirma que António é um degenerado, que deve ter tido como um abuso a circunstância de seus irmãos terem nascido. António tinha um ano quando do nascimento de Henrique, e dois anos e meio aquando do de Carlos. Como é que Carlos soube subitamente, 35 anos depois, que o seu nascimento suscitara tais invejas fratricidas em António?

A realidade é totalmente ao contrário do que Carlos «sente» e o seu exame revela uma das mais persistentes técnicas delirantes de Carlos, que é a projecção, ou seja, colocar em António os seus próprios sentimentos, pulsões e instintos para se libertar deles. Na verdade, Carlos é que teve como um abuso o facto de António ter nascido, pois sentiu sempre a sua existência como a usurpação do lugar a que se julgava com direito.

E isto mostra também que os conflitos íntimos de Carlos face a António não se iniciaram apenas em 1956, nem sequer sòmente na data do falecimento do pai, em 1937, mas vêm de muito mais longe e datam da primeira infância. Agravaram-se com a morte do pai em 1937 (nessa altura, António tinha 19 anos e Carlos quase 17) e a promoção de António, então, ao lugar paterno nas responsabilidades familiares.

A atitude de Carlos face a António vai sendo cada vez mais um misto desconfortável de submissão aparente e inveja real e no seu íntimo é que se vai gizando subterrâneamente o «plano» de o destronar e expropriar. Mas uma vez fracassada a sua tentativa de construir na Quinta da Marinhha os grandes hoteis à americana, fracasso que se tinha na primeira quinzena de Dezembro de 1956, Carlos salta como um possesso para a execução do «plano» de extermínio de António. Atente-se bem na linguagem submissa e reverencial da carta de Carlos para António de 1/12/56, escrita de New York, e ver-se-á logo que o salto «dialéctico» da inveja disfarçada para a agressão frontal se deu precisamente na segunda quinzena de 1956.

É evidente que essas suspeitas nebulosas de Carlos contra António não têm, nem nunca tiveram, qualquer base real. Mas é nesse momento, ou seja, após o fracasso americano, que Carlos sente de modo mais humilhante a sua impotência para se tornar igual a António. E, por isso, essas suspeitas nebulosas são por ele sentidas cada vez mais como reais, até delas ficar definitivamente prisioneiro. Carlos é impotente porque António lhe roubou a potência. Portanto, Carlos tem de roubar, por sua vez, ao ladrão o que este lhe roubou. E o ele sentir-se vítima de uma agressão, embora irreal, que explica a agressão de Carlos contra António, ou seja, o «plano» de Carlos para exterminar António.

E o que não há dúvida é que Carlos tem obtido, tanto no plano táctico-estratégico, como no dos resultados práticos, êxitos apreciáveis, pois ele se encontra hoje na posse de valiosos bens de António, como os seus quinhões na Quinta da Marinha, e nas Quintas da Régua entre outros, em conseuqência dos mais extraordinários meios de chicana litigante. E António, esse não possui (nem de tal precisa) um único chavo ou ceitil de Carlos ou de qualquer outro dos irmãos.

Mais: Carlos já tentou, por duas vezes, expulsar António da sua própria casa e apoderar-se dela. Carlos é que é, na realidade, um caso de foro psiquiátrico. Até neste ponto Carlos projecta em António a sua própria doença mental, como anteriormente a tinha projectado a seu tio Afonso, em duas acções que foram julgadas sem base de espécie nenhuma. E nem vale a pena ironizar acerca da circunstância de Carlos reagir agora indignamente contra o facto de a defesa ter desvendado a sua doença mental, enquanto anteriormente ele a imputara a António com o mesmo desenfastio e sem fundamento de sempre.

O julgamento prosseguirá hoje às 16 h. 30, prevendo-se que o dr. Salgado Zenha termine as suas alegações.

Na 420.ª sessão do caso da herança Sommer, continuou e terminou ontem as suas alegações, o advogado de António Champalimaud, dr. Francisco Salgado Zenha.

Assim findou a defesa de António Champalimaud... se, na sessão marcada para hoje, não houver réplica das acusações.

Entretanto, o Tribunal mandou comparecer Henrique Champalimaud na sessão de hoje, para lhe formular a clássica e obrigatória pergunta: se deseja alegar algo mais em sua defesa.

Recorda-se que Henrique Champalimaud abandonou o julgamento em Fevereiro de 1971, por motivo de doença, tendo desde então ficado internado na Prisão-Hospital de S. João de Deus, de onde não mais voltou à sala de audiências.

Disse o dr. Salgado Zenha:

BALANÇO DE UMA REVOLTA

Srs. drs. juízes, eu estava ontem a analisar as características do sr. Carlos Champalimaud. E uma das outras características do sr. Carlos Champalimaud é a de que ele é incapaz do mais ligeiro sentimento de auto-crítica.

Tudo o que ele faz está certo, conforme se vê das suas declarações, mas todos os que lhe se opõem são — para usar também as suas expressões — uma «mafia», uma «organização de criminosos».

Além disso, e nesse capítulo o sr. Carlos Champalimaud não é responsável, a sua doença foi manifestamente exacerbada por este longo julgamento e pela audiência prestada aos seus delírios.

E tarefa absolutamente redundante discutir os delírios de um doente impenetrável à razão. **O delírio examina-se de fora, não por dentro.** Examinar o delírio por dentro é aceitar a própria doença como um estado normal e não pode levar a conclusões nenhumas.

Saltando para fora desse delírio, a realidade é que até 1957, Carlos só recebeu de António, amizade, ajuda, compreensão e benefícios. António foi, na realidade, um segundo pai para Carlos. E essa impossível conciliação da gratidão que Carlos deve a António, e a irreprimível inveja vinda desde a infância que Carlos sente contra António, é o sofrimento intolerável do entrechoque dessas duas forças que fizeram explodir a paranóia de Carlos em 1956/7.

E é inteiramente absurdo que depois de se ter instigado e atiçado durante anos e anos este pobre doente aos seus desvarios, se pretenda que as suas vítimas estão impedidas de se defenderem dele mostrando a insanidade do agressor.

Um doente não se ataca, e as minhas palavras aqui não têm a finalidade de atacar o sr. Carlos Champalimaud. A linguagem que emprego pode ser por vezes desagradável de ouvir, porque estes termos são dolorosos, mas eu não sou responsável pelos factos que me obrigam a usar dessa linguagem, a demonstrar essa realidade, e sobretudo a revelar essa doença. Simplesmente a minha posição e a do meu constituinte é defender-se de um doente, da agressão de um doente, agressão essa de que, aliás, ninguém está livre.

E preciso também frisar bem que ninguém é responsável pela doença do sr. Carlos Champalimaud: nem ele próprio, nem o seu irmão nem os seus pais, nem qualquer outra pessoa.

Doenças nervosas existem em muitas famílias, podem mesmo existir nas nossas famílias: e se é evidente que os pais não são responsáveis pelas doenças nervosas dos seus filhos, também é evidente que os irmãos não são responsáveis.

Porque para se admitir que poderia haver qualquer responsabilidade nesse sentido, teria que se demonstrar que haveria qualquer meio de impedir ou de prevenir essas doenças. Como esses meios não existem, aquilo que é impossível evitar, prevenir ou remediar não é da responsabilidade de ninguém.

Se porventura, alguma dessas doenças surgirem, como surgiu no caso do sr. Carlos Champalimaud, a única solução, quando ela deflagrar, é aceitá-la e enfrentá-la como tal; isto é, aceitar o doente como doente e não como uma pessoa normal.

Em enfrentar o doente como uma pessoa normal é que reside a anomalia e isso só serve para agravar a própria doença.

Também nada adiantarão as recriminações e as lamentações, como também nada adiantará indignarmo-nos com a série interminável de mentiras do sr. Carlos Champalimaud.

Nos pareceres psiquiátricos, sobretudo no do prof. Barahona Fernandes, faz-se uma catalogação exaustiva dessas mentiras, ou melhor, dessas incongruências, dessas falsificações da realidade, falsificações que, para Carlos, contudo o não são: a sensibilidade de Carlos apresenta-lhe a realidade por aquela forma. Para ele as falsificações da realidade são a verdade.

Mas abstraindo desse plano propriamente psicológico, é evidente que nós, colocando-nos num plano puramente objectivo, vemos ser impossível elas resultarem de uma simulação. Um simulador nunca atingiria um grau tão elevado de riqueza no desvario. Elas não são produto de uma simulação, mas sim de uma compulsão.

E diga-se, desde já — retomando uma ideia aventada nas alegações da acusação particular — para tranquilidade de todos, que o exame médico-psiquiátrico do sr. Carlos Champalimaud terá, necessariamente, que ter lugar um dia, pois que pela própria dinâmica da doença, o delírio de Carlos não parará. E então se verá quem tem razão.

IMPENETRÁVEL À RAZÃO

Outra das características infalíveis da paranóia de Carlos, é a sua absoluta recusa em admitir que qualquer decisão desfavorável não seja produto do «esmagamento» da justiça pelo poder económico de António. A decisão é contra mim, logo António, comprou os juízes. Carlos já acusou de venalidade os juízes do Supremo Tribunal de Justiça, que o condenaram como denunciante de má fé. E o presidente do Tribunal Arbitral, conselheiro Sousa Monteiro, escolhido por todos unanimemente em 1962 para julgar os processos cíveis pendentes, tem sido bombardeado com os mais extraordinários processos por Carlos e Companhia, onde é vilmente apoucado e injuriado, apenas porque o Tribunal Arbitral, de que é presidente, tem julgado por unanimidade (incluindo, portanto, o próprio árbitro que Carlos escolheu) improcedentes a maior parte das pretensões de Carlos.

Logo, para Carlos — no seu delírio interpretativo —, se tal acontece, é porque António «comprou» o presidente.

A leitura do acórdão do Supremo Tribunal de Justiça, de 22 de Novembro de 1961, que condena Carlos como denunciante de má fé, é simplesmente impressionante e espanta como ninguém até hoje quis ler tal acórdão com olhos de ver.

Em 5 de Setembro de 1959, Carlos convoca uma assembleia geral extraordinária da Sociedade Comercial Financeira, proprietária da Quinta da Marinha, para 16 do mesmo mês, às 10 horas da manhã. António consegue que o Tribunal proiba essa assembleia. E às 9.30 da manhã, os oficiais de diligências apresentam-se na sede da sociedade para a notificar da proibição judicial da assembleia e explicam aos empregados ao que vão. Mas Carlos não os recebe, fecha as portas, entricheira-se dentro do edifício e realiza impavidamente a assembleia proibida pelo Tribunal sabendo perfeitamente que o Tribunal o proibira. Claro que se António pediu a proibição dessa assembleia, é porque esta se destinara a qualquer coisa em seu prejuízo. E destinou-se: destinou-se à prática de um verdadeiro latrocínio, que ficou assim consumado.

Carlos acompanhado do seu ajudante-às-ordens, D. Vasco Jardim, marido de Maria Ana, expropria António do seu quinhão na Quinta da Marinha, através de um preço irrisório.

Três dias depois, no dia 19 de Setembro, apesar de os oficiais de diligências nada terem conseguido e, portanto, a notificação não ter sido feita antes da assembleia, e apesar de, logicamente, para uma pessoa sensata a mais prudente atitude ser a de estar calado, não tomar nenhuma iniciativa, Carlos, porque é um doente, seguiu em frente, de certo modo originando ele próprio pelas suas mãos, a denúncia do seu comportamento.

Três dias depois, Carlos apresenta uma participação na Polícia Judiciária, queixando-se de ter sido assaltado por uma chusma não identificada de polícias e legionários.

Tudo isso foi verificado na instrução policial, e depois pela Relação e pelo Supremo Tribunal de Justiça que verificou que foram os oficiais de diligências que foram lá, que o sr. Carlos Champalimaud, não os recebeu, que fez a assembleia contra a proibição judicial e, por isso mesmo o Supremo Tribunal de Justiça condenou-o como denunciante de má-fé.

Mas na moral deste caso, há dois aspectos que são muito impressionantes. Um deles é o que este latrocínio apesar de resultar de um acto manifestamente ilegal, proibido judicialmente, e em desobediência à autoridade, até hoje ainda não foi desfeito; continua de pé.

E o outro aspecto impressionante é de que, apesar de este facto ser de tal modo evidente de estar selado por uma decisão do mais alto Tribunal que há no nosso país, em termos inequívocos, com perfeita clareza, demonstrada pelos mais variados documentos, por actas de assembleias, apesar de tudo isso, Carlos continua e tem continuado por variadíssimas vezes a debitar a mesma fábula delirante.

Para ele, tanto na Polícia Judiciária, como aqui no tribunal, os factos deram-se e passaram-se pela forma que ele inicialmente sempre apresentou.

A conclusão que nós temos que tirar é que tal como o dr. Viegas, Carlos é impenetrável à razão. E na sua escalada delirante vai mais além: a condenação do Supremo Tribunal de Justiça foi mais do que injusta, foi o produto de um sonho. Foi o que ele afirmou em carta publicada no «Diário Popular», para gáudio de tantos e junta ao processo a fls. 15.312.

E esta condenação do Supremo data de 22-11-1961 e vem publicada no gBoletim do Ministério da Justiça de Dezembro de 1961!!!

Como seria bom que os procuradores da República e os seus ajudantes lessem o boletim do Ministério da Justiça antes de encomendarem pressurosamente certas instruções teleguiadas a inspectores «em missão especial»!

Se o tivessem lido, verificariam que já o Supremo ensina que «não há cego maior do que aquele que não quer ver»: teriam evitado muitíssimos erros e os sacrifícios incomportáveis que este processo apresentou para tentar vítimas. Una não querem ver porque não podem. São loucos, é o caso de Carlos. Mas para aqueles que não querem ver e poderiam ver se quisessem, como encontrar para eles justificação?

«Este episódio picaresco do assalto imaginário», revela-nos uma característica das agressões litigantes de Carlos. Nas férias judiciais é que ele se entretém a realizar as suas assembleias gerais anti-António. Durante o período judicial anda entretido com a chicana nos Tribunais Ipenais, nos Tribunais Civis, nos milhentos processos que por aí circulam, e que são hoje do conhecimento de todos os juízes. Basta falar-se num processo Sommer ou num processo Champalimaud para que toda a magistratura tenha imediatamente um movimento de retracção, como quem diz «valha-me Deus que esse processo não venha ter às minhas mãos»; Isso é um fenómeno de que todos nós temos conhecimento.

Mas os tribunais fecham, entramos nas férias judiciais e a febre litigante de Carlos fica sem ocupação: então ele fabrica assembleias.

Ainda há semanas, lá realizou mais uma na Régua para nova espoliação de António, tendo-o envocado por carta registada para Lisboa num prazo relâmpago, quando todos sabem e Carlos melhor do que ninguém, que António não reside em Lisboa, pois se encontra ausente em parte incerta e não pode ir à Régua. Mas vá lá António pedir a nulidade de tal ilegalíssima assembleia, realizada até moralmente nas condições mais afrontosas... Teremos um novo processo a durar mais de 10 anos, com Carlos a vociferar que está a ser perseguido por António...

Um dos outros aspectos curiosos deste processo, é o das «reacções dos familiares perante a revolta de Carlos» contra António.

As nebulosas e indefinidas acusações de Carlos contra António, em 1957, caíram como uma bomba no seio da família. E como é que reagiram os familiares?

Verifica-se que todos os familiares reagiram fundamentalmente por razões de natureza psicológica e pessoal e não em consequência de um juízo objectivo e racionalista sobre o fundo dos litígios provocados por Carlos.

A POSIÇÃO DE HENRIQUE

«Henrique Champalimaud» é o irmão varão do meio, isto é, está em todos os sentidos entre António e Carlos. Inteligente e lúcido, mas fraco e pusilânime, admira António e despreza Carlos. Mas, secretamente, simpatiza com a atitude de Carlos. Também ele não podeia suportar a ideia de dever ser grato ao irmão mais velho, mais forte e mais poderoso, ao lado do qual estaria sempre condenado a uma posição de inevitável subalternidade.

Na conduta de Henrique, tal como na conduta de Carlos nesse episódio americano que eu ontem contei, houve igualmente uma tentativa gorada de se tornar independente de António. Quis ser um António Champalimaud na indústria dos plásticos, criando à sua margem e a seu lado a Unisotra, mas não conseguiu senão ser espoliado em muitas dezenas de milhares de contos. Por isso a sua atitude é ambígua.

E a ambiguidade dessa sua atitude resulta com a clareza de uma carta que ele escreveu a Carlos com a data de 23 de Maio de 1957.

E eu, que nunca tive oportunidade de ver ou de ouvir o sr Henrique Champalimaud, porque a partir da minha entrada neste processo, ele nunca mais aqui compareceu, e portanto, o conheço apenas por aquilo que ele escreveu, ou por aquilo que declarou em tribunal e está registado nas actas do processo, eu verifico que Henrique Champalimaud é um homem que escreve extraordinariamente bem. É mesmo um epistollógrafo notável e é até raro encontrar-se um homem do mundo dos negócios que analise com tanta mestria, e até com dureza em certos aspectos, os seus sentimentos e as suas reacções em face de todo o circunstancialismo que o envolve.

E fá-lo, digamos, com certo prazer mórbido, numa auto-análise que o leva por vezes a entrar num grau de sinceridade ou de cinismo — eu não sei bem como é que hei-de classificar — muito raro.

Porque nesta carta que ele escreve, está descrito todo o seu drama numa altura em que ele estava ao lado de António. Mas o que não há dúvida nenhuma é que nessa carta se percebe que ele estava ao lado de António, mas também um pouco ao lado de Carlos...

V. Exas. já com certeza leram essa carta, e eu não vou lê-la toda, até porque é muito extensa. Ele faz várias afirmações. A primeira delas e a seguinte:

«Desejo confirmar-te — diz ele a Carlos — que não encontrei até hoje qualquer prova de acção desonesta do António na gerência dos diversos negócios em que superintendo»

Isto é, no plano objectivo, Henrique reconhece que a conduta de António foi sempre honesta.

Mas logo a seguir ele revela que entre Henrique e Carlos houve anteriormente muitas conversas sobre a posição económica de António que era muito mais importante que a deles, quer pelas suas qualidades, quer pelo seu dinamismo, e revela que esse predomínio económico de António não era do agrado de nenhum deles, porque a seguir acrescenta — isto numa altura em que Carlos já tinha desencadeado a sua ofensiva, de um modo aberta e total, e em que a família estava em pé de guerra:

«Não nego nem nunca neguei que por circunstâncias várias que não podem interessar para um debate da natureza que procuras, o António adquiriu desde há anos progressivamente uma influência pessoal e preponderante no conjunto das actividades em causa.

Confirmo uma vez mais — e isto tem certamente interesse — que te disse insistentemente por várias vezes que a influência e a posição pessoal de antónio só poderia ser combatida por posições da maioria de facto, accionistas ou quotistas nas sociedades.»

Quer dizer, verifica-se que, enquanto Carlos saltou para um combate ilegal, por todos os meios, Henrique estaria apenas disposto a participar no combate contra António, desde que respeitadas as regras do jogo.

Claro que para Carlos, isso não era aceitável: o combate de-

Continua na pag. seguinte

O CASO DA HERANÇA SOMMER

Continuação da pagina anterior

le era sem regras nenhumas...

E depois Henrique acrescenta:

«Não entendes assim, e como vejo que escolheste outro meio que reputas certamente mais prático mas muito tortuoso e cheio de escolhos... eu não te posso acompanhar».

Mas depois ele próprio relata, numa passagem admirável, o seu próprio drama:

«Falo assim porque tenho a consciência tranquila de te ter advertido que esse caminho não era o bom, e lembro-me de te ter dito que por eu — Henrique — não me conformar com uma posição subalterna, corro o risco e corri o risco de me emancipar, criando «à côté», qualquer coisa independente não só de António mas igualmente de qualquer outro membro da nossa família.

Não interessa o sucesso desta iniciativa, interessam sim as suas consequências psíquicas que fatalmente nos levam a compreender melhor os homens responsáveis nas suas reacções, no seu comportamento e nos seus problemas, dedução a que não se chega, digo-o por experiência própria, quando nos limitamos a apreciar, sem sentir ou vislumbrar sequer a distância que separa o homem que tem por missão pensar e idealizar daquele a quem compete executar.»

Em todas estas passagens revela-se qual é a posição que tem Henrique.

Henrique simpatiza com a atitude que Carlos tomou, mas porque Carlos é paranóico e Henrique não é, tem a pelna consciência dos limites que a actuação duma pessoa deve ter nestes combates — ele não o pode acompanhar!

Mas quanto ao fundo do debate, Henrique esta de acordo: num combate legal, através de posições quotistas ou accionistas, Henrique está disposto a entrar nesse combate.

Mas ele já nesta data fizera uma tentativa para se emancipar. Ele próprio aqui o diz, que não fez essa tentativa por razões de dinheiro, porque dinheiro nunca lhe faltou, mas porque não se podia conformar com a sua posição subalterna em confronto com a de António.

E ele diz mais do que isso: que nessa sua iniciativa não lhe interessava o resultado. Que a fez e que a tentou, única e exclusivamente para beneficiar das consequências psíquicas que daí lhe poderiam advir. Isto é, para demonstrar a si próprio e aos outros de que ele era capaz de ser igual a António.

Depois, no decurso desta carta, entra-se propriamente no debate duma questão que, de momento, não tem importância — o célebre episódio com o prof. Galvão Telles — e V.Ex.as verificam que Henrique trata Carlos «por cima da burra». Diz que ele é «imbecil», que é um «calino» e faz uma refutação realmente pouco cortez e pouco gentil, que até contrasta com aquelas palavras de simpatia, em relação ao ponto de partida da revolta de Carlos, com a qual Henrique também achava que ele teria um pouco de razão.

Neste mesmo dia, ou seja, em 23 de Maio de 1957, Henrique escreve uma outra carta a António, em que ele faz ou se vangloria da sua obra na Unisotra, dizendo que António concerteza que se orgulhará da sua obra como industrial, porque ele não deixará mal o nome de António, o ramo dos plásticos.

E por isso mesmo, srs. juízes, que da atitude de Henrique é ambígua desde o primeiro momento, mesmo na altura em que, oficialmente, ele estava ao lado de António; é nesta ambiguidade inicial que se radica a sua atitude subsequente.

Ele ficou surpreendido inicialmente com o ataque que Carlos desencadeou, com uma violência extraordinária e sem nenhuma base real e lógica. E a sua primeira reacção foi duma simpatia instintiva, mas coartada imediatamente pela razão: ele faz análise dos motivos e diz: «não, Carlos é um «calino»; isso não pode ser».

Mas a verdade é que, com o decurso do tempo, o sentimento começa a entrar-e ele bandeia-se com o seu irmão Carlos.

Isto entronca-se numa definição acerca de Henrique, definição que eu, aliás, faço até com desprazer, mas a minha função não é proporcionar nem prazeres nem desprazeres a ninguém, mas ser verdadeiro e exacto, e ajudar, dentro das minhas pouquíssimas possibilidades, V.Ex.as a terem uma visão omnicompreensiva (para usar um termo feliz do digno agente do Ministério Público) acerca deste processo e dos seus protagonistas.

A verdade é que a maior doença de que Henrique sofre não é de coração.

Henrique, que é indiscutivelmente um homem inteligente e afável, um homem com quem todos simpatizam, um epistológrafo notável, é, no entanto, um indeciso e um irresoluto, em suma, um fraco de carácter.

Henrique nunca foi capaz de assumir a sua identidade, e ao estudar o processo, esta matéria e estes episódios, veio-me ao espírito um poema de Mário Sá Carneiro, que eu tenho a ousadia de repetir a V.Ex.as, mau grado a austeridade de que normalmente se revestem estas sessões, porque me deu a impressão de que Mário Sá Carneiro foi inspirado por Henrique quando escreveu:

«Eu não sou eu nem sou o outro, sou qualquer coisa de intermédio, pilar da ponte do tédio, que vai de mim para o outro».

A POSIÇÃO DE MARIA ANA

Maria Ana essa emparceira desde o início, com Carlos.

Em primeiro lugar, por razões de interesse. Como o notou o digno agente do Ministério Público, nesta família, pelas suas praxes sociais, não era admissível que uma mulher ocupasse qualquer posição de relevo nos negócios. Por isso, desde logo, ela ficou excluída das acções de Henrique Sommer, nos termos da própria carta. Estas acções só ficariam para os «sobrinhos» que pelo seu trabalho mais as merecessem. Neste e noutros casos tudo o que se pudesse reivindicar de António seria sempre em seu benefício. Por outro lado, por que Maria Ana é, indiscutivelmente, uma mulher dominadora e orgulhosa, que também nunca devia ter suportado a vizinhança do irmão mais velho, pelos pais, pelas tias e por todos, considerado como o prodígio da família.

Mas o seu orgulho e a sua frieza revelam-se bem no tribunal. Lembro-me da minha surpresa na sessão de 8 de Julho de 1972 ao ouvi-la depor na acareação com Cruz Silva. Para ela, Maria Ana, a testemunha Cruz Silva é um ser sub-humano, com o qual as tias Maria Luisa e Albana não podiam ter tido «relações em termos humanos».

Ouçamo-la bem:

«Relações em termos humanos, contactos verdadeiramente humanos (entre as tias e o sr. Cruz Silva) posso garantir que não havia. As tias nunca falaram em tal pessoa. Seriam relações de patrão para empregado. O sr. Silva era um número apenas. Só podia ser isso...»

E mais adiante acrescentou, referindo-se ao porteiro de D. Maria Luísa, que por vezes conversou em casa acreca dele e quando ele morreu, teve «pena» (sic).

Para esta pobre Maria Ana, as relações entre patrão e empregado não são relações humanas foi preciso o porteiro morrer para ter pena dele.

Essa sua arrogância tornou-a naturalmente receptiva à revolta desencadeada por Carlos em 1957 contra o irmão.

E inteiramente exacto, como muito bem o notou o digno agente do Ministério Público, que Carlos foi o causador de todos estes conflitos. Foi o causador no sentido naturalístico do termo. Isto é, se não fora Carlos, provavelmente nunca teria eclodido nenhum conflito aberto contra António, e à superfície tudo decorreria no melhor dos mundos, não obstante os inevitáveis recalcamentos e conflitos do mundo subterrâneo do inconsciente.

Simplesmente, enquanto Carlos age compulsivamente porque é um paranóico, um doente mental, a verdade é que tanto Henrique, como Maria Ana, sob o ponto de vista moral, são mil vezes mais responsáveis do que Carlos. Pois que tendo plena consciência e liberdade, acusam falsamente seu irmão, unicamente por inveja, despeito, interesse ou fraqueza.

Mas repare-se ainda nisto: é que Maria Ana e Henrique apesar de infinitamente mais responsáveis que Carlos, e apesar desta aliança que visa ao fratricídio do «irmão-chefe», auferirem gratificações de vária ordem, são também vítimas de Carlos. Porque sentem — o que não acontece com Carlos — a culpa do seu ódio e das suas calúnias. Porque prisioneiros duma aliança de que já não podem libertar-se, são arrastados em declive para posições cada vez mais irremediáveis no plano moral. Porque esta campanha fratricida comum os tem cada vez mais dessorado e mutilado.

Basta olhar para eles. Henrique na cadeia há mais de 4 anos apenas por ódio a António, ostentando as suas chagas como um mendigo no pátio dos Milagres, implorando como esmola um erro judiciário contra António. E essa elegante Maria Ana, torturada e desorientada, cada vez se afunda mais num torvelinho que não entende e lhe vai secando progressivamente todas as fontes de afectividade. Essa pobre Maria Ana, de tal modo se encontra prisioneira do delírio de Carlos que hoje, ressequida e fria, tem no lugar do coração um cubo de gelo: é a maior desgraça que pode acontecer a um ser humano. São dois infelizes.

A POSIÇÃO DE FERNAANDO E AFONSO SOMMER

Tal como Henrique Champalimaud, fracos, pusilânimes e divididos entre o ser e o não ser, eram igualmente seus tios Fernando e Afonso Sommer.

Quase no fim da vida, e um deles até inválido, mas ao longo de toda ela, em revolta latente contra seu irmão mais velho, Henrique Sommer, aderiram imediatamente à causa de Carlos, que era a sua própria causa. Através de Carlos, faziam a revolta contra o fantasma do irmão mais velho e poderoso que nunca tinham ousado fazer enquanto este foi vivo. Foi uma revolta póstuma... e por procuração. Foi tanto por procuração que até passaram procurações para o efeito, uma a Carlos, outra à mulher. E se Afonso, em dada altura (1962), abandona Carlos e volta para António, nao é por simpatia. E porque compreende, finalmente, que Carlos é louco.

Na sua fúria contra António, Carlos faz na Casa Sommer que dirige, graças ao apoio do tio Afonso, importações e vendas de ferro ao desbarato para tentar arruinar à nascença a Siderurgia de António, mas nada mais conseguiu do que levar quase à bancarrota a Casa Sommer, principal fonte de rendimentos de Afonso, motivo por que este lhe retira o apoio.

(Publicamos, amanhã, a parte final das alegações do dr. Salgado Zenha).

O DISCURSO DO DR. CASTRO FERNANDES

Continuação da pag. 8

sone Basto, o dr. Abel Beja Corte-Real, o dr. Pedro Gaivão e o embaixador dr. Esteves Fernandes. E, finalmente, os que são ainda meus companheiros de trabalho: o vice-governador senhor D. Luís Pereira Coutinho, grande figura que se impõe pelo seu aprumo, pela sua gentilíssima convivência, pela ilimitada dedicação que devota ao nosso Banco; o dr. Samuel Sanches, o doutor Camilo Cimourdain de Oliveira, o dr. José Manuel Passeiro, o sr. Braz Conde, o dr. Oliveira Marques e o prof. Dr. Manuel Duarte Pereira.

Recordo igualmente aqueles com quem convivi por terem pertencido ou pertencerem ao Conselho Fiscal. Faleceram já o dr. Alberto Campos Melo, o general José Tristão Bettencourt, o major Luís Alberto de Oliveira e o sr. António Maria da Silva. Exerce, agora, outras funções o eng.º José do Canto Moniz. Estão aqui connosco o sr. Artur dos Santos Serra, o eng.º Carlos Afonso Schemidt, o coronel Ribeiro da Silva, o eng.º Gagliardini Graça e o general Luís da Câmara Pina.

Também lembrarei com muita saudade, o dr. Rafael Duque, meu ministro e meu amigo, e que exerceu com a sua costumada competência o cargo de Comissário do Governo. Sucedeu-lhe o dr. José Bossa. Seguiram-se-lhe os meus queridos amigos, dr. João Dias Rosas e conselheiro dr. Alvaro da Silva Tavares. Respeitosamente cumprimento o actual comissário do Governo, dr. Manuel Tarujo de Almeida.

Neste dia de recordações seria falta grave se não prestasse as minhas gratas homenagens aos ministros das Finanças e do Ultramar com quem servi e sirvo: o doutor Aguedo de Oliveira, o prof. doutor António Pinto Barbosa, o dr. Ulisses Cortez, o dr. João Dias Rosas, dr. Manuel Cotta Dias; os almirantes Manuel Maria Sarmento Rodrigues e Vasco Lopes Alves, o prof. dr. Adriano Moreira, o comodoro António Augusto Peixoto Correia e o prof. dr. Joaquim da Silva Cunha.

Lembro e lembrarei sempre todas estas personalidades a todas agradecendo — uns nas minhas orações, outros nas minhas meditações — a benévola amizade com que sempre me distinguiram. E ficaria mal comigo mesmo se não tivesse uma palavra, que é muito sincera, para os empregados do Banco de quem sempre recebi as melhores provas de dedicada colaboração.

«ORA DI BAI»

Há, exactamente, vinte e dois anos e sete meses que fui nomeado administrador desta Casa.

Acentuo o **nomeado**.

Quando fui substituído na pasta da Economia, fará em Agosto vinte e três anos, o Presidente Salazar não consentiu que procurasse emprego em empresa privada, nomeado ou eleito pelos seus donos ou accionistas. Desde o dia em que aceitei um posto no Governo deixei, voluntariamente, de ser um homem livre. Sujeitei-me a esta disciplina que fielmente cumprirei até ao próximo dia 2 de Junho — submissão orgulhosa porque é uma afirmação de liberdade.

Nomeado para o Banco Nacional Ultramarino não aceitei servir outros interesses materiais que não fossem os do Banco. Os cargos que exerci em outras empresas, cargos não remunerados (convém acrescentar), foram em representação e por encargo desta Casa.

Em nove anos sucessivos, por vontade unânime da Banca Portuguesa, foi o B. N. U. eleito presidente da direcção do Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias, tendo-me sido confiada a respectiva representação. A partir de meados de 1972, assumi, sempre em representação do nosso Banco, o alto cargo de Presidente do Conselho Geral desta entidade corporativa. Atrevo-me a supor que se conseguiu **ressuscitar** um organismo cujo letargo fora provocado por sucessivas desilusões.

Tenho a certeza que, com a actividade política que exerci durante alguns anos, não tirei ao Banco o que lhe devia em trabalho, em tempo, em preocupações e em devoção. E tenho a consciência de que essa mesma posição política nunca e em nenhum caso influiu nas decisões que tomei ou que propus fossem tomadas, tanto no que diz respeito a clientes como a empregados. Uns e outros conheciam, exactamente, a minha linha de pensamento político e, pelo contrário, nunca me interessou saber o que uns e outros pensavam na matéria.

Senhor Presidente, Senhores Accionistas, Colegas: **«Ora di bai, ora di sódade»**, como se diz no suave crioulo de Cabo Verde.

Hora de saudade, mas não de tristeza.

Darei graças a Deus se no próximo dia 2 de Junho completar 70 anos. Mais graças lhe darei se ainda por mais algum tempo, me fôr dado repousar desta longa caminhada em que tive o privilégio de participar na mais espantosa aventura da Humanidade.

Nascido no limiar do século XX, vivi efectivamente a maneira de viver e de pensar do século XIX até aos meus quinze anos, até ao fim da Guerra Mundial de 14-18, altura em que alvoreceu este século.

Depois, foi a cavalgada alucinante e magnífica em que se passou da iluminação a azeite e petróleo, à do gás e da electricidade; do balbuciar da rádio à estereofonia e à televisão; do domínio aéreo à conquista da Lua.

Ensaiaram-se todos os sistemas e todas as doutrinas. Guerras, revoluções, violências inenarráveis coexistindo com um alto sentido de promoção social.

Os anos passaram vertiginosamente, com a velocidade estonteante que é característica dos dias que estamos vivendo.

Fazendo o balanço, sinto-me contente por ter participado em tão variadas actividades, por ter visto, **com as botas**, tantas terras, todas diferentes no aspecto da geografia física e todas iguais na geografia humana — por toda a parte os mesmos anseios, o mesmo desespero e, sobretudo, a mesma esperança...

A ASSEMBLEIA DO B.N.U.

Continuação da pag. 8

dos trabalhos, e ao chegar-se ao ponto n.º 3, o presidente da Assembleia Geral referiu, formalmente, que o dr. Castro Fernandes atingiria o limite de idade, no próximo dia 2 de Junho.

A este propósito afirmou:

Há mais de 20 anos que o dr. Castro Fernandes presta serviços a este Banco, com a distinção que V. Exas. conhecem, primeiro como administrador e depois, como vice-governador por parte do Estado. Como presidente da Assembleia Geral, e depois de agradecer as palavras generosas que Sua Excelência há pouco me dirigiu, desejo apresentar-lhe as minhas melhores saudações e votos de longa e próspera vida.

Usou da palavra, em seguida, o accionista dr. Virgílio Baião que afirmou não ser necessário dizer fosse o que fosse, para se ter conhecimento do brilho da inteligência do dr. Castro Fernandes, pois esta ficara exuberantemente demonstrada no discruso que proferira. Seguidamente, enviou para a Mesa uma moção de louvor, cujo teor era o seguinte:

Considerando que durante 23 anos de Adminisstração do B.N.U. o actual e ilustre vice-governador, dr. António Júlio de Castro Fernandes, prestou relevantes serviços ao Banco, com a sua clara inteligência, com os seus profundos conhecimentos de Economia e com o seu prestígio e a sua conhecida simpatia, a Assembleia Geral, ao tomar conhecimento do próximo afastamento de Sua Excelência, delibera que, na acta, fique um voto de louvor e agradecimento pelos serviços que prestou ao Banco.

No final, esta moção foi aprovada por demorada e calorosa aclamação.

Visivelmente comovido, o dr. Castro Fernandes agradeceu a homenagem, relembrando, com saudade, vários passos da sua actividade ao longo dos anos ao serviço do B.N.U.

PALAVRAS DE JUSTO APREÇO PARA TRÊS ANTIGOS ADMINISTRATIVOS

Antes de se proceder à eleição dos três vogais do Conselho de Administração, o presidente da Assembleia Geral exaltou as figuras de três administrativos cessantes dr. Pedro Gaivão, dr. Beja Corte Real e embaixador Esteves Fernandes no que foi secundado pelo vice-governador, dr. Castro Fernandes, que teceu elogios às personalidades daqueles administradores e enalteceu as suas qualidades de inteligência, carácter e trabalho.

Após curto intervalo, deu-se cumprimento ao ponto n.º 4 da ordem de trabalhos, tendo sido eleitos, para os cargos de vogais do Conselho de Administração, Brás Cabrita de Almeida Conde, dr. José Oliveira Marques e prof. doutor Manuel Duarte Pereira.

DL/DESPORTOS

PELA TV, AS 19 E 5

Hoje: jogo final da Taça das Taças

Em Salonica (Grécia) disputa-se hoje a final da «Taça dos Vencedores das Taças», entre o Leeds United (recente finalista vencido da «Taça de Inglaterra») e o Milão. O jogo será televisionado directamente a partir das 19 e 5.

Os árbitros estão preocupados com a sua segurança nos campos de futebol. Assim, 18 juízes (cinco de Setúbal e 13 de Lisboa) pediram escusa de actuação à Comissão Central enquanto não forem tomadas as medidas julgadas indispensáveis ao exercício da sua missão.

Terminado antes do tempo regulamentar por acontecimentos estranhos ao desporto (ou que, pelo menos, nele se não devem incluir) o jogo União de Lamas-Salgueiros está a decorrer em repetição à hora a que o nosso jornal começa a circular.

Depois de Simões ter sido operado ao nariz, é hoje a vez de Artur Jorge se submeter a uma intervenção cirúrgica ao menisco. Duas baixas de vulto nas próximas deslocações ao estrangeiro dos campeões nacionais. Se calhar, Hagan terá de chamar um ou dois juniores...

Ao contrário do que foi anunciado, Miguel Arcanjo nunca esteve previsto como técnico do União de Coimbra. Depois de Joaquim Meirim e Orlando Ramim terem recusado o convite, o actual treinador do Alba, o competente Couceiro Figueira dará no domingo uma resposta definitiva.

Kubala ao câmbio do dia: 4 500 contos ao dispor

Acaba de estoirar em Espanha aquilo que talvez se possa considerar a grande «bronca» no panorama desportivo do ano. O seleccionador nacional, Ladislau Kubala, acaba de ser convidado pelo Tarrasa, clube que milita na... III Divisão! Claro, que o convite endereçado ao antigo e genial jogador magiar, foi acompanhado da respectiva proposta financeira. E se o desejo do modesto clube catalão se pode considerar sensacional, que dizer da verba com que espera concretizá-lo? Na realidade, o actual vice-presidente do Tarrasa (por sinal indigitado como futuro presidente) deve ter dinheiro que nunca mais o gasta: a oferta feita a Kubala é «penas» de quatro mil e quinhentos contos por ano! A principal dificuldade que parece encontrar-se no caminho das intenções de D. José mas de Fiol, assim se chama o «mecenas» do Tarrasa, é o contrato cuja validade se desconhece e que prende o reputado técnico à Federação Espanhola. Ora como em Outubro, a turma nacional do país vizinho disputa, em Belgrado, uma partida decisiva com vista ao seu apuramento para o Campeonato do Mundo, não é crível que os federativos espanhóis se decidam pela dispensa de Kubala. Pode, portanto, o rico homem de negócios do Tarrasa construir, conforme pensa, um parque desportivo em terrenos de sua propriedade já que «apropriar-se» de Ladislau deve ser, de momento, projecto de problemática consumação. E vamos lá que a desilusão não será propriamente morte de homem ou não seja a Espanha um país de muitos e bons treinadores, capazes de fazer subir o Tarrasa à II Divisão. Depois, se as ambições não ficarem por aí... bem, depois talvez Kubala já não esteja ao serviço da Federação.

Entretanto, Helenio Herrera, que parecia definitivamente afastado para o futebol de primeiro plano, acabou de assinar contrato válido por um ano com o Internazionale de Milão, clube que, sob a sua orientação, conquistou prestígio jamais igualado. Recorde-se que Herrera estava «preso» ao Inter por um **compromisso provisório** agora tornado **efectivo** mediante um pagamento anual semelhante ao que o Tarrasa oferece a Kubala: 4500 contos. Parece, portanto, que os maus resultados conseguidos por D. Helénio ao serviço do Roma não trouxeram consequências negativas. Quase 400 contos por mês é mais que muito dinheiro, é obra. Esperemos por ela.

Para o distrital lisboeta de reservas, está marcado para esta noite (21.30) no Estádio de Alvvelade, o encontro Sporting-Benfica.

Kubala: de grande jogador a técnico de primeira linha

Repete-se esta tarde, em Paços de Brandão, o jogo União de Lamas-Salgueiros, a contar para o «Nacional» da II Divisão.

O Núcleo de Confraternização dos Arbitros de Futebol de Lisboa realiza, pelas 21.30 da próxima 6.ª feira na sede da Federação, uma reunião no decorrer da qual o eng. Sousa Loureiro (presidente da Comissão Central de Arbitros) falará dos problemas daquele sector do futebol.

O Flamengo, o Vasco da Gama, o Botafogo e o Fluminense abriram a segunda fase do Campeonato carioca com vitórias.

No Maracaña, o Flamengo derrotou o América por 2-1, com golos de Moreira e Doval (para o Flamengo) e de Caio (antigo jogador do Flamengo) para o América. O Flamengo, embora desfalcado de Adilson e Paulo César, teve tranquilidade para reagir e vencer.

Em São Januário, o Vasco da Gama bateu com facilidade a equipa do Bangú, por 3-0: Golos de Roberto (2) e Zanata. Luís Carlos foi considerado o melhor jogador em campo.

Houve dois jogos antecipados: Fluminense-Bonsucesso, 3-1 (golos de Dionísio e Manfini (2) para o Fluminense e de Silva, de «penalty», para o Bonsucesso).

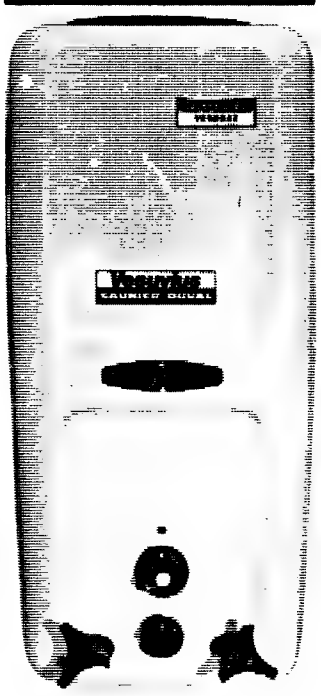
O Botafogo venceu por 3-1 o Olaria: Golos de Jairzinho, Carlos Roberto e Marinho (de grande penalidade) para o Botafogo, e de Jair, também de «penalty», para o Olaria.

A segunda «rodada» inclui os seguintes jogos: América-Olaria, Fluminense-Bangú, Flamengo-Botafogo e Vasco da Gama-Bonsucesso. Depois, o campeonato carioca será suspenso até 7 de Julho, por causa da excursão da selecção brasileira à Africa e à Europa.

A situação dos clubes no Campeonato é a seguinte: Flamengo, Vasco da Gama, Botafogo e Fluminense, dois pontos; América, Bangú, Olaria e Bonsucesso, 0.

Sérgio Lima (América) e Jorge Mendonça (Bangú) são os melhores «artilheiros», com 11 golos cada um.

esquentador
Vesuvius
SAUNIER DUVAL

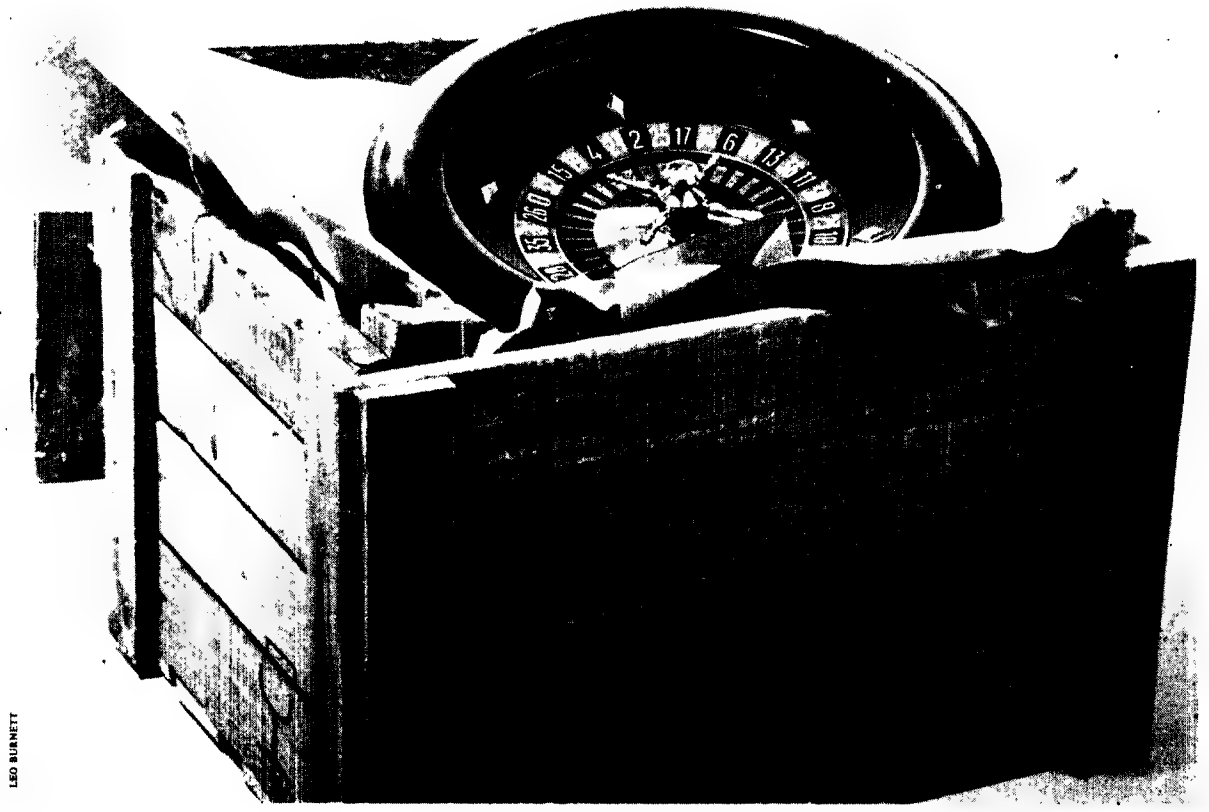


Vesuvius
SAUNIER DUVAL
abriu
correu
aqueceu
NA COZINHA
sempre que é preciso
água quente
PARA O BANHO
sempre que é preciso
água quente
instantâneamente...
água quente!
Vesuvius
SAUNIER DUVAL
com
GARANTIA
OCL
CLAVO CRUZ LDA

Os Casinos já chegaram ao Algarve.

Foi já inaugurado o Casino de Alvor,
no sítio da Penina. E outros se lhe vão seguir.
O Casino de Monte Gordo e o Casino de Vilamoura.
Vão ser três modernos e acolhedores Casinos,
dotados de um óptimo serviço.
Em todos eles encontrará uma confortável
sala de jantar, salas de jogos,
sala para «slot-machines», bares.
Os Casinos começaram a chegar e vão constituir
paragem obrigatória para todos que visitam
o Algarve. E para si também.

CASINOS DO ALGARVE
ALVOR · VILAMOURA · MONTE GORDO



LEO BURNETT

LEIA
motor

DL/DESPORTOS

MILAN E ATLÉTICO DE MADRID FAVORITOS DO ÚLTIMO DIA

MADRID, 15 (Por Tomas Arguello, da EFE — Exclusivo da ANI em Portugal) — Esperava-se que a trigésima terceira e penúltima jornada da Liga espanhola deixasse praticamente decidido o campeão e as três equipas que descem mas não foi isso o que sucedeu — e o «suspense» continua mais uma semana, sobretudo no que respeita à descida: descontado o Burgos, há seis equipas comprometidas na luta para fugir aos outros dois lugares que levam à segunda divisão.

O campeão podia decidir-se no jogo Saragoça-Atlético de Madrid — e esteve a pontos de assim suceder, pois o guia conseguiu vantagem segundos antes do intervalo. Na segunda parte, porém, sofreu um golo absurdo, que deu o empate, porque nos 45 minutos finais só houve violência.

O encontro começou com o Saragoça lançado sobre a baliza defendida por Pacheco. Houve ocasiões de golo, desperdiçadas pelo paraguaio Campos, ariete local, e no último minuto, num contra-ataque, o Atlético forçou um «canto» e na sequência rematou o extremo Ufarte, defendeu o guarda-redes Nieves, mas fugiu a bola e Luis atirou-a às malhas. Era o 0-1, resultado que dava o título ao Atlético de Madrid.

Depois no intervalo, porém, aos 55 minutos, o saragoçano Planas, numa penetração que o argentino Ovejero cortou bem, este parece que foi insultado e deu uma cabeçada em Planas. O arbitro expulsou-o. Apareceu outro «oriundo» o paraguaio Campos, a insultar o ariete do Atlético e também foi expulso.

Foi o fim do desatio, porque os maus modos já não desapareceram. O jogo esteve suspenso seis minutos, com o relvado cheio de almofadas. Logo que se reatou, o defesa Rico, de longe, disparou um remate que atravessou uma floresta de pernas e foi às malhas dos visitantes. Era o remate, e com ele a incerteza sobre o campeão, porque o Barcelona vencia em Granada, por 2-0, obtendo um golo aos dez minutos, de Marti Filosifa, e aumentou o resultado aos 42, com um golo do extremo Perez. Os granadinos, com esta derrota, ficam lançados na luta pela sobrevivência.

O título está a um só ponto do Atlético de Madrid que conta 46 pontos, contra 45 do Barcelona. Como o «goal-average» favorece o Atlético de Madrid, basta-lhe empatar no domingo ao receber o Corunha, para ficar campeão, seja o que seja que aconteça ao Barcelona. Só a derrota frente ao Corunha, com o triunfo do Barcelona sobre o Saragoça, daria o título aos catalães.

As demais equipas não contam. O espanhol ficou fora da competição ao empatar a um golo, no seu campo, com a Real Sociedad. Fraca exibição dos espanholitos, que marcaram um golo de grande penalidade, convertida pelo argentino Roberto Martinez. Empatou a Real Sociedad por meio de Urresiti, logo no princípio do segundo tempo.

O Real Madrid, por seu lado, já estava fora da luta pelo título, ao empatar com o Atlético de Bilbau na quarta-feira passada. Ontem, venceu o Málaga por 2-0, com golos de Amâncio e de Pirri, embora o Málaga dispusesse de duas ocasiões, perdidas nos postes.

A luta para fugir à descida adquiriu características trágicas. O Burgos já está certo de que preencherá um dos três lugares, mas para os outros dois estão ainda o Gijon, o Celta, o Corunha, o Bétis, o Granada e o Las Palmas.

O embate mais dramático foi o Bétis-Celta, resolvido pelos béticos logo ao primeiro minuto, com um golo do extremo Benitez. Os nervos arrasaram as duas equipas, que nada de jeito fizeram depois. E este golo pode valer aos béticos nada menos do que a salvação.

O Corunha afundou-se, quase definitivamente, ao empatar no seu próprio campo com o Las Palmas, 2-2. Resultado imprevisto, pois os galegos, a quinze minutos do fim, ganhavam por 2-0.

Dois remates fulminantes do ariete argentino Fernandes, em dois minutos seguidos, deram a igualdade, que deixa os galegos à beira do precipício, pois no último jogo devem visitar o guia o Atlético de Madrid.

Pelo seu lado, o Gijon, ontem, perdeu em Valência por 1-0, depois de muito lutar pelo empate. Sofreu o golo aos 75 minutos e, apesar de todos os esforços, nada conseguiu fazer. Mesmo assim, ainda pode manter esperanças, pois joga o último encontro no seu campo, contra o rival asturiano, o Oviedo.

O quinto lugar da classificação dá direito a disputar a próxima Taça da Uefa — e a luta é cerrada. De momento, e o Valência que o ocupa, mas muito ameaçado pelo Bilbau, pelo Castellon, pelo Malaga, pelo Saragoça e pela Real Sociedad. Nada pode prever-se e só no domingo haverá decisões.

No dia 20, com a trigésima quarta e última jornada, o programa é o seguinte. Real Sociedad-Atlético de Bilbau; Málaga-Espanhol; Celta-Real Madrid; Castellon-Bétis; Gijon-Oviedo; Las Palmas-Valência; Atlético de Madrid-Corunha; Barcelona-Saragoça e Burgos-Granada (EFE-ANI).

ITÁLIA: O MILÃO SOBRE O RISCO

O Milão, o Juventus e o Lázio venceram os penúltimos jogos do campeonato italiano — e ficou sem se saber qual será o vencedor, a decidir na última jornada da próxima semana.

O Milão derrotou o Bolonha por 3-1, conservando um ponto de avanço sobre o Juventus e o Lázio, que se encontram em segundo lugar, com os mesmos pontos. O Juventus bateu o Inter e o Lázio venceu o Verona, ambos por 2-1.

O único golo no Bolonha apareceu aos 86 minutos, em consequência de um «frango» do guarda-redes Giulio Zignoli, depois de o Milão já ter resolvido o jogo com golos de Riccardo Sogliano, aos 12 minutos, Giuseppe Sabadini, aos 55, e Alberto Bigon, aos 68. O Juventus resolveu o seu desafio na primeira parte, com um golo de Giampiero Marchetti, aos cinco minutos, e uma grande penalidade transformada por José Altafini, aos 42 minuutos. Mário Corso marcou, pelo Inter, aos 87 minuutos.

O Verona abriu o marcador contra o Lázio com um golo de Gian Franco Zigoni, aos 22 minutos, mas Giorgio Chinaglia empatou aos 25 minutos, para Franco Nanni estabelecer o resultado final, aos 42 minutos.

A Fiorentina goleou em casa o Atlanta, 4-0. Os golos foram marcados por Claudio Merlo aos 28 minutos. Roggi, aos 30, Desolati aos 48, e, numa grande penalidade, por Sérgio Clerici, aos 73 minutos.

O Cagliari derrotou o Turim por 1-0, com um golo marcado por Mariano Lombardo, na sua própria baliza, aos 18 minutos.

Uma grande penalidade apontada por Alessandro Vitali, aos 26 minutos de jogo, deu a vitória por 1-0, ao Vicenza, sobre o Ternana.

Os jogos Palermo-Roma e Sampdoria-Nápoles terminaram com empates a uma bola. Ignázio Arcoleo marcou pelo Palermo aos 18 minutos, para Renato Capellini repor a igualdade, aos 51 minutos. O Sampdoria inaugurou o marcador aos seis minutos, por intermédio de Loris Boni, e o Nápoles empatou aos 67 minutos, com um golo de Ferrandini.

BRASIL

Resultados da primeira jornada da segunda fase do campeonato carioca de futebol: Vasco da Gama-Bangu, 3-0; Flamengo-América, 2-1; Olaria-Botafogo, 1-3 e Fluminense-Bom Sucesso, 3-1.

Em S. Paulo, a jornada de domingo deu os resultados:

Santos-Botafogo, 2-1; São Paulo-Portuguesa de Desportos, 1-1; Ferroviária-Palmeiras, 2-4 e Ponte Preta-Guarani, 0-2.

O Santos e o Palmeiras comandam, com 15 pontos cada um.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 68/73

Faz-se saber que no dia 6 de Junho de 1973, pelas 16 horas, terá lugar na 1. Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171, o concurso público para o «FORNECIMENTO N. 395/73/GTH—FORNECIMENTO E MONTAGEM NA QUINTA DO PAILEPA DE 276 FOGOS HABITACIONAIS DE DIVERSOS TIPOS (100 T2, 136 T3 e 40 T4) PREFABRICADOS E RECUPERÁVEIS (AMPLIACÃO)» com a base de licitação de 18.300.000$00 (Processo n. 29/73/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 457.500$00 e o definitivo de 5 % da importância de adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Credito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diario Municipal» n. 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 4 de Maio de 1973

O Presidente - António Jorge da Silva Sebastião.

Em Lourenço Marques, a campeã Helena Relvas atingiu os 5 metros e 94 cm no salto em comprimento, batendo o anterior máximo português.

Associação de Oeiras: continuação de grandeza

Em reunião da assembleia geral da Associação Desportiva de Oeiras, discutiu-se uma proposta de direcção no sentido de se aumentarem as quotas. Não temos dúvidas em afirmar ser impossível à colectividade a manter o seu eclestismo com as baixas mensalidades pagas actualmente pelos associados. Assim, parece-nos acertada a decisão da equipa directiva chefiada pelo dinâmico Rui Bastos já que, manter em actividade oito modalidades com 13 contos por mês, é tarefe que nem o melhor prestidigitador seria capaz de chamar a si. E o tesoureiro Joaquim Vieira Cotas é, naturalmente, o dirigente mais afectado pela escassez de receitas e a sua situação torna-se por de mais ingrata, quanto é certo que o clube tem à porta a construção do seu pavilhão gimnodesportivo que tanto beneficiará não só os associados, como a juventude do terceiro concelho mais populoso do país. O aumento das quotas, pequeno esforço pedido aos sócios em troca de progresso da sua Associação constitui, de facto, o passo que possibilitará a continuidade da crescente grandeza trilhada pela popular agreminação da Costa do Sol.

Portugueses correm a "Volta a Aragão"

Começou ontem em Huesca, a X Volta a Aragão, na qual perticipam duas equipas portuguesas: uma do Misto Benfica-Coelima e outra do F.C. do Porto. A primeira étapa foi um contra-relógio por equipas, ganha pela turma de «La Casera», com o tempo de 5 m. 26 s. O «camisola amarela» é Agustin Tamames. A equipa Benfica-Coelima classificou-se em segundo lugar, tendo gasto mais 6 segundos do que a vencedora. Por sua vez, o F.C. do Porto classificou-se em terceiro, com mais 9 segundos do que a «La Casera».

Hoje disputa-se a primeira etapa de estrada, na extensão de 200 quilómetros.

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

GRIFO

BOUTIQUE

PRESENTES — DECORAÇÃO

RUA CASTILHO, 201-B — LISBOA

seguro de vida

• Misto em conjunto

• Sede: Av. dos Aliados, 211 Telefs. 21502-29574 - Porto

• Lisboa: R. 1.º Dezembro, 120 Telefs. 368787-322947

Garantia seguros

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4		466$	
Cons 3 %	506$	506$	
Cons 3 1/2		596$	
Centenários		1.337$	
Tes 5 % 57		-	1.000$
Tes 5 % 59		-	
Exter 1ª s		641$	
Extern 1ª c		643$	
Extern 3ª s			
Extern 3ª c		730$	
Caut 3ª s			

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	930$	925$	
C M L 5 3/		1.000$	
C P 5.5 % 67	910$	905$	910$
C P 5.5 % 68	905$	905$	
C P 5.5 % 69			
Corr 5 3/4 %	930$		
Metr 5 3/4 %			970$
Tur 5 3/4	-		1.000$
C P 63/4	1 020$	1.010$	1.030$

ELECTRICAS

G. 5% 58		800$	
G. 5% 59		-	
G. 5% 62			
G. 5% 63		-	-
G. 5% 64		-	-
G. 5% 65		-	
G. 6% 67		900$	990$
G. 6% 69		980$	
G. 7%		-	-
H. E. A. A. 5%	810$	-	820$
H. E. C. 5%	-		
H. E. C. 6%		920$	
H. E. D. 5%		-	
H. E. D. 6%		940$	-
H. E. N. P 5%	-	-	-
H. E. S. E. 5%	-	-	-
H. E. S. E. 6%		930$	-
H. E. Zêz. 6%		-	-
N. Elec. 5%			740$
N. Elec 6%		940$	-
Termoel 5%		740$	800$
U. E. P. 5% 60	-	-	730$
U E P. 5% 63			
U. E P 6%		-	920$
U E P 7%			1.005$

DIVERSAS

A P T 5 % 56			
A P T 5 % 58		-	
Lisnave 6			
Nitratos 60			
Pet 2ª e 3ª			
Sacor 7 %	1.028$	1.028$	1.030$
Sacor 5 % 54		955$	
Sacor 5 % 60	880$		880$
Sid 5 % 2ª			
Sid 5 % 3ª			
Sid 5 % 4ª			
Socel 5 %			-
U Fabril 67	925$	925$	
U Fabril 68	925$	925$	-

ULTRAMARINAS

Carboni 5 %			
Rev 5 % 57			
Rev 5 % 59/60			
Moçamb 5 %		600$	650$
Sonefe 5		-	

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	7.200$	7.200$	-
Algarve	3.900$	3.850$	3.950$
Alentejo	4.000$	3.990$	4.000$
Angola	8.000$	7.800$	8.000$
Borges&Irmão	10.600$		10.600$
Crédito Predial	6.700$	-	6.700$
EspíritoSanto	18.500$	18.500$	18.600$
Fomento	7.450$	7.450$	7.500$
F.&Burnay	92.000$	90.000$	95.000$
Intercontinental Português	32.000$	32.000$	-
N.Ultramarino-m.	-	8.200$	8.500$
N.Ultramarino-c.	12.000$	-	12.000$
Pinto&SottoMayor	20.800$	20.600$	20.900$
Portugal-n.	5.900$	5.900$	6.000$
Portugal-p.	-	9.800$	10.500$
P. Atlântico	20.200$	20.200$	-
Totta&Açores	11.450$	11.400$	11.500$

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Indice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	9-5-73	14-5-73	16-5-73
GERAL	362,0	362,2	360,5
METROPOL	378,7	380,0	377,2
ULTRAM	239,6	231,3	237,7

De Seguros

Alentejo	1.020$		1.050$
Bonança	22.000$		22 500$
Império	-	50.000$	51.000$
Mundial	4.500$	4 500$	4 550$
Soberana	8.000$		8.000$
Tranquilidade	17 000$	-	18 000$

Eléctricas

C P E p			-
C P E n			-
E Beiras			
G Elec c	-	-	-
H E A A		-	-
H E N P			
H E S E			-
U E P			

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.400$	1.350$	1 450$
Ag Incomáti	2.200$	2.000$	2 300$
Ag S T e P			200$
Aç Angola	2 250$	-	2.250$
Alg Angola	300$		310$
Ang Agric	-	-	750$
Boror	300$	-	310$
Boror Com		-	135$
Buzi	250$	250$	
Cabinda	185$	180$	190$
Com Lobito	900$	890$	900$
D A T 100	2.650$	2.600$	2 700$
H E Revué		-	650$
I do Princ	450$		500$
Moçambique	460$	-	460$
Sonefe n		480$	500$
Sonefe p	550$	500$	550$
Zambézia	147$	147$	-

Diversas

Ag.Lx.-ant.	-	-	-
Ag.Lx.-34	-	-	-
Ag.Lx.-36	-	-	-
Cel.Guadiana	-	-	-
C.Leiria-p.	-	-	-
C.Tejo-p.	-	-	-
F. Ramada	-	-	-
Fornos Eléctricos	-	-	
P.Celulose	-	-	-
Siderurgia-p	-	-	-
Siderurgia-n.	-	-	-
Socel	-	-	-
Cidla	-	-	-
C.U.F.	5.300$	5.300$	5.400$
Intar	790$	790$	800$
Nitratos	-	-	1 700$
Petroquímica	1.800$	1.800$	-
Sacor	7 000$	7.000$	-
Tab.Portugal	-	-	8 000$
Tabaqueira	14 500$	14.500$	14.600$
U.F.Azoto	1.260$		1 260$
Empor	610$	-	650$
Ind. Aliança	-	1.200$	-
I.P.Colónias	2 160$	-	2.160$
Nacional Navegação	4.500$		4.500$
Navegação(Col.)	2.390$		2.400$
P. Pesca			1.500$
Matur	-	-	-
R.Marconi	-	-	-
T.A.P.	-	-	-
Compal	1.450$	1 400$	1.450$
Salvor	-	-	4.000$
Penina	4.100$		4 100$
Grão-Pará	4.250$	-	4 250$
Lisnave	17.100$	17.100$	17 500$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico		
F. I. D. E. S.	257$	264$7

COTAÇÕES

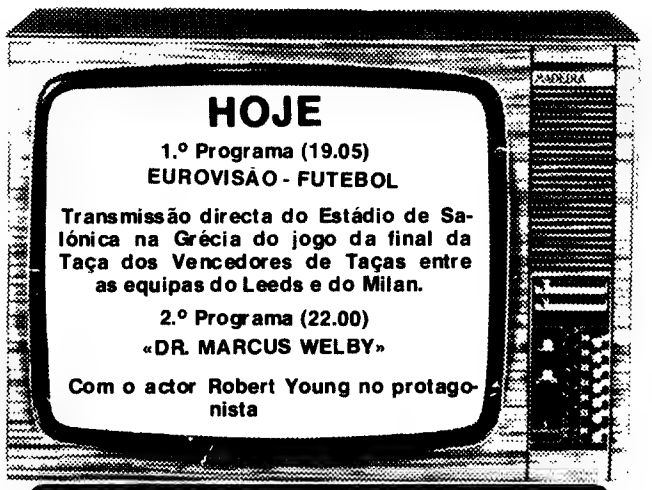
PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	-$-	-$-
Alemanha Marco	8$85	9$15
América		
Dollars de 1 a 2	24$40	25$20
Dollars de 5 a 20	24$70	25$50
Dollars de 50 a 1000	24$90	25$70
Argentina Peso Novo	-$-	-$-
Austria Schiling	1$22	1$28
Bélgica Franco	$62	$65
Brasil Cruzeiro	3$60	4$40
Canadá Dólar	24$50	25$30
Dinamarca Coroa	4$00	4$30
Espanha Peseta	$43	$455
França Franco	5$40	5$70
Holanda Florim	8$45	8$75
Inglaterra Libra	730$00	780$00
Itália Lira	$041	$045
Marrocos Dhran	-$-	-$-
Noruega Coroa	4$15	4$45
Suécia Coroa	5$45	5$80
Suiça Franco	7$70	8$05
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	680$00	730$00
Inglaterra 1/2 Libra	630$00	680$00
Ouro fino Barra	90$00	96$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Praça D. João da Câmara 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro 52 - Telef. 30309

televisão



HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino Singular
13.15 Gente miúda
13.45 Telejornal, 1.ª EDIÇÃO
14.00 Terras de Portugal
14.15 Logo à Noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.05 Eurovisão. Futebol. Transmissão directa da final da Taça dos Vencedores das Taças.
21.10 Vamos jogar no Totobola
21.30 Telejornal, 2.ª edição.
22.00 Histórias da música
22.30 A família Bellamy «Pedido de Ajuda»
23.45 Telejornal, 3.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Gente miúda
21.00 Terras de Portugal
21.15 Desenhos animados
21.30 Telejornal, 2.ª edição
22.00 Marcus Welby
22.55 Impacto e fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

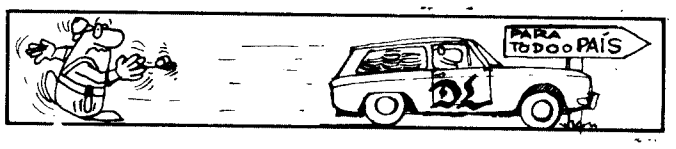
12.45 Abertura e Desenhos animados
13.00 Vária
13.15 Por favor não comam os malmequeres
13.45 Telejornal, 1ª edição
14.00 Um dia com Fernando Pessa
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa, Educação Musical
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.40 Presença do Brasil
20.10 Sangue na estrada
20.25 XXV Aniversário da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil
20.55 Imagens da poesia europeia
21.30 Telejornal, 3ª edição
22.00 Noite de cinema; «Os olhos da testemunha»
23.40 Meditação e fecho
23.50 Telejornal, 4.ª Edição

2.º Programa

20.30 Desenhos animados
20.45 Um dia com..
21.00 Por favor não comam os malmequeres
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Os vingadores
22.55 Amaral Neto - Repórter e fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

meteorologia

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava encoberto e chovia nalguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	15.º
P. DOURADAS	8.º
COIMBRA	15.º
PORTALEGRE	13.º
LISBOA	15.º
FARO	18.º
FUNCHAL	19.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA E ALVALADE
Máxima **26,5.º**
PENHAS DA SAÚDE
Mínima **4,7.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do Mar 15,5.º
Atmosfera 17,3.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.27	3,6 m	9.01	1,0 m
15.45	3,8 m	21.22	1,0 m
Dia 27			
4.06	3,6 m	9.34	1,0 m
16.23	3,6 m	21.51	0,9 m
Dia 18			
4.45	3,6	10.18	1,0 m
16.59	3,8 m	22.33	1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

O céu estava muito nublado ou encoberto; vento fraco; períodos de chuva fraca; possibilidades de trovoadas isoladas nas regiões montanhosas do Interior

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.24
OCASO ÀS 20.44

DIA 17 DIA 25 DIA 1 DIA 7

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

16.00 Noticiário
16.05 Isto é Brasil
16.30 Convívio Programa da Juventude
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 Meridiano — Programa do Circulo de Estudos Ultramarinos
19.10 O Mundo em música
20.00 Diário sonoro
20.30 7.º Episódio do folhetim «Iaia Garcia»
20.50 O Acordeonista Helder Reis
21.00 Momento 73
21.20 Ritmos em contraste
21.35 Programa pela orquestra ligeira portuguesa da emissora nacional
21.55 O homem e a natureza — pelo Dr Almeida Fernandes e Gil Montalverne
22.15 O grupo coral da Casa do Povo de Barrancos
22.35 A vida e a mulher
23.05 De um dia para o outro — por Fernando Correia
00.30 Diário Sonoro
00.45 Escala na Madrugada — por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 1 DE LX

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º PROGRAMA

16.00 Intercâmbio Musical-Semana Internacional de Órgão de Nuremberga
16.40 Cenas Sinfónicas para Orquestra OP 22 (Gottfried)
17.05 Teatro de todos os tempos
18.00 Musica do Século XX
19.00 Semanário Musical
20.00 Diário sonoro
20.30 Poesia de um só poeta, por Maria Germana Tânger
20.45 Poemas sinfónicos — Obras de Paul Dukas e Liadoff
21.00 1.º e 2.º actos da ópera «Pelleas e Melisande» (Debussy) Comentários por Maria Helena de Freitas
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho.

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa «Movimento»
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Rádio Placard
21.17 Portugal além da Europa
21.30 Quando o telefone toca
22.03 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Varatojo conta-lhes...
23.15 Vozes famosas
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

EMISSOR DE MIRAMAR

16.00 Noticiário
16.04/17.56 «Programa CDC»
17.56/21.00 «Norte dia a dia»
21.02/24.00 «Generico»
21.05 So-Rádio
21.35 Ele e ela
21.45 O arauto da verdade
22.02 Em destaque
22.15 Mensagens biblicas
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

RADIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Diálogo
18.23 Boletim litúrgico
18.30 Terço e bênção da Basílica dos Mártires
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.07 Selector
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça
Das 06.00 às 11.00 e 17.00 às 22.00

Rádio Voz de Lisboa
Das 11.00 às 14.30

Clube Radiofónico de Portugal
Das 14.30 às 17.00

Rádio Peninsular
Das 22.00 às 02.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO E-1
Toda a noite

ALFAMA
Nacional R. São João da Praça, 26 Tle. 863632
ALTO DE S. JOÃO
Carrondo Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef 842518)
ALVALADE
Cartaxo Av. da Igreja, 21-C (Tele. 776358)
Nova Lisboa R. Guilherme Suggia, 12 (Tele. 727721)
AREEIRO
João XXI Av. João XXI 16-A (Tele. 726462)
ARROIOS
Nunes Rua Angela Pinto, 32 (Tele. 497556)
BAIXA
Barral R. Augusta, 225 (Tele. 361534-5)
BELEM
Ramisio Rua dos Jerónimos, 14-C (Tele. 631699)
BENFICA
Lisboa Rua Claudio Nunes, 73-A (Telef. 703393)
BOA HORA
Sepol Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 681958)
CAMPOLIDE
Pátria Calçada dos Mestres 30-A (à Rua das Amoreiras) (Tel. 680627)
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tele. 688857)
CARNIDE
Leal de Matos Rua Neves Costa, 33 (Tele. 780181)
ESTEFÂNIA
Estefânia Rua Pascoal de Melo 90 (Tele. 44438)
GRAÇA
Santo António Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tele. 882333)
LAPA
Carrasco R. Presidente Arriaga, 39 (Tele. 667460)
LUMIAR
São Tomé Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tele. 780704)
MADRAGOA
Nunes Simões Rua do Quelhas, 1 (Tele. 661275)
OLIVAIS
Nova Rua E, 1, Lote 469, Olivais Sul (Tele. 316402)
PENHA DE FRANÇA
Carrondo R. Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef. 842518)
PICHELEIRA
Luzmar Rua João Nascimento Costa, 16-A (Tels. 72835-720703)
RATO
Janeiro Avenida Pedro Alvares Cabral, 100 (Tele. 661453)
REGO
Universitária Rua Alfredo Gameiro 29-D (Tele. 778953)
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais Av. Luís bivar (Tele. 44324)
XABREGAS — **Barros de Gouveia**, Rua do Vale Formoso de Cima, 79-B (telefone 382180)

TURNO E-2
Até às 22 horas

AJUDA
Teles Rua João de Barros, 2 (Tel. 638249)
ALCÂNTARA
Nogueira Rua da Creche, 2 (tele. 631635)
ALTO DE S. JOÃO
Oriente Rua Lopes, 120 (Tele. 843381)
ARCO DO CEGO
Palma Av. Duque de Avila, 25-31 (Tele. 47088)
ALVALADE
Brisalia Av. Rio de Janeiro, 66-A (Tele. 722358)
Aviz Av. de Roma 56-B (Tele. 715370)
AREEIRO
Galeno Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tele. 774920)
ARROIOS
Matos Rua Alvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671)
AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional Rua do Salitre, 7 (Tele. 46858)
AVENIDAS NOVAS
Avenidas Av. da República, 27-A (Tele. 533688)
BAIRRO ALTO
Virtas Rua da Misericórdia, 135 (Tele 324554-327563-4)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso Praça Norte, 11-A (Tele. 311216)
BENFICA
Sousa Estrada de Benfica, 429 (Tele 780627)
CAMPOLIDE
Gomes Rua Rodrigo da fonseca, 101-A (Tele. 682333)
CAMPO DE OURIQUE
Ourique Rua Freitas Gazul 32-B (Tel. 671667)
GRAÇA
Rosas e Viegas Rua de S Vicente, 31 (Tel. 864351)
LUMIAR
Alameda Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tele. 790942)
SANTA CATARINA
Modelar Largo dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Tele. 678896)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar Av. Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (Tels. 768343-764629)
XABREGAS
Salter Rua de Zabregas 60-65 (Tele. 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Miraflores, R. António Granja, 2 (Tel. 213161)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)
PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-(Tel. 2471785)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)
MONTE ESTORIL
Costa, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19,41 (Tel. 280141); **Cascais**, R. Conde de Monte Real (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); **Carmelo**, R Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Tel. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel 980456)
SINTRA
Marrazes, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMADA
Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa Lote 1 (Tel. 271297)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional 221-B (Tel. 224141)
BARREIRO
Pimenta, R. Cons.º Joaquim António Augusto de Aguiar, 259 (Tel. 2073012)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barracas, 50-A (Tel. 2760182)
MOITA
União Moitense, Av dr Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Giraldes, R Almirante Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA
Lopes, R Cândido dos Reis 60-C (Tel 2471785)
SETÚBAL
Normal do Sul, P. do Bocage (Tel. 22216)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560)

PORTO

9.º TURNO

SUB-TURNO A

Barreiros, Rua de Serpa Pinto, 8. **Martino, Sucr.**, Praça Marq. de Pombal, 122. **Pombeiro**, C. Mártires da Pátria, 152. **Preiada (da)**; R. Central de Francos, 316. **S. Roque da Lameira**, R. S. Roque Lameira, 1111. **Sá da Bandeira**, R. Sá da Bandeira, 236.

SUB-TURNO B

Ameal, R. do Ameal, 1227. **Campo Alegre**, R. do Campo Alegre, 723. **Ferreira da Silva**, R. dos M. da Liberdade. 150. **Peninsular**, R. Chã 100-102. **S. Lázaro**, Av. Rodrigues de Freitas, 297

COIMBRA

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (Tel. 22961); **Donato**, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (Tel. 22603); **Rainha Santa**, R. Figueira da Foz, 11-B (Tel. 2473/)

motor

cinemas

CINEARTE (Tel. 660446)
15.00 e 21.00
(Grupo B - 10 anos)
«HOMENS EM FURIA» com George Hilton e Ernest Borgnine e «OS ULTIMOS CORSÁRIOS»

CINEMA CASTIL (Tel 530194)
15.00-17.00-19.00-21.45-2.ª Semana
Grupo D (18 anos) Massimo Ranieri, Ottavia Piccolo
BUBU DE MONTPARNASSE um filme de Mauro Boloquini. Estacionamento Parque Castil

MONUMENTAL (Tel. (Tel. 55131)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
4.ª Semana «THE GETAWAY» (Tiro de Escape) com Steve McQueen, Ali Mac Grav Um filme de Sam peckimpah. Hoje às 18.30 Adultos, Ingmar Bergman «SORRISOS DE UMA NOITE DE VERÃO»
6.ª feira, dia 18 «UMA LIÇAO DE AMOR» (Adultos)

SATÉLITE (Tel. 555131)
Às 15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos). 6.ª Semana Um filme de António Pedro Vasconcelos PERDIDO POR CEM. José Cunha, Marta Leitão, Ana Maria Lucas e Nuno Martins

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 8.ª Semana Colorido. As seduções libertinas e o amor conjugal. O filme de Eric Rohmer. «AMOR ÀS 3 DA TARDE», c/ Zonzo e Bernard Verley. Snak-bar, pub-the, flag. O melhor encontro gastronómico.

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
Às 15.15 - 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana - Eastmancolor
O LOIRO DO SAPATO PRETO
Pierre Richard, Mireille Darc. Realização de Yves Robert. Sessão clássica. Hoje às 18.30 (Grupo D-18 anos). Depois de «Easy Rider» o novo filme de Peter Fonda «ORE GRESSO» c/ Peter Fonda e Verna Bloom. Technicolor.

ESTUDIO (Tel. 555134/5)
15.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
5.ª Semana. Color. Um filme de Jan Kador «MULHER À DERIVA» Rad Marcovic, Milena Dravic.
ATENÇÃO: Não se realiza a habitual sessão das 18.30 em virtude de ser exibido o filme da «Semana do Brasil»

MUNDIAL (Telef. 538743)
15.15,, 18.30 e 21.45
2.ª Semana. Grupo C 14 anos). Panavision. Color «O JOVEM LEÃO» Robert Shaw, Annie Brancroft, Simon Ward.

RESTELO (Tel. 610375)
21.00
(Grupo D 18 anos)
Eastmancolor «ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS» com Florinda Bolkan e Massimo Ranieri

EUROPA (Tel. 661016)
Às 15.15 - 21.30 Grupo B (10 anos)
Panavision - color - 6.ª Semana Cantinflas em DOM QUIXOTE (Cavalga de novo)

ROMA (Tel 727778)
As 15.30 - 21.45
(Grupo B 10 anos)
6.ª Semana
«CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Com Terence Hill e Bud Spencer.

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um filme de Sidney Lumet «LONGA JORNADA PARA A NOITE» Com Katharine Hepburn e Ralph Richardson

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos) 6.ª Semana «CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITÁ» Terence Hill e Bud Spencer.

ODEON (Tel. 32.6283)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos) 8.ª Semana Techniscope-Eastmancolor. Bruce Lee é «O INVENCÍVEL», violento! Arrebatador!

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«UMA MISTURA DE AMOR» Technicolor com Marisa Mell, Stephen Boyd Nelida Queiroga, Isa Miranda e Howard Ross

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
A alegria, a melodia, o luxo de Viena e de Johann Strauss 16.ª Semana GRANDE VALSA c/ Harst Bucholz, Mary Costa, Nigel Patrick, Yvonne Michel e Rossano Brazzi

VOX (Telef. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
5.ª Semana Eastmancolor. Grupo D (18 anos), um filme de Claude Chabrol. «A CASA DOS DESEJOS». Jean-Paul Belmondo, Mia Farrow.

ROYAL (Tel. 86503/)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«MOCIDADE SEM FREIO» em complemento «UMA NOITE NA PRAIA»

IMPERIAL (Tel. 821930)
15.00 - 21.00 Grupo D (18 anos CABARET Em complemento TRATAMENTO DE CHOQUE

S. JORGE (Plateia 54153 - Balcão 54154)
15.15 18.15 e 21.30 4.ª Semana A sensacional comédia PARIS MANICÓMIO DO AMOR com Martine Keller
Grupo D (18 anos)

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos) Eastmancolo A MÃO DE FERRO Realização de Cheng Chang Ho.

POLITEAMA (Telef. 326303)
15.15, 18.15 e 21.45
Eastmancolor. Grupo D (18 anos) Judy Geeson, Roy Dotrice. «BONECA PERIGOSA»

BERNA (Telef. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
3.ª Semana! Grupo D (18 anos) Eastmancolor. Um filme de Jean-Pierre Melvie. «CAI A NOITE SOBRE A CIDADE». Alain Delon Catherine Deneuve.

APOLO 70 (Telef. 7633,
Às 15.15 - 18.30 - 21.45 - 2.ª Semana Technicolor Grupo D (18 anos) Grande Prémio Festival de Cinema Fantástico 1973. UM ASSASSINO PELAS COSTAS com Dennis Weaver

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15-18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). Technicolor Franckie Howerd em «A CHAVE DO CINTO DA CASTIDADE». Simplesmente atrevido.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). Eastmancolor Brigitte Bardot. «FESTIVAL BARDOT» Em complemento em ensaio de Roman Polanski «RIO DOS DIAMANTES».

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«A cama dos comuns»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Os amigos»

VARIEDADES
21.45 (14 anos)
«O Príncipe e a corista»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

LISBOA/Cinemas

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Homens em fúria»

PARIS
21.00 (10 anos)
«O maior espectáculo do mundo»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Wncontro com uma mulher de 30 anos»

JARDIM CINEMA
21.30 (14 anos)
«Os Centauros»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Liberdades femininas»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«O homem-orquestra»

MAYER
21.00 (10 anos)
«Forte Apache»

OLIMPIA
19.00 (10 anos)
«Spartacus contra os traidores»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Fogo sagrado»

ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30 (18 anos)
«Uma mistura de amor»

Palácio
21.30 (14 anos)
«Os Justiceiros»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Deliverance» «Fim de Semana Alucinante»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«César e Rosalie»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Segue-me querido»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«A Furia da razão»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
22.00 (14 anos)
«Sua Excelência o pendura»

PORTO/Cinemas

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Roma de Fellini»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Amor às 3 da tarde»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«Memórias de uma alcoviteira»

OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«Calibre 9»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«A Estátua»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Desordem na terras dos gringos» e «Evasão»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«A grande valsa»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Ódio velho»

BATALHA
21.30 (10 anos)
«A Ponte do Rio Kwai»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Ponto de encontro»

TRINDADE
21.30
«A Papisa Joana»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.00 (10 anos)
«Que se passa doutor»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Os alegres dias de Pompeia

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE — De Quin e Figueiredo Sobral (das 10 às 2 h.)
BUCHHOLZ — Desenhos de Henriqu Manuel (das 10 às 12 e 30 e da 15 às 19 h.) — Fecha aos domir gos.
CASINO ESTORIL — Pintura de Suse na de Muro (das 15 às 3 h.)
«DIÁRIO DE NOTÍCIAS» — Pintura d Atsujo Mitsuhashi (das 14 e 30 à 19 h.).
DIPROVE - LISBOA — Pintura de Joã Nascimento (das 10 às 13 e das 1 às 19 h.).
ESCOLA DE BELAS-ARTES — Gravu ra-72.
FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Barroc Brasileiro.
FUTURA — Pintura de Moita Maced (das 10 às 19 h.).
GALERIA 111 — Pintura de Fátim Vaz (das 10 às 13 e das 15 às 1 h.).
GALERIA JUDITE DA CRUZ — De M guel Yeco (das 11 às 13 e das às 19 h.).
GALERIA NACIONAL DE ARTE MO DERNA — 3.º Salão dos Artistas d Domingo.
INSTITUTO DE ARTE E DECORAÇÃO — Gravuras de Man — Fecha ao domingos.
INTERIOR — Tapeçarias da pintor Maria Velez (das 10 às 19 h). — Fecha aos domingos.
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA — «Para uma visão táctil» — Dedi cada a cegos.
OTTOLINI — Pintura de Emília Nada (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)
PALÁCIO FOZ — De João Paulo Furta do (das 15 às 19 h.).
PRISMA-73 — Pintura e desenho d artistas contemporâneos (das 15 à 20 h.). — Fecha aos domingos
QUADRANTE — De Fausto Boavida Eduardo Cruzeiro (das 10 às 13 das 15 às 19 h.). — Fecha aos do mingos.
S. FRANCISCO — Gravuras de Henr Goetz (das 10 às 13 e das 15 à 19 h.). — Fecha aos domingos.
S. MAMEDE — Obras de Antóni Areal (das 10 às 13 e das 15 às 1 h.). — Fecha aos domingos.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES — pintura de Fernando da Sil va e Pires Vieira (das 14 às 20 h.).

BARS BOITES

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

PRINCIPE NEGRO-Dancing com variedades. **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos. **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264595, 264621 e 264946.**

NINA — **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167.**

EL CIDE — **Dancing** com variedades. Com o conjunto «X 4». **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo». **Telef. 560538.**

CACO — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades. Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-b.** Aberto das 18 h. às 21 e das 22.30 h. às 05.00 h.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10. Telef. 362689.** Aberto todos os dias.

SAN-PAYO — Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422.** (Ar condicionado).

DL/NACIONAL

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

Chefes de Estado de Portugal e Brasil encontram-se no Norte

PORTO, 16 — A visita ao Porto do Presidente da República Federativa do Brasil, general Emílio Garrastazu Médici revestiu-se de características muito especiais dados os laços de amizade que ligam os nortenhos e os brasileiros.

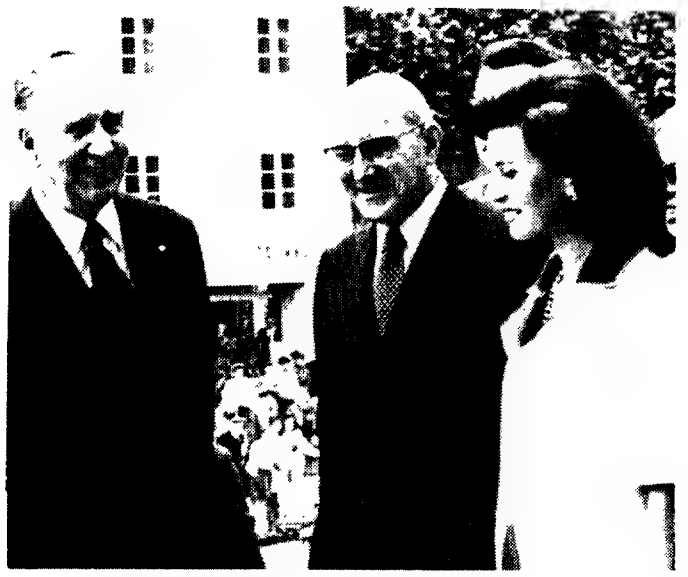
A Câmara Municipal do Porto convidou, aliás, a população «a testemunhar todo o seu júbilo pela visita» daquele estadista e solicitou a sua comparência nas ruas para o aclamar, bem como o alindar das janelas e sacadas das casas situadas nos locais do trajecto do cortejo presidencial.

E assim foi. O comércio, por sua vez, encerrou as suas portas para compartilhar do acontecimento. Com papéis multicolores, pétalas, sorrisos e aplausos, o Porto esteve em festa.

Cerca das 10 e 30, o avião que transportava o Presidente da República Portuguesa, sr. Almirante Américo Thomaz desceu no aeroporto de Pedras Rubras para estacionar na placa norte. Quarenta e cinco minutos depois chegava o avião presidencial, a bordo do qual viajou o Presidente Médici e sua comitiva. Trocados os cumprimentos, os dois presidentes foram alvo das honras militares prestadas por um batalhão do Regimento de Transmissões do Porto, com bandeira e banda, sob o comando do major Barradas.

O General Médici encaminhou-se, em seguida, para o edifício da aerogare onde foi cumprimentado pelo Governador Civil do Porto, comandante da Região Militar, presidente da Câmara, presidente do Tribunal da Relação, presidente da Câmara da Maia, presidente da Câmara de Matosinhos, acompanhados das respectivas mulheres, e, ainda, do cônsul do Brasil no Porto.

Formou-se, depois, um extenso cortejo automóvel que se dirigiu para a Câmara Municipal do Porto, sempre por entre alas de pessoas que aplaudiam os dois Chefes do Estado.



O presidente Medici conversa com o prof. Marcello Caetano (ao lado da filha) em Sintra.

Na rampa de acesso à porta principal do edifício do Município portuense, o presidente brasileiro recebeu cumprimentos de várias individualidades após o que lhe foram entregues as chaves da cidade. Um pouco mais acima, ainda na mesma rampa, os dois presidentes voltaram a encontrar-se e foram para o varandim fronteiro à porta principal, onde assistiram ao içar das bandeiras dos dois países.

Seguidamente, o eng. Nuno Vasconcelos Porto, presidente da edilidade portuense, num breve improviso saudou o General Médici e congratulou-se pela visita «que tanto honra a cidade e a sua população».

Houve, depois, no gabinete do presidente da Câmara a cerimónia da assinatura do livro de honra da cidade e foi entregue uma lembrança ao ilustre visitante.

Novamente se formou o cortejo automóvel, que se encaminhou para o Palácio da Bolsa, por entre aclamações das pessoas aglomeradas nos passeios, ao longo do percurso.

No gabinete da direcção, o Presidente do Brasil assinou o livro de honra, após o que teve lugar um almoço. Findo este, o Presidente Médici deu entrada na Igreja da Lapa, onde na Sala da Irmandade lhe foi mostrado o coração de D. Pedro.

Finda esta cerimónia, o presidente brasileiro acompanhado do almirante Américo Thomaz, dirigiu-se para o Quartel-General onde ambos descansaram algum tempo, antes de rumarem para Guimarães.

Nesta cidade, estão previstas cerimónias várias, como sejam a colocação de uma coroa em bronze na base do monumento ao Rei Fundador da nacionalidade, um banquete e, finalmente, uma sessão de fogo de artifício.

Amanhã, o General Médici e sua comitiva embarcam em Pedras Rubras, no avião presidencial de regresso a Lisboa.

O VINHO VERDE NO BRASIL

A Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes oferece hoje em Guimarães, ao Presidente da República Federativa do Brasil, um exemplar em ouro da medalha comemorativa do recente registo internacional da denominação de origem «vinho verde».

A mesma comissão oferece, igualmente, ao Chefe do Estado brasileiro, garrafas das melhores marcas de vinho verde e copos especiais.

Durante a recepção no Paço Ducal, o presidente da Comissão de Viticultura, sr. António José da Costa Leme, entregará ao chanceler Gibson Barbosa, ministro das Relações Exteriores do Brasil, uma exposição com o pedido de redução da taxa que onera a entrada de vinho verde no país irmão, tradicionalmente o maior mercado mundial de um produto que só existe em Portugal.

PROGRAMA DA VISITA

O programa estabelecido para o terceiro dia da visita do presidente Médici, é o seguinte: às 10 e 30 deu-se a partida do avião especial que conduziu o presidente e sua comitiva à cidade do Porto, onde, aguardado pelas mais altas entidades locais, desembarcou às 11 e 30. Foram prestadas honras militares, como é da praxe.

Pelas 12 horas, houve recepção de boas-vindas na Câmara Municipal da cidade Invicta, seguindo-se, às 13 e 30 um almoço oferecido no Palácio da Bolsa, o qual decorre à hora de fecho do nosso jornal.

O programa previsto para a tarde de hoje refere-se a: visita à Igreja da Lapa, às 15 e 30; 17 horas, partida do cortejo presidencial para Guimarães, onde chegará pelas 18 horas; às 18 e 30, instalações no Palácio Ducal de Guimarães, depois de recebidos os cumprimentos das mais altas individualidades locais; às 21 horas, terá lugar o banquete oferecido pelo presidente Américo Thomaz e sua esposa, ao presidente Médici e senhora; às 22 e 30, recepção.

Ataque da "Frelimo" a um comboio de carga
-Dois mortos e sete feridos

LOURENÇO MARQUES, 16 (ANI) — Foi distribuido o seguinte comunicado das Forças Armadas:

«1 — O inimigo tem insistido nas suas tentativas desesperadas de interferência no caminho de ferro de Mutarara-Moatize.

«Tais tentativas vêem-se verificando sob a forma de implantação nocturna de engenhos explosivos e de flagelação a distância às forças de segurança daquele caminho de ferro.

2 — Normalmente, as minas são detectadas e levantadas ou destruidas e as flagelações neutralizadas.

«Sempre tem lugar a sequente perseguição, que, com alguma frequência, produz a destruição dos refúgios e grupos inimigos.

«3 — Uma vez por outra, porém, algumas minas escaparam às operações de detecção.

«Ultimamente, tal sucedeu em 13 de Fevereiro, há três meses como é já do conhecimento público, e ante ontem, 1 de Maio.

«Esta última mina, explodindo à passagem de um comboio de carga geral, provocou o seu descarrilamento.

«Este deu lugar, além de danos materiais, a duas mortes, a três feridos graves e a quatro feridos ligeiros, todos do pessoal ferroviário.

«A escolta do comboio e a força de perseguição entraram desde logo em acção.

Nova condenação não impede a reabilitação

Conclusão de um parecer da Procuradoria-Geral da República num processo sobre reabilitação:

«A existência de nova condenação durante o prazo estabelecido no 1.º do artigo 127.º do Código Penal não impede a reabilitação de direito, mas a extinção dos efeitos penais de todas as condenações apenas se verifica quando tiver decorrido, sem nova condenação, o mais longo dos prazos que a lei fixar em função das penas extintas, contado a partir da data da extinção da pena que opere em último lugar.»

Feira do Livro no Porto

PORTO, 16 — Inaugura-se no sábado, oficialmente, a XLIII Feira do Livro do Porto, este ano instalada, pela primeira vez, na Praça Mouzinho de Albuquerque (Rotunda da Boavista).

Mais uma vez, para que o certame atinja o nível dos anos anteriores, haverá o Prémio Nacional de Editores e Livreiros, com o patrocínio do Município, concretizando-se em facilidades e auxílios diversos. Dará, também, o seu valioso contributo, com o mesmo objectivo, a Biblioteca Pública Municipal Portuense.

CONSELHO DE MINISTROS

Sob a presidência do prof. dr. Marcello Caetano reuniu ontem, 15, em São Bento, o Conselho de Ministros:

O Conselho apreciou vários projectos de decretos-leis e aprovou, entre outros, os seguintes:

— o que, tendo em vista imprimir uma maior dinamização à Reforma Administrativa, cria na Presidência do Conselho, o Secretariado da Administração Pública, incumbido de estudar, propôr, coordenar e acompanhar a execução das medidas tendentes a promover, sistematicamente, o aperfeiçoamento e modernização da Administração Pública, de modo a permitir-lhe corresponder, não só às exigências do desenvolvimento económico e social do País, como, também, à melhoria da produtividade dos Serviços;

— o que redistribui pelos vários círculos eleitorais o número de deputados, que foi elevado para cento e cinquenta na última revisão da Constituição Política;

— o que alarga até 31 de Outubro de 1977 o prazo a que se reportam os nos 1 e 2 do art.º 18 do Decreto-Lei n.º 47 344, de 25 de Novembro de 1966, admitindo-se até essa data a impugnação oficiosa da legitimidade de menores de qualquer idade e independentemente da data do seu nascimento;

— o que estabelece que a comercialização dos vinhos com a designação de «Alvarinho», só possa efectuar-se em garrafas, nas quais figurará a designação de «vinho verde» associada à expressão «região demarcada».

ASSEMBLEIA GERAL DOS ELECTRICISTAS

O Relatório e Contas da gerência de 1972 são pareciados esta noite pelos associados do Sindicato Nacional dos Electricistas do Distrito de Lisboa, no decorrer da assembleia geral ordinária que se efectua esta noite na Sociedade Voz do Operário, a partir das 21 horas.

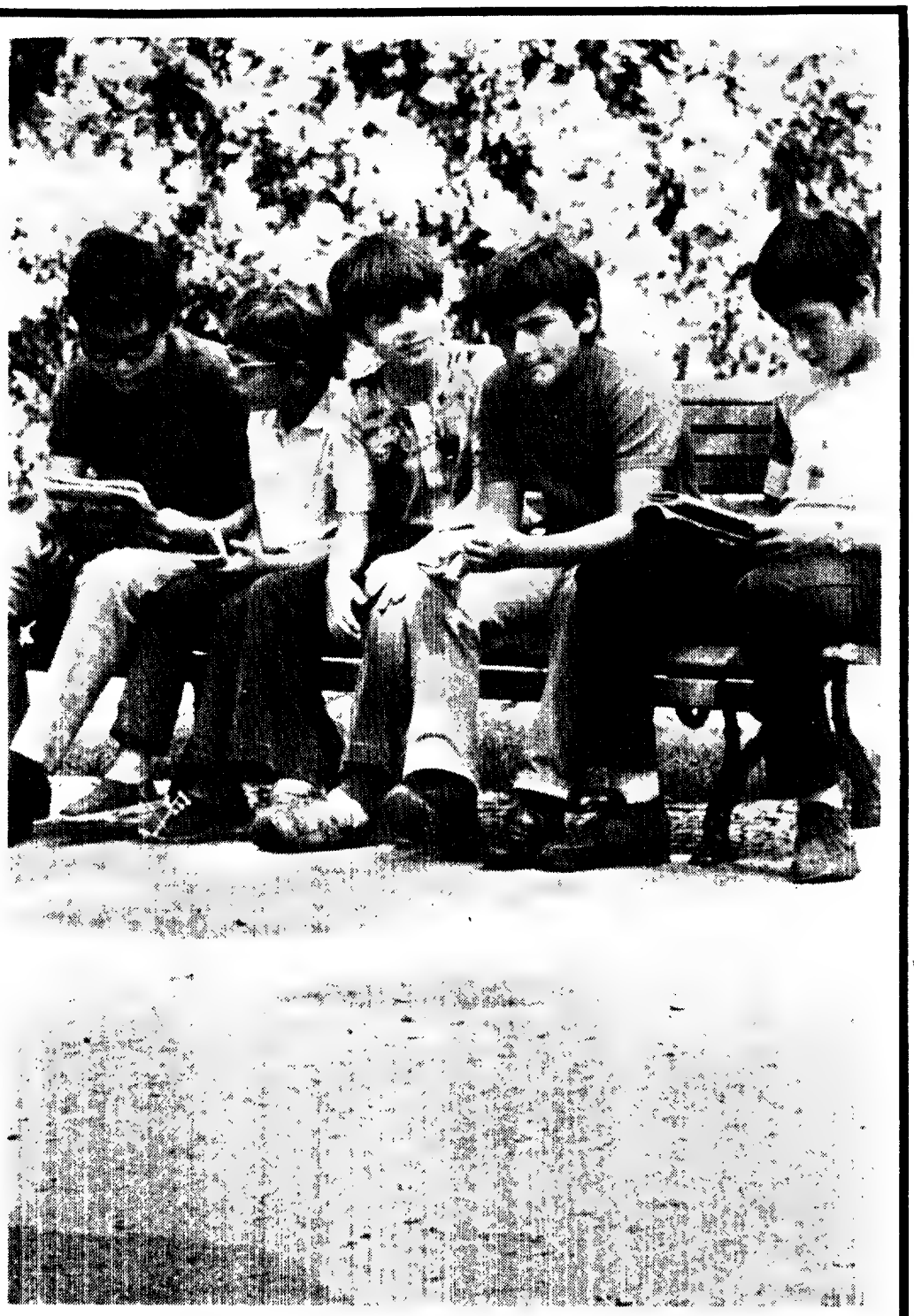
Paralelamente, a assembleia apreciará também o orçamento ordinário para 1973.

3.ª SEMANA TRIUNFAL NO MUNDIAL
O QUE FORAM OS PRIMEIROS PASSOS AS PRIMEIRAS AVENTURAS
E OS PRIMEIROS AMORES DE WINSTON CHURCHILL

O JOVEM LEÃO (YOUNG WINSTON)
Um filme de CARL FOREMAN e RICHARD ATTENBOROUGH
ROBERT SHAW em Lord Randolph Churchill · ANNE BANCROFT em Lady Jennie e SIMON WARD
JACK HAWKINS • IAN HOLM • ANTHONY HOPKINS • PATRICK MAGEE • EDWARD WOODWARD e JOHN MILLS
Produção CARL FOREMAN · Realização RICHARD ATTENBOROUGH · Música ALFRED RALSTON
Distribuidores COLUMBIA & WARNER · GRUPO C. 14 anos
A MUSICA DESTE FILME ESTA GRAVADA EM DISCOS «HIS MASTER'S VOICE» DISTRIBUIÇÃO VALENTIM DE CARVALHO

Como crescem os jovens nos bairros de lata

O número IV da «Declaração dos Direitos da Criança» diz: «A criança deve beneficiar de segurança social. Deve poder crescer e desenvolver-se de uma maneira sã. A criança tem direito a alimentação, alojamento, distracção e cuidados médicos adequados». Segundo revela um estudo elaborado pela União Internacional de Protecção à Infância» metade da população dos bairros marginais, na cintura das metrópoles industriais dos países em vias de desenvolvimento, é constituída por crianças. Em barracas improvisadas pelas famílias para fugirem ao custo da habitação, as condições de higiene quase não existem. A falta de higiene e a deficiência na alimentação são favoráveis ao desenvolvimento de doenças. A mortalidade infantil é muito superior à que se verifica nas outras áreas da cidade. As crianças não recebem instrução adequada ou não recebem, sequer, instrução. Em consequência, aos jovens é difícil obter emprego, e os salários são quase sempre inferiores às suas necessidades. Este ambiente favorece a delinquência. «Estudada a vida dos grandes criminosos sempre se encontra uma infância desgraçada», escreveu Ramon Marti. **Foto de Ruy Esteves.** (Pág. 3)



A existência de um espaço livre para brincar é condição essencial ao desenvolvimento são e integral da criança. A falta ou exiguidade de um «mundo para si» atrofia-a física e psicologicamente

Mulher

TERAPÊUTICA OCUPACIONAL PARA MULHERES

Anexo à 3.ª enfermaria de mulheres do hospital Miguel Bombarda, mas independentemente da Administração, funciona um clube, com fins de recuperação, que dispõe de uma máquina de costura, um fogão de cozinha, um televisor, uma dúzia de livros com histórias de amor e policiais, um rádio e um gira-discos. Mas não existem ali quaisquer actividades como pintura e escultura que permitissem às mulheres expandir a sua criatividade através do trabalho. Conseguir uma mesa e duas dúzias de cadeiras onde as mulheres se possam sentar é, neste momento, a ambição do clube. (**última página**)

MULHERES A DIAS

Bebés como peixes na água

Um bebé pode aprender a nadar aos 3 meses? Será de permitir que uma criança guie bicicleta antes dos 5 anos? Quando é que uma criança é demasiado jovem para aprender?

Cada vez maior número de pais ensinam as crianças a nadar. Alguns bebés, hoje em dia, conseguem nadar bastante bem antes de darem os primeiros passos e um instrutor londrino afirmou recentemente que está a ensinar bebés de 3 meses!

Qual a idade **mínima** para uma criança aprender um desporto? Aparentemente, pelo menos quanto à natação, é mais fácil ensinar um bebé do que uma criança em idade escolar... pois um bebé não aprendeu ainda a recear a água. Desde que esteja protegido: pode começar por usar uns flutuadores nos braços e ser seguro pela mãe, a princípio; não há razão para não aprender a boiar desde os primeiros meses.

Aparentemente, um bebé fará instintivamente os movimentos necessários para se mover na água.

O passo seguinte é simples começa a nadar. É importante que um bebé a princípio se limite a nadar de costas, pois é perigoso que fique com o rosto voltado para baixo. Mas, à medida que adquire experiência e se vai tornando um pouco mais velho, aprenderá a nadar numa posição semivertical e em breve se desloca bastante depressa.

Mas será perigoso?

. «Não, se a mãe ficar com a criança — diz um professor. — E se a criança tiver uma adequada protecção. Mas a mãe ou o pai não devem nunca deixar um bebé ou criança pequena sózinhos na água. Será preferível nem sequer lhes voltarem as costas até estarem seguros de que os filhos são bons nadadores. Mesmo um bebé que nade bem precisa de ser vigiado.»

. As vantagens de aprender a nadar cedo são evidentes. A criança sente-se completamente à vontade na água e poderá salvar-se se tiver algum acidente na água (mais de 300 crianças morrem afogadas todos os anos em Inglatterra). Terá, também, mais confiança em si própria e divertir-se-à mais.

Andar de bicicleta é outra habilidade que as crianças hoje em dia estão a aprender cada vez mais cedo. Os fabricantes fazem veículos mais leves e fáceis de conduzir e há bicicletas para todos os tamanhos. Mas com que idade pode a criança andar **com segurança** numa bicicleta?

«Um garoto de 3 anos, em geral, domina bem um triciclo; e um miúdo de 5 anos pode guiar uma bicicleta» — afirma um instrutor de segurança rodoviária. Ainda que uma criança ande bem de bicicleta, é indispensável que tenha uma ideia das regras de trânsito ou dos perigos que implica andar numa rua movimentada.

«Se uma criança tiver ordem para se limitar ao jardim ou pátio em frente de casa, então poderá considerar-se em segurança ainda que seja muito pequena. Só uma criança mais velha deverá obter licença para se aventurar pelas ruas. Deve ser ensinada a ter o sentido da responsabilidade e a ter um perfeito domínio do veículo.»

. Andar a cavalo suscita problemas semelhantes. Embora crianças muito pequenas consigam aprender a montar bastante bem, os instrutores sentem certa relutância em deixar as crianças sair sozinhas com os cavalos ou mesmo em as deixar montar sem um adulto conduzir o cavalo — porque uma criança pode não saber o que fazer numa emergência. No entanto os instrutores afirmam que, quanto mais cedo uma criança se habituar aos cavalos — ainda que se limite a sentar-se neles —, mais probabilidades terá de ser um bom cavaleiro.

Mais uma vez a criança, que cresceu com a ide ia de que montar é agradável e divertido não terá o mesmo medo e nervoso que uma criança que comece a aprender mais tarde.

A maioria das actividades desportivas é, de facto, acessível às crianças desde pequenas — corrida, ténis, salto, etc.

O que importa é que as aprendam sob adequada vigilância. Outras actividades podem também interessar os muito jovens. Numerosas crianças de 4 e 5 anos têm muito jeito para a música. Podem aprender a jogar xadrez ou mesmo bridge com facilidade. O método de leitura de Dolman provou que os garotos de um ano conseguem aprender a ler com muita facilidade — embora os especialistas não estejam certos de que o método seja necessariamente bom.

De facto, há provas concludentes de que uma criança nunca é demasiado nova para aprender. Se alguém tiver paciência para lhe ensinar a nadar, a montar, a jogar xadrez ou a tocar piano, e ela tiver inclinação e habilidade, aprenderá. A idade não importa.

O. M. S.

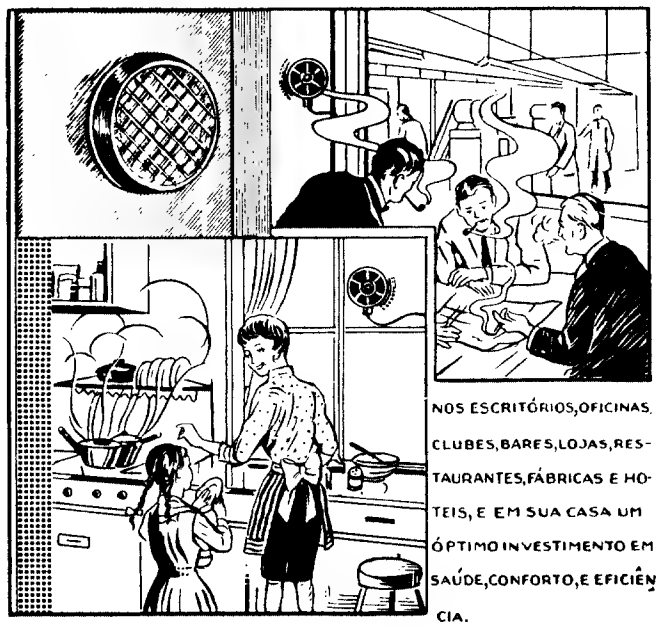
(Transcrito da revista «Vida»)

Nelson de 9 meses aprende a nadar. Primeiro, é necessário fazê-lo perder o medo da água. Depois, ele aprende a reter a respiração para poder mergulhar como aqui se vê. O homem é um dos poucos mamíferos que não sabem nadar instintivamente.

FOTO GUERLAIN

Sempre um sonho de beleza, com «Chamade», de «Guerlain» e as novas maquilhages, frescas como frutas de Primavera...

Vent-Axia
RENOVA O AR QUE VOCÊ RESPIRA



NOS ESCRITÓRIOS, OFICINAS, CLUBES, BARES, LOJAS, RESTAURANTES, FÁBRICAS E HOTEIS, E EM SUA CASA UM ÓPTIMO INVESTIMENTO EM SAÚDE, CONFORTO, E EFICIÊNCIA.

☆ Milhares de exaustores "Vent-Axia" montados em Portugal comprovam as suas incomparaveis caracteristicas técnicas
☆ Pessoal técnico especializado
☆ Assistência assegurada

Representantes:
SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA
Av. dos Aliados, 168-A - PORTO
Rua Filipe Folque, 7-E - LISBOA

Revendedor autorizado:
LOJA SOL, LDA.
RUA DA ASSUNÇÃO, N.º 82 — LISBOA

BOUTIQUE DE ILUMINAÇÃO
Candeeiros
Lampadas
Acessorios para:
Boutiques
Lojas
Habitações
Escritorios
Modelos design de luxo
Economicos
JF
JF DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.ª
R. S. FILIPE NERI, 51-B-LISBOA
TEL. 654165

Carochinha
MODAS
JUVENIS ATÉ
20 ANOS
Av. Guerra Junqueiro, 19-C
Telef. 72 67 31

DE NOVO E SEMPRE: ÁGIL, JOVEM, BEM DISPOSTO

Muitas pessoas perdem maravilhosas oportunidades na vida, só porque se sentem continuamente cansadas e deprimidas. Uma alimentação pouco racional e por vezes excessiva, dá-lhes «aquela» sensação de peso, de «anos a mais», enfim de má disposição quase permanente. E contudo, é tão fácil, e mesmo rápido, o regresso a um elementar bem-estar geral...

Existe um produto — os SAIS KRUSCHEN — que através da dupla acção diurética e laxativa poderá contribuir para uma regularização e estabilização das funções orgânicas, proporcionando aquela sensação de leveza tão importante à actividade quotidiana.

CAMISAS
POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

MÓVEIS PORTUGÁLIA
MÓVEIS DE ESTILO — ESTOFOS — CARPETES E ALCATIFAS — CAPACHOS PARA AUTOMÓVEIS E ELEVADORES, ETC.
Av. Almirante Reis, 100-A e D
LISBOA Telef. 82 16 12

MÓVEIS ESTOFOS DECORAÇÕES
MÓVEIS VARANDAS
Av. Almirante Reis, 89, 93-A e C
Telefone 53 12 94 LISBOA

MÓVEIS
CAMPO GRANDE, 294-A
Telef. 79 29 21
PARA O POUCO ESPAÇO A GRANDE SOLUÇÃO
VEJA A NOVA «LINHA FUTURO»
NOSSO EXCLUSIVO

SAUNA
PARA CONSULTÓRIOS MÉDICOS, GINÁSIOS
INSTITUTOS DE BELEZA
VÁRIOS MODELOS FIXOS E PORTÁTEIS
A MELHOR MARCA
A MAIS EFICIENTE DESINTOXICAÇÃO
REUMATISMO — OBSIDADE, ETC.
PEÇA FOLHETOS TELEF. 68 49 58

QUINTÃO
a casa que V. Ex.ª deve preferir para compra de
TAPETES, CARPETES E ALCATIFAS
CASA ESPECIALIZADA 30, Rua Ivens LISBOA

COMO CRESCEM OS JOVENS NOS BAIRROS DE LATA

Segundo um estudo elaborado pela União Internacional de Protecção à Infância, sobre as condições de vida das crianças e jovens das áreas das barracas e bairros de lata, a população urbana dos países em vias de desenvolvimento deverá aumentar, nos próximos dez anos, em 250 milhões de pessoas, 110 milhões das quais terão menos de 15 anos — estando reservado, para a maior parte delas, o alojamento em tugúrios impróprios para seres humanos.

O mesmo estudo revela que, nos últimos dez anos, a população urbana dos países em vias de desenvolvimento registou um aumento de 167 milhões de pessoas, devido, sobretudo, às famílias que emigraram das áreas rurais, procurando na cidade melhores oportunidades. Assim, a população urbana cresce duas vezes mais rapidamente que a população total. No entanto, os serviços sociais e médicos, a habitação e as facilidades educativas, assim como as oportunidades de emprego estão longe de acompanhar esse crescimento.

Foto de Horácio Cruz.

HABITAÇÃO

A maior parte das famílias emigrantes, por não poderem pagar as rendas de casas «normais», vão viver para barracas que, muitas vezes, elas próprias constroem nos subúrbios das áreas metropolitanas. Os amontoados de vivendas improvisadas, sem as mínimas condições de habitação, formam autênticos bairros marginais na cintura das cidades e constituem metade ou mais da sua população. Habitam-nos grande parte crianças e adolescentes — uma população juvenil que duplica em menos de dez anos.

A maior parte destes bairros encontram-se em estado de perigosa ruina, cheios de imundícies e montões. Em alguns, chega a haver vinte pessoas vivendo num só aposento e as pessoas têm de fazer turnos para poderem dormir. Os serviços essenciais para a limpeza e saúde, como instalações de água, combustível, electricidade, drenagem e esgotos, escasseiam quando não faltam totalmente.

Foto de Fernando Ascenso Seabra.

SAÚDE

Devido ao empilhamento e à falta de recursos sanitários, as enfermidades contagiosas, como a hepatite, o paludismo, a febre tifóide, a tuberculose, a poliomielite, a diarreia e a disenteria, florescem nos tugúrios, juntamente com os ratos, as moscas e os mosquitos. Em consequência disso, verifica-se ali um nível de mortalidade mais elevado do que nas outras partes da cidade, acentuando-se especialmente a mortalidade infantil.

A escassez de alimentos frescos e o alto custo da comida contribuem para a má nutrição, provocando enfermidades relacionadas com a sub alimentação, entre as crianças que vivem nas barracas.

INSTRUÇÃO

Estas crianças sofrem de uma quase total carência de educação pré-escolar, de falta de jardins infantis e creches (para os filhos das mulheres que trabalham) e de limitados recursos para receberem o ensino primário e secundário. A construção de novas escolas está quase sempre atrasada em relação ao crescimento da população e nem sempre se encontram professores à altura.

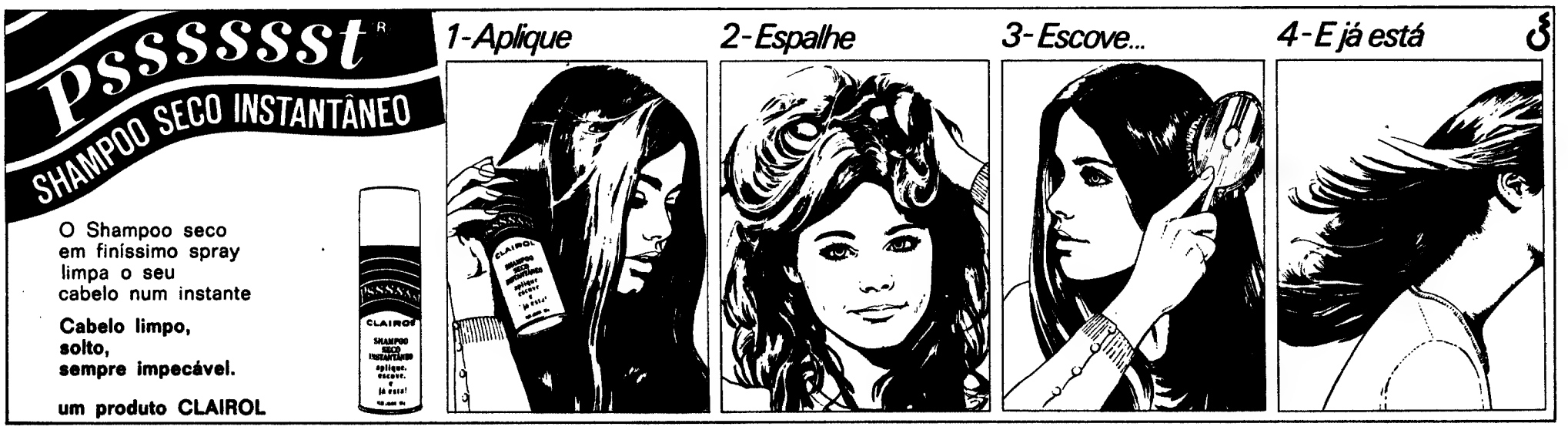
Devido à falta de creches e jardins de infância, muitas crianças não vão à escola, para poderem ficar a cuidar dos irmãos mais novos enquanto oa mães trabalham. Na sua maioria, as crianças dos bairros de lata não chegam a completar a instrução primária. Em muitos deles, 90 por cento das crianças não vão à escola.

Por outro lado, as escolas que existem naquelas áreas tendem a matricular maior número de alunos do que aquele que podem acomodar adequadamente; têm falta de pessoal, encontram-se mal equipadas, tem programas desvinculados das realidades ambientais e geralmente não oferecem ensino nas modalidades de entretenimento pré-vocacional, economia doméstica, educação para o consumidor, ou recursos de saúde e nutrição. As escolas de preparação vocacional e os cursos para a juventude ou não existem ou estabelecem requisitos de admissão inatingíveis, como ter completado o ensino secundário.

EMPREGO

Em consequência da sua falta de preparação, a juventude apenas consegue empregos malremunerados, principalmente trabalhos manuais — e mesmo estes não estão ao alcance de todos. Geralmente, os salários são muito baixos e as condições de trabalho insalubres, até perigosas.

A proporção de desempregos entre os jovens de 15 e 25 anos, nestas áreas, é o dobro da que se verifica entre os adultos de maior idade.



MULHERES

«Trabalhei como mulher-a-dias desde os 11 até aos 30 anos e dei o máximo de mim durante esse tempo, sem tirar o mínimo proveito para o futuro. Quando me empreguei como servente, numa empresa, das 6 às 9 da manhã, foi para assegurar a velhice, para ter direito à Previdência, embora a troco de um esforço muito grande. Sempre pensei que, quando um dia se resolvesse a situação desta classe, havia de deixar a firma, para voltar a trabalhar a dias, ganhando um pouco mais e com melhores horários. Afinal, vejo o meu sonho desfeito: a Previdência deixou as mulheres-a-dias quase na mesma...»

Nestas palavras, o testemunho de um sentimento de desânimo, que tomou conta de muitas mulheres-a-dias, ao aperceberem-se do que lhes dá o Decreto-Lei 81/73, de 23/3/73, diploma legal que estende ao pessoal doméstico o regime da Previdência para os trabalhadores por conta de outrém.

Quando, em Fevereiro passado, os jornais anunciaram que um decreto-lei aprovado em Conselho de Ministros estendia ao pessoal doméstico os «benefícios» da Previdência, a dúvida assaltou muitos espíritos. **«E as mulheres-a-dias?»** __ perguntou-se, perguntaram, de maneira mais inquieta, as próprias interessadas. A interrogação persistiu, mesmo depois de o secretário de Estado da Informação e Turismo ter abordado o assunto num dos seus esclarecimentos televisivos. **«O pessoal doméstico passará a beneficiar de protecção na doença, abrangendo os seus descendentes e equiparados, e na maternidade, com direito a reforma na invalidez e na velhice, e, em caso de morte, terá direito a subsídio de pensão de sobrevivência para os seus descendentes»** assim se expressou aquele membro do Governo, sem fazer referência expressa ao pessoal a dias.

A publicação do diploma veio, finalmente, tranquilizar estas trabalhadoras. Depois de estatuir sobre os «deveres» e «direitos» das empregadas domésticas e dos patrões, designadamente, indicando as contribuições a satisfazer pelas duas classes, o decreto-lei consagrava um capítulo ao pessoal a dias. Ali se fixavam as contribuições a cargo do patrão e da trabalhadora, respectivamente de 1$50 e $50 por cada período de trabalho não superior a 4 horas. E esclarecia-se que estas contribuições são únicas e gerais, independentemente das remunerações auferidas, com ou sem direito a alojamento e alimentação, desde que a prestação de trabalho ultrapasse nos meses de admissão ou de despedimento os 10 dias. O seu valor é calculado atribuindo abstractamente a cada período de trabalho de 4 horas à remuneração de 25$00.

O regime do pessoal domésticos e a dias entrou em vigor no dia 1 de Maio, devendo, a partir de 1 de Junho, e sempre de 1 a 10 de cada mês, as entidades patronais efectuar o pagamento da contribuição total, relativa ao trabalho prestado no mês anterior, para que às trabalhadoras sejam «concedidos», a partir de 1 de Novembro, os direitos da Previdência: assistência médica e medicamentosa para os beneficiários e seus descendentes ou equiparados, subsídio de doença (incluindo tuberculose, subsídio de maternidade, pensão de invalidez, pensão de velhice, subsídio por morte, pensão de sobrevivência.

UMA BASE ERRADA

O que eu gostava era de descontar sobre aquilo que realmente ganho, que nunca é menos de 12$50 por hora __ diz-nos Maria Cândida Pinto, uma das muitas mulheres que se sente lograda pela regulamentação que entrou em vigor. __ **Se ganho 25$00 em duas horas, por que razão hão-de considerar que preciso de fazer quatro horas de trabalho para obter essa remuneração? Até parece que as pessoas que fizeram a lei pagam só isso às mulheres a dias e querem generalizar essa importância...**

Também Maria Cândida teve, a certa altura necessidade de sacrificar as suas horas de sono para ir trabalhar, das 6 às 9 da manhã, numa empresa onde, como servente, ganha 7$50 por hora. Única razão: a empresa inscrevia-a na Previdência. Mas continuou a trabalhar a dias, porque não era com 31$50 que governava a sua vida. O trabalho é duro, a acumulação é extenuante. Às cinco horas da manhã, o corpo, ainda cansado de um dia de trabalho, pede um pouco mais de descanso. Mas Maria Cândida, servente numa firma onde assegura a sua pequena reforma, reprime-o, reprime o que não é só desejo, mas também necessidade. Levanta-se, prepara o pequeno almoço ao marido e à filha, come qualquer coisa e corre para chegar a horas ao emprego. Todos os dias. Ainda há pouco ela dizia a si própria: «Logo que as mulheres-a-dias tenham Caixa, deixo esta vida, fico a trabalhar só para as senhoras, onde ganho melhor e ainda tenho o almoço incluído».

__ **Agora, chego à conclusão de que o não posso fazer. Suponha que eu ficava só a trabalhar a dias, fazia oito horas diárias, e vinha uma altura em que adoecia. O subsídio de doença é de 60 por cento da importância sobre a qual se desconta. Quanto é que eu recebia por dia? Apenas 30$00, ou seja, 60 por cento dos 50$00 que a Caixa considera a remuneração de 8 horas. Quem é que pode viver com 30$00 por dia, ainda para mais, sem poder almoçar em casa dos patrões, como nos outros dias?**

Maria Cândida pensa também no futuro. No futuro que ela esperava ver desanuviado, depois de tantos anos de esforço para os outros.

Qual vai ser a minha reforma? Para receber uma pensão que me permita viver, tenho que me esfalfar agora, a trabalhar aqui e ali, até o corpo aguentar. Porque nós, as mulheres-a-dias, executamos os trabalhos mais pesados, arriscamos a saúde e, por vezes, a vida. E estamos completamente dependentes dos patrões. Nos meses de Verão, eles vão passar férias (na maior parte dos casos têm subsídios de férias...) e nós ficamos sem trabalho e sem ganho, à espera que regressem e nos chamem. Dizem que temos o trabalho que queremos, mas não é bem assim: no Verão temos muita dificuldade. E se resolvem despedir-nos, sem justa causa, a quem nos vamos queixar? Quem é que nos indemniza?

UM MÍNIMO DE GARANTIAS

Maria Cândida põe, assim, o dedo na ferida de uma profissão que não o chega a ser. E se é verdade que, hoje em dia, muitas «donas-de-casa» se queixam das «exigências» das mulheres-a-dias, isso acontece porque, tratando-se de um trabalho considerado «inferior» e ao qual a sociedade nunca conferiu a dignidade a que tem direito, a fuga das mulheres para outras ocupações mais rendosas económica e socialmente fez com que se alterassem os dados do mercado da oferta e procura de mão-de-obra. Por outro lado, essas queixas ignoram quase sempre, premeditadamente, factores como a subida geral do custo de vida, o avanço tecnológico que veio pôr ao serviço da casa instrumentos que permitem diminuir o esforço físico na execução do trabalho doméstico e o próprio aumento de vencimentos que se tem dado noutros sectores, especialmente em relação aos escalões mais elevados.

__ **As mulheres-a-dias deviam ter uma garantia mínima que lhes permitisse fazer valer os seus direitos quando estivessem em perigo. Era preciso que saísse um contrato colectivo de trabalho, como acontece em relação aos outros sectores, que nos assegurasse que não seríamos despedidas sem justa causa, e fixasse prazos e indemnizações. Devia, também, estabelecer um subsídio de férias e outro de alimentação para as trabalhadoras que não comem em casa dos pratrões, pois as remunerações são, de um modo geral, acrescidas de uma refeição por conta daqueles. Era preciso que tudo isto estivesse escrito, para não ficarmos nas mãos dos patrões.**

Irene Fernandes, 55 anos de idade, 20 dos quais **gastos** trabalhando a dias, deixou de andar «de senhora em senhora» quando se convenceu de vez de que nada tinha de esperar do esforço que despendia. O dinheiro que ganhava não lhe permitia juntar para o futuro

contrariamente à impressão que muito boa gente alimenta, sobre os miraculosos «pés de meia» das empregadas domésticas e mulheres a dias. Viúva, Irene Fernandes sabia que só consigo própria podia contar. Entrou há cinco anos para uma empresa comercial, como servente, e passou a descontar para a «Caixa». O seu horário é das 6 às 9 da manhã e só recentemente foi aumentada de 6$50 para 7$50 por hora. A única compensação são os direitos da Previdência, para onde desconta sobre o ordenado.

Já não estou muito nova para andar a fazer madrugadas. Se tivesse um trabalho durante o dia, que me desse garantias para a velhice, deixava a empresa.

A situação de dependência em que sempre têm vivido as mulheres a dias é testemunhada por Irene Rodrigues ao referir-se a um acidente que lhe roubou a saúde há 14 anos.

__ **A senhora onde trabalhava resolveu mudar de casa e, para não pagar a uma empresa de transportes, era eu quem mudava as coisas, de táxi. O carro teve um acidente, eu fiquei com a bacia fracturada. Estive dois meses e meio no hospital e no fim recebi 1.200$00 da companhia de seguros quase por esmola, depois de muito pedir. Da patroa, não recebi absolutamente nada, apesar de já lá trabalhar há quatro anos, fazendo o serviço de um moço de fretes... Nem sequer me disse «obrigada». Depois de tudo isto, uma mulher vê-se obrigada a ir para servente, onde ganha menos mas, sempre tem trabalho certo e algumas regalias.**

Irene Rodrigues: «Começo a não ter idade para sacrifícios e sou obrigada a continuar...»

UM REMENDO À ESPERA DE FATO NOVO

O emprego como serventes em empresas privadas veio, assim, remediar a situação das antigas mulheres a dias, garantindo-lhes alguma segurança, através da inscrição no Sindicato Nacional dos Contínuos e Porteiros do Distrito de Lisboa e nas Caixas de Previdência. Mas foi um remendo e não uma solução, já que o seu problema económico se agudizou, ao trocarem a remuneração média de 12$50 por hora pela de 7$50.

A solução não veio, como esperavam, com a publicação do decreto-lei que estende ao pessoal doméstico os direitos da Previdência.

Uma das muitas mulheres que divide o seu trabalho entre a empresa e a «patroa-dona de casa» e que, por motivos de segurança pediu para omitir o seu nome, confessa que se encontra extraordinariamente beneficiada em relação às suas colegas por ter encontrado trabalho em casa de estrangeiros. Mas, acrescenta, «do corpo me sai».

Faço seis horas para a empresa; três de madrugada e três à noite. Como sou encarregada, ganho 10$20 por hora. Este horário obriga-me a ter de dormir durante o dia; por isso acabo por ficar com pouco tempo livre de seguida. Mesmo assim, como não me sustentava com 60$00 por dia, arranjei trabalho num casal estrangeiro, que me paga 1.700$00 por mês, trabalhando duas horas por dia. O ideal era que a «Caixa» me desse garantias suficientes para não necessitar de trabalhar muito mais do que estas horas.

OUVIR OS TRABALHADORES

Maria das Dores, também servente, também mulher a dias, também **mulher** sacrificada desde a infância, também tem coisas a dizer sobre a legislação que estendeu «benefícios» da Previdência ao pessoal doméstico. E la sente que o seu trabalho, que o trabalho de muitas mulheres foi minimizado. (Quantas? Mil? Duas mil? Como saber, se a sua «existência profissional» não é reconhecida? Senão existe um organismo profissional que as reúna?)

__ **Uma mulher a dias, por oito horas de trabalho, deveria ganhar no mínimo, 120$00. Porque exigem muito dela. As pessoas querem sempre mais e melhor E vem uma idade em que já não pode mais. A sua situação devia, portanto, ser vista com mais justiça. O problema devia ter sido estudado de outro modo.**

Maria das Dores é uma mulher informada. O trabalho, apesar de intenso, não a absorveu ao ponto de lhe tirar as faculdades de raciocinar por si.

Acho que os trabalhadores deviam ter sido ouvidos, uma vez que se iam criar disposições que lhes dizem directamente respeito. Expunham os seus problemas, para que aqueles que fazem as leis ficassem esclarecidos sobre a sua situação real. Um inquérito tinha sido muito bom, até para levar as pessoas a ganharem à-vontade. Porque a maior parte delas tem medo de falar. E, por isso, acabam por não ficar devidamente esclarecidas. Penso que muitas mulheres a dias não vão beneficiar da Previ-

Maria Cândida: «O mínimo contrato de t

S A DIAS

Durante longos anos, estas mulheres e muitas outras esperaram por uma «Previdência» que lhes desanuviasse o futuro...

dência, por falta de esclarecimento. O que já não acontecia se fossem mais apoiadas, se não se sentissem sempre tão diminuídas.

EDUCAÇÃO: O CÍRCULO VICIOSO

Que futuro espera as mulheres a dias? Que futuro podem esperar, por outro lado, os seus filhos? Maria das Dores, com uma experiência de trabalho que vem desde os 11 anos, filha de mulher a dias pode ajudar a compreender o problema. Os raciocínios sobre o pessoal doméstico são quase sempre de ordem funcional. Quando saem deste esquema, dirigem-se frequentemente à sua «ignorância» ou à sua «falta de educação».

— **As mulheres a dias só podem dar o que receberam. Se as suas mães já trabalhavam e não as puderam educar; se elas, por sua vez, não podem educar convenientemente os seus filhos, por não encontrarem creches e jardins infantis onde os possam deixar, a culpa não é sua...**

Maria das Dores pode falar do que se passa não só consigo própria, mas também com todas as mulheres que têm identica ocupação. Os seus problemas são comuns.

No bairro onde moro, em Odivelas, 60 a 70 por cento das mulheres trabalham a dias. Onde é que deixam os filhos, se os únicos colégios que ali existem cobram 700$00 ou 800$00 por mês? Enquanto são bebés, não têm outro remédio senão entregá-los a uma ama, pagar-lhe 400$00 por mês, e trabalhar mais horas para compensar esta despesa...

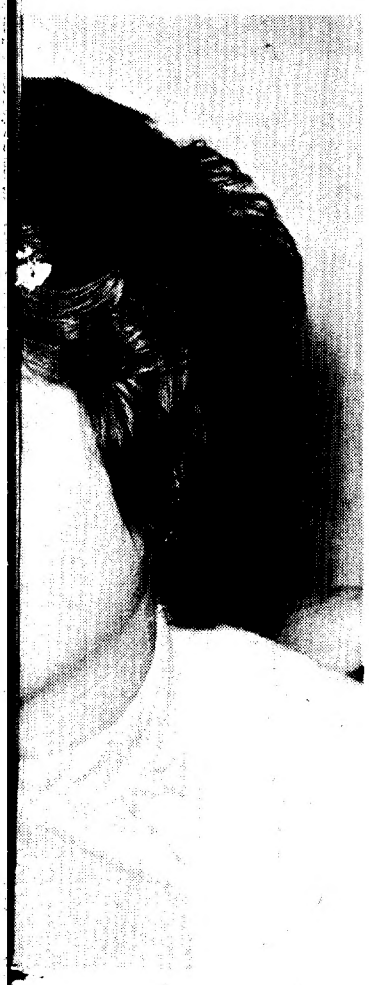
Depois, quando são mais crescidinhos, deixam-nos na rua, ou ao cuidado de uma vizinha mais velha. O que é que se espera dessas crianças? Que educação podem ter? À noite, a mãe chega a casa mais morta do que viva, mal tem tempo para saber o que os filhos fizeram durante o dia... Para que esta situação se modificasse, bairros como Odivelas precisavam de ter uma boa dúzia de creches e outros tantos jardins infantis, a preços acessíveis, também, às mulheres a dias.

Que poderão ser estas crianças? Maria das Dores sabe-o, através da recordação da sua própria vida. Filha de mulher a dias...

— **As mulheres a dias raramente mandam os filhos para o liceu. As rendas são muito caras, os maridos ganham pouco e a família tem necessidade do trabalho dos filhos logo que saem da escola primária. Depois, se fossem para o liceu, precisavam de andar mais bem vestidos, era preciso dinheiro para os livros, que estão caríssimos, para os transportes... Não era com os nossos ordenados que podíamos pagar tudo isto...**

Que espera os filhos das mulheres a dias, pois?

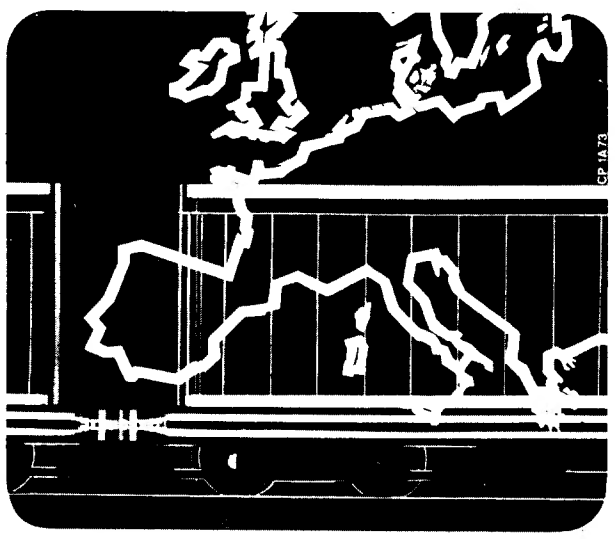
— **Os rapazes vão para as fábricas. Das raparigas, também já há muitas que se tornam operárias. Outras seguem a vida da costura. Mas ainda há muitas que vão para empregadas domésticas ou que seguem o rumo das mães.**



o que devíamos ter era um trabalho...»

Maria das Dores: «Ninguém quis saber quais os nossos problemas e a nossa situação...»

Para o transporte internacional de grandes contentores, toda a rede ferroviária europeia está ao seu dispor através da INTERCONTAINER



Consulte o seu Transitário ou os
Caminhos de Ferro Portugueses
Lisboa — Rua Vitor Cordon, n.º 45 Telef.: 36 69 35, 36 72 36
Porto — Estação de S. Bento Telef.: 22 7 55

Sotavento na rota do Sol

a partir de 3 de Junho
com paragem também em LOULÉ

Caminhos de Ferro Portugueses

NOTÍCIAS

— Os cães de Paris têm agora matrimonial. O estabelecimento em já como clientes os cães de Juliete Grego e de Jane Birkin...

— Cinema privativo para Farah do Irão. O seu preferido entre os filmes que viu este ano **César et Rosalie**.

— **Ludmila Tcherina, actriz pintora, está muito orgulhosa. Com razão. Obteve pelos seus quadros o prémio Gemini. Em 1958 esse mesmo prémio foi atribuído a outro pintor: um homem chamado Picasso. Na foto: Tcherina com André Malraux.**

— Esta jovem chama-se Mireille Nègre e era primeira bailarina do mais importante corpo de baile francês. Dançou com Nuriev e era bela, rica e admirada. Deixou, no entanto, tudo, e deu entrada no mosteiro de Limoges. A ordem que escolheu é uma das mais rigorosas, a das Carmelitas.

— Este senhor chama-se Anker Jurgensen e é chefe do Governo da Dinamarca. Antes de tomar qualquer decisão política importante, põe-se sempre nesta posição muito pouco ortodoxa. O **premier** diz, porém, que assim as ideias se lhe aclaram.

— Os suecos não hesitam, pelos vistos quando têm **boas** ideias publicitárias. Ei-los que lançaram uma marca de blue-jeans, e, para a anunciar escolheram nada mais nada menos do que Miguel Angelo e a sua cena da criação, com Deus

a oferecer blue-jeans a Adão para tapar a sua nudez.

— Em Inglaterra estão na moda e fazem mesmo o furor, os banquetes medievais. As pessoas comem, está bem de ver, com as mãos, e as refeições durante mais de quatro horas. Preço aproximado, 250$00. Locais: castelos medievais, pois claro.

— Os parisienses já podem comer menus congelados muito exótico. Há, por exemplo, a refeição africana (à escolha tromba de elefante, leão, macaco, caimão, etc...), ou a vietnamita bambu recheado, porco caramelisado, nugat).

RECEITA VAQUEIRO

LOMBO ASSADO COM BATATAS NOVAS

INGREDIENTES

Quilo e meio de lombo de vaca; uma fatia larga de toucinho; 125 gramas de Vaqueiro; um dente de alho; sal e pimenta, q.b., água, q.b.

PREPARAÇÃO

Tempera-se a carne com sal e pimenta, envolve-se com a fatia de toucinho e ata-se com um cordel para ficar em forma de cilindro. Coloca-se num tabuleiro, unta-se com a margarina e polvilha-se com o alho picado. Leva-se ao forno com um calor regular. Quando seja necessário deitam-se umas colheres de água. Cozem-se batatas novas, com pele, em água salgada e colocam-se em volta da carne uma hora antes de a tirar do forno. De quando em quando regam-se com o molho.

nova frescura!

novo prazer de lavar os dentes!

A nova Pasta Couraça – agora com cálcio – maior protecção e beleza para os seus dentes!

Saia e casaco desportivo com saia plissada e casaco semicomprido. A blusa, de seda, usa-se com um colete de pele.

SENSACIONAL...

Enceradora	1000$00
Secadores Cabelo	140$00
Aspiradores	1200$00
Frigoríficos Mol	1790$00
Panelas Pressão	290$00
Máq. de Lavar Automáticas	4500$00
Sofás Camas	1800$00

Mercado de Electrodomésticos

ESTRADA DE BENFICA, 705

RECEBA

1900$00

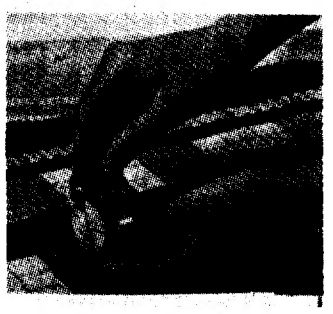
Pelo seu TELEVISOR usado na troca do novo PHILIPS a pronto ou em 24 mensalidades.

CASA M. L. FERREIRA — Rua de D. Estefânia, 48-A

MODA

Insistindo sempre no saia e casaco, Chanel apresentou, na sua colecção para o Outono, um ou outro modelo de calças para usar com casacos de «tricot». As suas criações tendem para o clássico e, diz quem sabe, não têm o mínimo toque de ousadia...

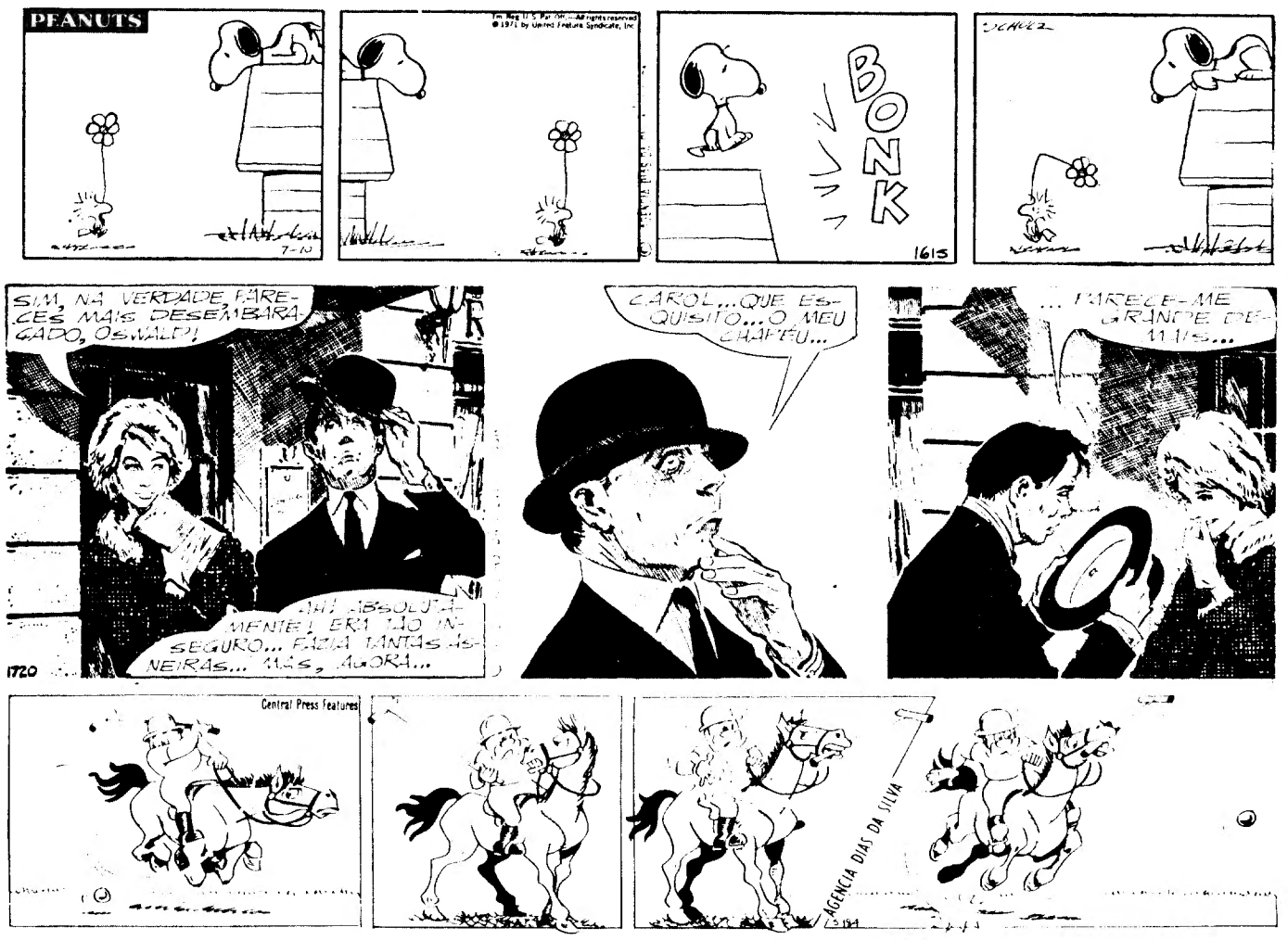
Conjunto de calças, blusa de «crépe» e casaco «cardigan» de lã multicolor com botões dourados.



UM CONSELHO

Dê um golpe ao longo de uma rolha de cortiça, introduza-lhe uma lâmina de barbear e terá, assim, um objecto cortante para papéis, tecidos, etc. Servirá, também, para raspador

Barbara Barrett, de 22 anos, é a primeira mulher piloto contratada pela Eastern Airlines, estando-lhe confiado o voo de Detroit para Miami, num «Electra Turboprop» ou num «Trijet 727». Tem 2800 horas de voo e faz parte dos 4 mil pilotos daquela companhia. (UPI-DL).

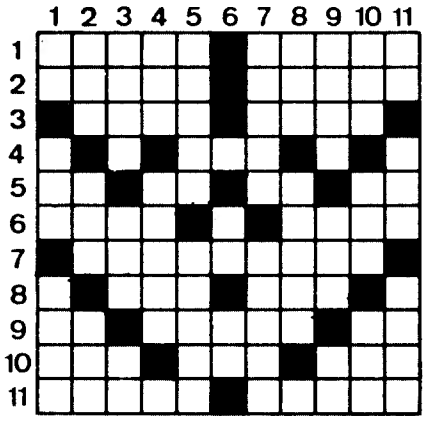


PASSATEMPOS PREFERIDOS

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10428

HORIZONTAIS:

1 Efemina. Ilha pertencente à província de Macau.
2 Azedos. Troçaram.
3 Pronome indefinido. Planta umbelífera.
4 Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943.
5 Átomo. Nota musical. O sono das crianças. Artigo indefinido.
6 Ave galinácea muito apreciada em culinária. Habita
7 Nome de mulher.
8 Ente. Espaço de doze meses.
9 Ósmio (s.q). Mio. Boro (S.q.)
10 Freguesia do concelho de Torre de Moncorvo. Prefixo que designa três. Madeira.
11 Dificuldade. Afie.



VERTICAIS:

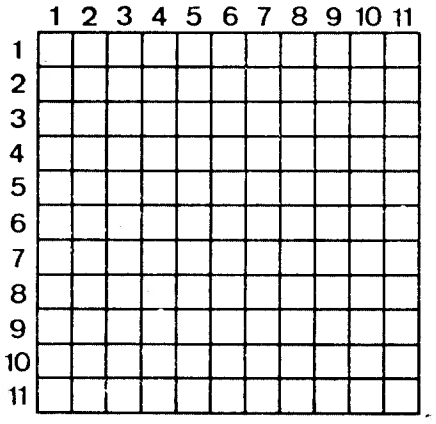
1 Deusa da Lua entre os Egípcios. Cidade de França. Lago de Itália
2 Setecentos em romano. Possui. Por baixo de.
3 Lavras. Chefe etíope. Nota musical.
4 Medicina. Arrombem.
5 Vasilha com asas. Brade.
6 Apelido. Atmosfera.
7 Urdo. Cintila.
8 Rio de França. Ovídeo.
9 Caminharia. Passado. Pronome pessoal.
10 Utensílios domésticos. Nome de fruto. Botequim.
11 Antes do meio dia. Alúmen. Está arriscado a.

Resolveu completamente este problema?
Procure em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6585

HORIZONTAIS:

1 Sacode. Impede.
2 Figura que simboliza o povo americano. Sua Senhoria (abrev). Oceano.
3 Prendem. Cidade da Jugoslávia.
4 Oferecerás. Exprimir por palavras.
5 Árvore da América. Querida.
6 Pedra de altar. A favor.
7 Besante.
8 O mais. Nesse lugar. Letra grega. Viração.
9 Ramificação (pop). Ansiedade.
10 Cidade do estado de São Paulo. Cantiga.
11 Solitários. Supremo Tribunal de Justiça (abrev). Preposição e artigo definido (pl).



VERTICAIS:

1 Vasilha com asas. Calhaus.
2 Derrotara. Conduzo.
3 Poisara no mar (o avião). Chefe etíope.
4 Cidade do estado da Baía.
5 Campeão. Apelido. Braço de mar.
6 Serviço Nacional. Mulo. Platina (s.q.).
7 O mesmo que bétele. Nota musical. Época.
8 Cidade da Colômbia. Sacrificara.
9 Sacrificara. Estava.
10 Cercado. Combino.
11 Ave trepadora. Pães de milho.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10427

HORIZONTAIS:

1 Limam. Carta.
2 Amare. Opiar.
3 Des. Mor.
4 It. Sares. RÃ.
5 Arm. Ser. Res.
6 Aam. BOM.
7 Azoar. Erros.
8 Uaimá.
9 Apa. Ema. Oba
10 COMER. Levar.
11 Aroma. Asara.

VERTICAIS:

1 Latia. Ameaça.
2 Im. TRAZ. Por.
3 Mad. Mão. Amo.
4 Ares. MAU. Em.
5 Mesas. Raera.
6 Réu. Mi.
7 COMER. Emala.
8 Após. Bra. Es.
9 Rir. Ror. Ova.
10 Ta. Remo. Bar.
11 Arras. Suara.

Provérbio: BOM COMER TRAZ MAU COMER.

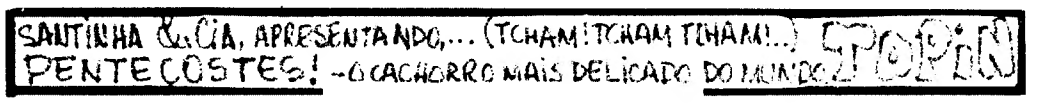
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6584

HORIZONTAIS

1 Samaritanos
2 Alamo. Âmago.
3 Atrás. Parra.
4 Arrã. Airó.
5 Aa. S. E.
6 Não Goa. Mio.
7 Or. Ardia. Om.
8 Resuma. Arada.
9 Maio Ovar.
10 Ada. Sim. Ira.
11 Lorpa. Visão.

VERTICAIS:

1 Saa. Anormal.
2 Alta. Areado.
3 Marrão. Siar.
4 Amara. Amo.
5 Rosa. Grã. Sa.
6 Cod. P. I.
7 Tapa. Aiá. MV
8 Amais. Aro.
9 Narrem. Avis.
10 Ogro. Iodara.
11 Soa. Somarão.



LAVORES E COZINHA

AS PEQUENAS COISAS DE UM CLUBE DE TERAPÊUTICA OCUPACIONAL

Junto da 3.ª enfermaria de mulheres do hospital liguel Bombarda, há uma sala que tem um letreiro porta a indicar «Clube dr. Fernando Medina» e à dentro, colado na parede, um papel onde se è: «O Clube destina-se às doentes e tem como ns: a) servir de agente terapêutico e ajudar na daptação momentânea ao ambiente hospitalar duante o tratamento activo; b) participar activamente os diversos processos de recuperação, utilizando guns meios ergoterapêuticos; c) colaborar na reintegração socio-familiar das doentes». Para «realiar» estes fins, dispõe o clube de duas enfermeiras, uas salas, dois ou três armários, um fogão de ozinha, uma máquina de costura e outra de apanar malhas, agulhas e linhas, televisor, rádio, gia-discos, vinte livros e doze revistas.

Algumas doentes interessam-se pelos trabalhos, outras mostram-se incapazes de sair do seu mundo obscuro.

E é tudo quanto têm, em maéria de terapêutica ocupacioal, doentes da 3.ª enfermaria: lgumas dezenas de mulheres, om sindromas que vão desde s psicopatias e as neuroses s psicoses. A enfermeira Maa de Lurdes Franco, tesoueira do clube, ao dizer-nos ue este é completamente auónomo, administrativa e financeiramente explica-nos, parialmente, as razões desta franciscana miséria».

O PRINCÍPIO FOI UMA RIFA

O Clube nasceu em 1966 e oi como que um derivativo de ma ideia que nunca chegou ter concretização por, entreanto, ter morrido o homem que rocurava desenvolvê-la e que om o seu «savoir-faire» e a ua experiência, estava à altua de por em prática uma emresa de tão grande responsailidade. Esse homem era um médico do Serviço de Socioterapia, o dr. Fernando Medina. certa altura, conscientes das mitações que o rodeavam, reolveu ir especializar-se para estrangeiro. Dos conhecimentos que ia adquirir nessa xperiência, da observação do u se faz lá fora, nos melhores ospitais psiquiátricos, em maéria ergo-terapêutica, iria o dr. ernando Medina tirar as baes para pôr em funcionamenum clube destinado a auxiar na recuperação dos doenes. Mas antes de poder conretizar a sua ideia, o dr. Ferando Medina morreu. Ficaam, no entanto, no ar, **umas oções do que ele pretendia azer. E começaram a desenolver-se algumas actividades ão estruturadas.**

A enfermeira Maria de Lurles Franco, com 11 anos de rabalho no Miguel Bombarda, oi quem mais teimou na ideia lo dr. Fernando Medina. Mas omo pô-la em prática? Mas nteressar as doentes e os médicos? Como arranjar diheiro? Foi no meio destas interrogações que a lembrança le uma rifa apareceu como ma tábua de salvação.

— Fizemos uma rifa de um rasco de colónia que não exisia: só depois de receber o prineiro dinheiro o pudemos comprar. Com o restante, comprámos as roupas para as doentes que iam representar na festa que, entretanto, resolemos fazer no hospital. Pusémos os bilhetes à venda e, depois de pagas todas as despesas, sobraram 60$00. Foi com isso que o clube começou.

OS PEQUENOS DINHEIROS

Hoje têm um pouco mais: o saldo do mês de Abril foi de 382$30. Dinheiro que resulta mais do «negócio» a que o clube se dedica do que da quotização. Esta representa uma parcela insignificante, pois o número de sócios não é nada brilhante: cerca de 50, dos quais 25 são as próprias doentes, que pagam 2$50 por mês e o restante é constituído por médicos e enfermeiras, que contribuem com 5$00 a 10$00.

O clube necessita, portanto, de se dedicar a actividades lucrativas. A enfermeira Maria de Lurdes anda de armazém em armazém e compra tudo o que lhe parece susceptível de ser vendido às visitas, com uma pequena margem de lucro. Sabonetes, águas de colónia, roupa interior, tudo pode ajudar a cobrir o fundo ao cofre. Mas o que rende mais são as bebidas com que, no Verão, as visitas se refrescam.

Com os lucros assim obtidos, compra-se o material de trabalho. Os objectos que as doentes confeccionam são depois vendidos sendo o produto da venda, depois de deduzido o valor dos materiais, dividido em partes iguais pela trabalhadora e pelo clube. Assim, se arranjam mais alguns tostões, com os quais se pode obter, por exemplo, meia dúzia de discos, ou custear uma excursão à praia.

UMA CONTINUAÇÃO DE CASA

As doentes ocupam-se de trabalhos manuais, daqueles a que convencionalmente se chama «femininos» e que correspondem a uma repetição ou um desenvolvimento do que fariam se estivessem em casa. OK clube conseguiu comprar uma máquina de costura e alguns quilos de ráfia, corda, feltro e fios de lã, com que se executam peças de vestuário, toalhas, «naperons», bonecos. De um modo geral, cada doente escolhe o material e o tipo de trabalho que prefere fazer e só o executa quando lhe apetece.

As enfermeira não esquecem que a finalidade primária do trabalho é a recuperação, vindo o lucro por acréscimo:

— Quando chegam ao hospital, as doentes fazem muito pouco e as coisas não ficam perfeitas. É preciso estimulá-las, interessá-las por uma ocupação pois de contrário ficam o dia inteiro com a cabeça deitada sobre a mesa, apáticas, ou nem sequer saem da enfermaria. Depois que começam a interessar-se e quando conseguem fazer qualquer coisa com perfeição, recebem alta e vão-se embora. Mas é precisamente para isso que aqui estão ...

Um dos desgostos de Maria de Lourdes é não ter uma cozinha que permitisse às doentes fazerem ali os seus cozinhados. Há uma sala reservada para isso, que até já tem um fogão, (oferecido por um médico), mas faltam-lhe mesa, bancos, utensílios, lava-louças. A divisão que deveria funcionar como casa de banho também nem sequer tem uma sanita. Maria de Lourdes «anda atrás» das empresas que fabricam estes objectos para ver se consegue alguma coisa ... Mas as divisões continuam vazias.

Algumas das doentes ocupam-se dos trabalhos de limpeza do clube, sendo por isso remuneradas. Uma encarrega-se da «loja» onde se vendem os objectos e uma outra «faz os recados».

Mas não existem ali actividades plásticas, onde pudessem projectar livremente o seu mundo interior.

Diz Maria de Lourdes Franco:

— Em tempos tivemos pintura, numa secção que eu própria dirigia. Mas acabou porque é uma actividade que fica muito dispendiosa. Também não fazemos trabalhos em barro por idênticas razões económicas.

A DANÇA DAS MESAS E CADEIRAS

O clube é, assim, uma espécie de continuação da casa. A enfermeira Maria de Lourdes acha que deste modo é que está certo. A enfermeira Cremilde, secretária, pensa do mesmo modo. O clube está praticamente nas suas mãos. Os outro membros da Direcção são uma doente e uma exdoente. O clube tem cinco sócios da classe médica, mas nenhum deles assume funções directivas ou orientadoras.

As doentes menos crónicas gostam de vir até ali (o clube está aberto das 9 e 30 às 12 e 30 e das 14 e 30 às 16 oras), para não ficarem em contacto com a enfermeria. Algumas parecem interessar-se pelos trabalhos, outras permanecem apáticas, incapazes de sairem do seu mundo obscuro. Raramente lêem. As que se interessam pela leitura já devem ter percorrido os escassos volumes que existem na biblioteca: 16 livros, quatro «magazines» policiais, duas revistas do Pato Donald, 10 revistas de aventuras. Os livros têm títulos como estes: «Gostar nem sempre é amor», «Ventura perdida», «O priimeiro amor», «Indigna farsa».

— Gostaria que nos oferecessem livros, pois o dinheiro não chega para os comprar — diz-nos Maria de Lourdes Franco.

A discoteca não é mais completa e as doentes já devem estar fartas de ouvir sempre os mesmos discos. Às vezes distraem-se jogando as cartas, o loto, o ludo, as damas, os cubos. À noite ligam o televisor ou a telefonia, que lhes foram oferecidas.

A sala onde trabalham e convivem está decorada com almofadas que elas próprias fizeram e tem um armário com as bugigangas do Natal que também sairam das suas mãos. Nas paredes, além do regulamento do clube, há fotografias das suas festas e excursões, «posters» (belos) com crianças, flores e aves e um com os «Estatutos do homem».

Mas depois das quatro da tarde, a sala fica quase nua. As mesas e cadeiras desaparecem.

— Este mobiliário pertence à enfermaria e faz lá falta. O clube nem sequer tem mesas nem cadeiras. É a nossa necessidade mais imediata e que nos vai levar todo o dinheiro que temos, se não houver outra solução.

AS FARRAS INOCENTES

Maria de Lourdes Franco procura dar ao clube um ambiente familiar. A ele entrega todo o seu esforço, quase isolado. Há 20 anos que trabalha em hospitais psiquiátricos. Por isso, não desconhece que as doentes têm necessidade de se libertar das salas de enfermaria. Precisam mesmo de fugir, por vezes, das quatro paredes do hospital. Então, Maria de Lurdes, com a sua colega Cremilde, organizam saídas colectivas.

— Além das festas e dos lanches que organizamos aqui, vamos ao cinema, ao Jardim Zoológico, à praia. Todos os anos vamos, também, jantar à Feira Popular. As doentes precisam de se distrair.

Uma das doentes mais lúcidas e activas, jovem de vinte e poucos anos, acena com a cabeça. Tem necessidade de falar.

— Gosto de ir ao cinema e à praia. Antes de estar aqui quase nem tinha tempo para isso. Estou internada há dois meses, devo ter tido um esgotamento, perdi a memória e só a pouco e pouco me fui lembrando das coisas, da casa da família. Tenho trabalhado muito, desde os 11 anos, numa fábrica, a casa para cuidar, o marido, uma criança pequena. Agora já estou quase boa e vou voltar para junto deles.

R.L.

Costuram, fazem «tricot», executam bonecos em rafia ou em feltro. Mas pouco lêem e não dispõem de actividades plásticas.

3 HORAS NO TEJO

A C. P. informa:

de que em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa, organiza aos domingos, desde 27 de Maio até 26 de Agosto, passeios no Tejo, numa das nossas embarcações.

PREÇOS:

Por passageiro adulto	18$00
Criança	9$00

HORARIO

Embarque na estação de Terreiro do Paço	15 horas
Desembarque na mesma estação ...	18 horas

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Terreiro do Paço).